

**Fundação Universidade Federal de Rondônia  
Núcleo de Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras  
Mestrado Acadêmico em Letras**

**EUNAIA DOS SANTOS MERCADO**

**LÍNGUA(S) E IDENTIDADE (S) DE IMIGRANTES BOLIVIANOS E  
VENEZUELANOS EM GUAJARÁ-MIRIM/RO, NA FRONTEIRA BRASIL/BOLÍVIA**

**PORTO-VELHO  
2023**

**EUNAIA DOS SANTOS MERCADO**

**LÍNGUA(S) E IDENTIDADE (S) DE IMIGRANTES BOLIVIANOS E  
VENEZUELANOS EM GUAJARÁ-MIRIM/RO, NA FRONTEIRA BRASIL/BOLÍVIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação Mestrado Acadêmico em Letras - PPGML, da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marília Pimentel Cotinguiba

**Linha de Pesquisa:** Estudos de Diversidade Cultural

**PORTO-VELHO  
2023**

Catálogo da Publicação na Fonte Fundação  
Universidade Federal de Rondônia - UNIR

---

M553l Mercado, Eunaia dos Santos.

Língua(s) e identidade(s) de imigrantes bolivianos e venezuelanos em Guajará-Mirim/RO, na fronteira Brasil/Bolívia / Eunaia dos Santos Mercado. - Porto Velho, 2023.

141f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Marília Pimentel Cotinguiba.

Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras - PPGML, Fundação Universidade Federal de Rondônia.

1. Imigração. 2. Línguas. 3. Fronteiras. 4. Identidades. 5. Bolivianos. 6. Venezuelanos. I. Cotinguiba, Marília Pimentel. II. Título.

Biblioteca Central

CDU 81(043.3)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA  
MESTRADO EM LETRAS

## LISTA DE VERIFICAÇÃO

### EUNAIA DOS SANTOS MERCADO

LÍNGUA(S) E IDENTIDADE (S) DE IMIGRANTES BOLIVIANOS E VENEZUELANOS EM  
GUAJARÁ-MIRIM/RO, NA FRONTEIRA BRASIL/BOLÍVIA

Dissertação apresentada em 13 de julho de 2023 ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras (PPGML) da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) como um dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pela banca examinadora constituída pelos docentes:

#### BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Marília Lima Pimentel Cotinguiba, Presidente da banca e Orientadora (UNIR)

Professora Dra. Lucimara Alves da Conceição Costa, Membro Interna (UNIR)

Professora Dra. Auxiliadora dos Santos Pinto, Membro Externa ao Programa (UNIR) Professor

Dr. Luiz Herculano de Souza Guilherme, Membro Externo (IFSC)



Documento assinado eletronicamente por **MARILIA LIMA PIMENTEL COTINGUIBA, Docente**, em 17/07/2023, às 20:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **LUCIMARA ALVES DA CONCEICAO COSTA, Docente**, em 17/07/2023, às 21:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Herculano de Sousa Guilherme, Usuário Externo**, em 18/07/2023, às 18:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **AUXILIADORA DOS SANTOS PINTO, Docente**, em 20/07/2023, às 12:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.unir.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.unir.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1412115** eo código CRC **5AD7F96D**.

## DEDICATÓRIA

A meu companheiro de vida, amigo, amor e esposo, Edmilson, que sempre esteve ao meu lado, pacientemente, me escutando e acalentando com palavras de ânimo e carinho nos momentos mais difíceis durante o processo da escrita desta dissertação. Aos meus filhos, Victor Hayká e Nicolas Noãh, que todos os dias enchem minha vida de alegria e momentos de renovação.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus que me guiou, iluminou e deu o dom da vida e, que colocou pessoas amigas ao meu lado nos momentos mais difíceis, dos quais, sempre no momento certo, tiveram palavras de sabedoria, carinho e esperança, o que permitiu que chegasse até esse momento.

Agradeço à CAPES/FAPERGO, pela Bolsa de estudos, que permitiu provimento e o melhor desenvolvimento ao longo do processo de estudos à campo.

Agradeço a minha orientadora, Professora Marília Lima Pimentel Cotinguiba, por toda orientação e tempo despendido para que pudesse ser desenvolvido um bom trabalho, e acima de tudo, por acreditar no potencial de contribuição social e científica desta dissertação.

Aos docentes do PPGML/UNIR *campus* Porto Velho, por todo conhecimento, empenho e dedicação nas aulas/disciplinas e, pelas indicações de estudos para meu crescimento pessoal e profissional.

A todos os membros da banca avaliadora de qualificação e defesa, Professor Doutor Luiz Herculano de Sousa Guilherme, Professora Doutora Lucimara Alves da Conceição Costa, Professora Doutora Auxiliadora dos Santos Pinto, por todas as contribuições a esta dissertação.

A todos os meus familiares, em especial, agradeço a meu pai e mãe, Eudine e Nair, que me ensinaram e educaram da melhor forma possível, foram (e são) a base da minha vida, fazendo que me desenvolvesse em um ambiente familiar saudável. Aos meus irmãos e irmãs, Eunicléia, Eucilene, Eucicley e Eudiney, pois tenho a eles como espelho de vida a seguir e, com eles cresci e aprendi a exercitar o sentimento de resiliência frente à momentos tristeza, e também de momentos memoráveis de felicidade.

As minhas amigas, das quais posso contar nos dedos, contudo, são como familiares consanguíneos, que cruzaram na minha vida e, residem em meu coração, em especial, a Diana, Elisângela, Emilly e Ivaniele. Com elas aprendi que todos os momentos são especiais, dos quais podemos ter conversas para crescimento pessoal, como também conversas aleatórias, apenas pelo gosto de estar e conviver em um espaço comum.

Aos meus amigos do Mestrado, Michely, Sâmela, Charliane e Alexy (bendito fruto entre as mulheres), pelo convívio e companheirismo durante todo processo

acadêmico.

A Professora Doutora Auxiliadora dos Santos Pinto, agradeço pelo incentivo e por acreditar em meu potencial, por ser uma grande amiga na qual contribuiu por todo meu processo acadêmico de amadurecimento, e nunca mediu forças para que sempre experimentasse e/ou vivenciasse o amadurecimento a partir de reflexões e leituras. Assim também, agradeço a Professora Doutoranda Márcia Dias, pelas palavras de esperança e fé, nos momentos que mais me senti frágil no processo de aprendizagem.

Por fim, agradeço a todos aqueles que fizeram parte da minha vida, diretamente ou indiretamente, e torceram por mim.

## EPÍGRAFE

*“No contato direto com migrantes percebemos cada vez mais e com maior clareza que ninguém migra por livre e espontânea vontade. Por trás de toda decisão de migrar esconde-se, sempre, um conjunto de condições concretas de vida que tornam tal decisão uma consequência inevitável.”*

*(Calvet, 1992, p. 165)*



MERCADO, Eunaia dos Santos. **Língua(s) e Identidade(s) de Imigrantes bolivianos e venezuelanos em Guajará-Mirim/RO, na fronteira Brasil/Bolívia**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação Acadêmico Mestrado em Letras/ PPGML- UNIR, *Campus* Porto Velho, RO, 2023.

## RESUMO:

O desenvolvimento do atual município de Guajará-Mirim/RO deu-se principalmente na segunda metade do século XIX a partir do intenso fluxo imigratório e migratório, motivadas pelos ciclos econômicos e por fenômenos históricos, políticos e sociais, sobretudo, por pessoas que almejavam melhores condições de vida. Destarte, o interesse para investigar esta temática surgiu a partir de minhas vivências e experiências com os imigrantes, além de aspecto, na maioria das vezes, conflituoso em que se dá o movimento imigratório, tanto no quadro cultural e linguístico, quanto nos enfoques burocrático e humanitário, no qual se realiza em grande parte das regiões fronteiriças. E por conseguinte, partimos da problematização de que forma são constituídas as línguas(s) e as identidade(s) dos imigrantes venezuelanos e bolivianos no município de Guajará-Mirim/RO, na fronteira Brasil/Bolívia. Para responder tal questão, utilizamos a metodologia de pesquisa do tipo bibliográfica e de campo, foi desenvolvida na perspectiva de estudos relativos à área da Linguística Aplicada - LA, com abordagem qualitativa interpretativista, de cunho decolonial, tendo como período de realização os anos de 2021 e 2022. Os dados foram coletados a partir de conversas informais, realização de entrevistas e utilização de instrumentais tecnológicos, tais como: máquina de fotografia, gravador, além de instrumentais materiais, tais como: questionários, estruturados e semi estruturados. Sendo fundamentados à luz do campo teórico-metodológicos propostos pelos seguintes autores: Laraia (2011), Hall (2016), Abdala Júnior (2002), Ferreira & Orrico (2002), Halbwachs (1990), Cotinguiba (2014), Moita Lopes (1996,2006), Orlandi (2007), Baeninger(2018,2020), Mignolo (2004 ) Calvet (2002 ) Candau ( 2019) e outros. Os resultados da pesquisa apontam que os imigrantes venezuelanos e bolivianos, em sua maioria, buscam por áreas fronteiriças e, essa mobilidade se dá, por vezes, pelo aspecto conflituoso que perpassa, principalmente, pelos aspectos linguísticos e burocráticos. Por outro lado, se percebe um esforço, ainda que inconscientemente, à manutenção da língua nativa, como forma de conservar e marcar pertencimento de suas respectivas culturas e das identidades. Além disso, pode-se identificar, pelo menos, mais dois fatores que sobressaltaram para favorecimento a este fator imigração fronteira, a busca por melhores condições de vida e o favorecimento à interação na cidade que já possui suas raízes históricas constituídas pelo aspecto intercultural e de hibridização linguística.

**Palavras-Chave:** Imigração. Línguas. Fronteiras. Identidades. Bolivianos. Venezuelanos. Guajará-Mirim

MERCADO, Eunaia dos Santos. **Language(s) and Identity(s) of Bolivian and Venezuelan Immigrants in Guajará-Mirim/RO, on the Brazil/Bolivia border.** Dissertation (Master) – Academic Graduate Program Master in Letters / PPGML- UNIR, Campus Porto Velho, RO, 2023.

#### SUMMARY:

The development of the current municipality of Guajará-Mirim/RO occurred mainly in the second half of the 19th century from the intense immigration and migratory flow, motivated by economic cycles and historical, political and social phenomena, especially by people who wanted better living conditions. Thus, the interest to investigate this theme arose from my experiences and experiences with immigrants, besides aspect, in most cases, conflicting in which the immigration movement takes place, both in the cultural and linguistic framework, as well as in the bureaucratic and humanitarian approaches, in which it is held in most of the border regions. And therefore, we start from the question of how the language(s) and the identity(s) of Venezuelan and Bolivian immigrants are constituted in the municipality of Guajará-Mirim/RO, on the Brazil/Bolivia border. To answer this question, we used the bibliographic and field research methodology, it was developed from the perspective of studies related to the area of Applied Linguistics - LA, with a qualitative interpretative approach, of a decolonial nature, having as a period of realization the years 2021 and 2022. Data were collected from informal conversations, interviews and use of technological instruments, such as: photography machine, engraver, as well as material instruments, such as questionnaires, structured and semi-structured. Being grounded in the light of the theoretical-methodological field proposed by the following authors: Laraia (2011), Hall (2016), Abdala Júnior (2002), Ferreira & Orrico (2002), Halbwachs (1990), Cotinguiba (2014) Moita Lopes (1996,2006), Orlandi (2007), Baeninger (2018,2020), Mignolo (2004 ) Calvet (2002 ) Candau (2019) and others. The results of the research indicate that Venezuelan and Bolivian immigrants, mostly, search for border areas and this mobility is sometimes due to the conflicting aspect that permeates, mainly, the linguistic and bureaucratic aspects. On the other hand, an effort is perceived, even unconsciously, to maintain the native language, as a way to preserve and mark belonging to their respective cultures and identities. In addition, it is possible to identify at least two more factors that have highlighted to favor this border immigration factor, the search for better living conditions and the favoring of interaction in the city that already has its historical roots constituted by the intercultural aspect and linguistic hybridization.

**Key words:** Immigration. Languages. Borders. Identities. Bolivian. Venezuelans. Guajará-Mirim

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### MAPAS

|   |    |
|---|----|
| Mapa 1 - Registro de movimentações de entradas e saídas do Brasil .....               | 24 |
| Mapa 2 - Localização geográfica do município de Guajará-Mirim ( fonte internet) ..... | 34 |

### FOTOS

|   |    |
|---|----|
| Foto 1 - Margem do Rio Mamoré visto pelo bairro Cristo Rei e divisa com a Bolívia.....  | 36 |
| Foto 2 - Fragmentos da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, vista no primeiro bairro constituído na cidade de Guajará- Mirim..... | 37 |
| Foto 3 - Vista área da divisa de Guajará-Mirim/RO e, Guayara-mirin/ Beni .....  | 39 |

### GRÁFICOS

|   |    |
|---|----|
| Gráfico 1 - Movimentos de entrada e saídas de imigrantes no Brasil (anos 2017 a 2022) .....   | 25 |
| Gráfico 2 - Registro geral de imigrantes do sexo feminino - Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados da PF e SisMigra(2011-2021)..... | 27 |
| Gráfico 3 - Imigrantes cadastradas no projeto que recebem (ou não) benefício governamental.....   | 63 |
| Gráfico 4 - Tempo de residência/ moradia em Guajará-Mirim.....  | 64 |
| Gráfico 5 - Situação de residência / moradia em Guajará-Mirim .....   | 65 |
| Gráfico 6 - Situação documental dos imigrantes: RNE/RNM .....   | 66 |
| Gráfico 7 - Situação documental dos imigrantes: CPF .....   | 66 |

## LISTA DE TABELAS

|   |     |
|---|-----|
| Tabela 1- Grau de escolaridade dos imigrantes cadastrados no projeto .....                        | 61  |
| Tabela 2 - Faixa etária dos imigrantes cadastrados .....  | 61  |
| Tabela 3 - Fonte de renda/ subsistência dos imigrantes .....                                      | 62  |
| Tabela 4 - Caracterização dos entrevistados/ colaboradores da pesquisa .....                      | 67  |
| Tabela 5 - Motivações da imigração.....   | 68  |
| Tabela 6 - Parentesco no Brasil .....   | 71  |
| Tabela 7 - Dificuldade encontrada no Brasil .....   | 73  |
| Tabela 8 - Motivação para vinda para Guajará-Mirim.....   | 76  |
| Tabela 9 - Palavras e expressões utilizadas pelos imigrantes na área ribeirinha urbana.....       | 78  |
| Tabela 10 - Marcações fonéticas fonológicas no discurso dos imigrantes.....                       | 79  |
| Tabela 11 - Integração no novo local .....  | 80  |
| Tabela 12 - Língua(gem] utilizada pelos imigrantes no espaço de fronteira .....                   | 85  |
| Tabela 13 - Dados sobre preconceito ou violência no espaço brasileiro .....                       | 89  |
| Tabela 14 - Participação na cultura local.....  | 92  |
| Tabela 15 - Característica do fluxo migratório .....  | 94  |
| Tabela 16 - Imigração: imagem pré-concebida dos sujeitos brasileiros.....                         | 95  |
| Tabela 17 - Processo de alteridade: como ajudar o próximo.....                                    | 99  |
| Tabela 18 - Imigração e o sentimento de pertencimento.....  | 107 |
| Tabela 19 - Entrada/ vinda para o estado de Rondônia .....  | 109 |
| Tabela 20 - Movimento fronteiriço .....   | 111 |
| Tabela 21 - Formação superior dos imigrantes venezuelanos .....                                   | 114 |
| Tabela 22 - Atual profissional em face à imigração forçada .....                                  | 114 |
| Tabela 23 - Status econômico estável à situação de vulnerabilidade.....                           | 115 |
| Tabela 24 - Situação econômica atual: melhoria de vida .....                                      | 116 |
| Tabela 25 - Violabilidade de direitos fundamentais versus atendimento das/ nas instituições ..... | 118 |

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EFMM – Estrada de Ferro Madeira Mamoré

ONU – Organização das Nações Unidas

*CAD ÚNICO* – Cadastro Único Nacional

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados

ONG – Organizações não Governamentais

PCPR II – Projeto Proteção, Prevenção e Resiliência da Covid-19

RNM – Registro Nacional de Migrante

RNE – Registro Nacional de Emigrante

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OIM – Organização Internacional para as Migrações

OBMIGRA – Observatório das Migrações Internacionais

STI – Sistema de Tráfego Internacional

SUS – Sistema Único de Saúde

SINCRE – Sistema Nacional de Cadastramento de Registro de Estrangeiros

SEMTAS – Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social

## SUMÁRIO

|   |            |
|---|------------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>15</b>  |
| <b>2 A IMIGRAÇÃO BOLIVIANA E VENEZUELANA NO BRASIL .....</b>  | <b>18</b>  |
| 2.1 Algumas considerações sobre imigração e refúgio .....   | 19         |
| 2.2 Espaço fronteiriço Brasil/Bolívia: ponto de chegada e “partida” de venezuelanos e bolivianos..... | 22         |
| 2.3 A legislação e os direitos linguísticos .....   | 27         |
| <b>3 LINGUA(GEM), CULTURA E IDENTIDADES PLURAIS .....</b>   | <b>33</b>  |
| 3.1 Guajará-Mirim: constituição de um povo em/na fronteira .....                                      | 34         |
| 3.2 Imigração e identidades culturais em Guajará-Mirim, na fronteira Brasil/Bolívia.....              | 40         |
| 3.3 Língua(gem), memória e discurso: a (re)constituição identitária do imigrante/refugiado .....      | 47         |
| <b>4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA .....</b>                                      | <b>54</b>  |
| 4.1 Procedimentos metodológicos da pesquisa .....   | 54         |
| 4.2 Caracterização dos sujeitos da pesquisa .....   | 58         |
| 4.2.1 <i>Os imigrantes e o espaço de (multi)fronteiras.....</i>                                       | <i>59</i>  |
| 4.2.2 <i>(Re)memoração e identidades linguísticas dos imigrantes .....</i>                            | <i>75</i>  |
| 4.2.3 <i>Contexto migratório: entrelaçamentos e dissonâncias .....</i>                                | <i>109</i> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>   | <b>124</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>  | <b>128</b> |
| <b>ANEXOS .....</b>   | <b>132</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

O 1º ciclo da borracha e a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré – EFMM promoveram a criação, ocupação e desenvolvimento do atual município de Guajará-Mirim/RO e de inúmeras localidades situadas na fronteira Brasil/Bolívia. Dessa forma, a povoação da região deu-se, principalmente, na segunda metade do século XIX, quando os migrantes nordestinos começaram a chegar na Amazônia. A eles seguiram outros imigrantes - indianos, gregos, chineses, barbadianos, espanhóis, cubanos, libaneses, norte-americanos, alemães e portugueses – que vieram construir a EFMM.

Ao longo dos anos, o município se desenvolveu e, nesse percurso, as correntes migratórias e imigratórias sempre foram intensas e motivadas pelos ciclos econômicos e por fenômenos históricos, políticos e sociais e, principalmente, pela “ausência” de auxílio humanitário e de insumos primordiais para manutenção de direitos básicos.

Sendo assim, o nosso interesse para investigar esta temática, surgiu a partir de minhas vivências e experiências com os imigrantes que vivem em Guajará-Mirim, na fronteira Brasil/Bolívia, tema estudado no Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) e também tema muito discutido nas reuniões de estudo e debates no Grupo de Estudos Interdisciplinares das Fronteiras Amazônicas – GEIFA, do qual sou membro desde o ano de 2017. Neste grupo, temos buscado esclarecimentos e, acima de tudo, refletido, criticamente, acerca do cenário, na maioria das vezes, conflituoso em que se dá o movimento imigratório, tanto no aspecto cultural e linguístico, quanto nos aspectos burocrático e humanitário.

Vale ressaltar que esses conflitos se acentuaram a partir da troca presidencial brasileira, uma vez que o Brasil, sendo signatário do tratado de paz da ONU, manteve a ajuda humanitária, sem contudo, contribuir, economicamente, como aconteciam com as gestões antecessoras, ocasionando um distanciamento dos países afetados por conflitos e a não aceitação de algumas intervenções humanitárias vindas do Brasil. Além disso, há também questões de natureza política, as quais interferem nesses processos imigratórios.

Nessa perspectiva, partimos das seguintes hipóteses: no município de Guajará-Mirim/RO, na fronteira Brasil/Bolívia, o processo de imigração de venezuelanos e bolivianos é intenso, fazendo-nos inferir que o contexto da fronteira

Brasil/Bolívia favorece essa interação, pois o espanhol é uma língua compreendida pelos habitantes da fronteira; as identidades linguísticas de imigrantes venezuelanos e bolivianos no município de Guajará-Mirim/RO, na fronteira Brasil/Bolívia, são constituídas a partir da interculturalidade e da hibridização, evidenciando interação sociocultural e linguística; os discursos, as linguagens e as identidades dos imigrantes venezuelanos e bolivianos no município de Guajará-Mirim, na fronteira Brasil/Bolívia, são constituídos a partir da multiculturalidade e da hibridização, evidenciando interação sociocultural e linguística; os imigrantes venezuelanos e bolivianos no município de Guajará-Mirim/RO, na fronteira Brasil/Bolívia, grande percentual, são adultos e sem instrução escolar, contudo, almejam melhoria de vida, através de trabalho digno. Mesmo sem parentescos consanguíneos não se abstiveram de enfrentar um local desconhecido para eles, em aspecto linguístico, cultural e social; a linguagem utilizada pelos imigrantes venezuelanos e bolivianos no município de Guajará-Mirim/RO, evidencia um processo de hibridização linguística, provavelmente, como uma estratégia de marcar o pertencimento e conservar elementos das respectivas culturas e das identidades.

A pesquisa foi norteada pela seguinte problematização: de que forma são constituídas as línguas(s) e as identidade(s) dos imigrantes venezuelanos e bolivianos no município de Guajará-Mirim/RO, na fronteira Brasil/Bolívia?

Para responder a esse questionamento, estabelecemos como objetivo geral: investigar alguns elementos do processo de constituição das línguas(s) e das identidades(s) linguísticas e culturais dos imigrantes venezuelanos e bolivianos no município de Guajará-Mirim/RO, na fronteira Brasil/Bolívia.

Para os objetivos específicos foi delimitado as seguintes asserções: identificar e caracterizar imigrantes venezuelanos e bolivianos no município de Guajará-Mirim/RO, na fronteira Brasil/Bolívia; registrar, a partir da memória discursiva, elementos das identidades linguísticas de imigrantes venezuelanos e bolivianos no município de Guajará-Mirim/RO, na fronteira Brasil/Bolívia; analisar elementos das identidades culturais de imigrantes venezuelanos e bolivianos no município de Guajará-Mirim/RO, na fronteira Brasil/Bolívia; contribuir para os estudos e pesquisas sobre o processo migratório no município de Guajará-Mirim/RO, na fronteira Brasil/Bolívia.

Esta investigação caracteriza-se pela relevância do estudo sobre as línguas(s) e as identidade(s) linguísticas e culturais dos imigrantes venezuelanos e



bolivianos no município de Guajará-Mirim/RO. Vale ressaltar que o contato e as relações com a população imigrante da fronteira em estudo, não se limita às questões históricas, geográficas ou políticas, que envolvem relações de poder, rupturas e representações singulares, e são perpassadas por questões sociais, culturais e linguísticas.

Quanto ao estudo e análise dos dados da pesquisa, estes foram fundamentados pelos pressupostos teórico-metodológicos dos Estudos Culturais e da História Oral, tendo como base os estudos dos seguintes autores: Laraia (2011), Hall (2016), Abdala Júnior (2002), Ferreira & Orrico (2002), Halbwachs (1990), Cotinguiba (2014), Orlandi (2007), Portelli (2006) e outros.

A metodologia de pesquisa utilizada foi do tipo bibliográfica e de campo, com abordagem qualitativa interpretativista, de cunho decolonial, tendo como período de realização os anos de 2021 a 2023, no município de Guajará-Mirim/RO, na fronteira Brasil/Bolívia.

Quanto à coleta de dados, a realização abrangeu, primeiramente, consultas a acervos bibliográficos e, posteriormente, a seleção de dados da transcrição de entrevistas descritos na presente dissertação. Para tanto, os dados foram coletados a partir de conversas informais, realização de entrevistas e utilização de instrumentais tecnológicos, tais como: máquina de fotografia, gravador, além de instrumentais materiais, tais como: questionários, estruturados e semi estruturados, e impressões com cópias das perguntas e consentimentos da entrevista.

Os pressupostos metodológicos de Gil (2008) foram subsídios para a análise e interpretação dos dados da pesquisa. Também recorreremos à área da linguística aplicada, com perspectiva decolonial, para poder viabilizar inteligibilidade no sentido das múltiplas vozes interconectadas a partir da prática social.

Por esse viés, também recorreremos ao processo de (re) memoração, que emanam os interdiscursos e a compreensão dos silenciamentos, pelos quais emergem a subjetividade do sujeito, que neste contexto de estudo abrangeu um estrato limitado de imigrantes venezuelanos e bolivianos no município de Guajará-Mirim/RO, na fronteira Brasil/Bolívia.

A seleção dos sujeitos foi feita a partir dos registros do *Cadastro Único Nacional- CAD ÚNICO* do município de Guajará- Mirim/ RO, e do banco de dados do projeto *Proteção, Prevenção e Resiliência da Covid-19*, levando-se em conta a idade, sexo e tempo de moradia no município *lócus* dessa investigação.

Assim, consideramos que esta pesquisa contribuirá, cientificamente, para os estudos sobre os discursos, as línguas(s) e as identidade(s) linguísticas e culturais dos imigrantes venezuelanos e bolivianos no município de Guajará-Mirim/RO, tema ainda pouco investigado nos ambientes acadêmicos do país.

## **2 A IMIGRAÇÃO BOLIVIANA E VENEZUELANA NO BRASIL**

Neste capítulo, abordaremos a partir de três (03) subdivisões de tema que se correlacionam para o entendimento de como a imigração foi (e está) se delineando, sobretudo, no processo histórico e social, no município de Guajará-Mirim, situada na região da Amazônia Rondoniense, na fronteira Brasil/Bolívia. Diante disso, apresentaremos um breve escopo de dados e apontamentos no que concerne a imigração para terras brasileiras e, em especial, como ele se constitui na cidade fronteiriça de Guajará-Mirim/RO. As três (03) subdivisões abordadas neste capítulo são necessárias para dialogar e/ ou refletir sobre quais aspectos motivadores e/ ou preponderantes para a ocorrência dos deslocamentos imigratórios, sobretudo, dos países boliviano e venezuelano.

Assim, apresentamos no primeiro tópico de tema algumas considerações sobre imigração e refúgio, à luz de dados quantificados por instituições responsáveis e/ ou humanitárias de acolhimento e que asseguram a mobilidade com base nas leis brasileiras vigentes. No segundo tópico de tema, intitulado “Espaço fronteiriço Brasil/ Bolívia: ponto de chegada e de “partida” de venezuelanos e bolivianos” será abordado o caráter do maciço processo de deslocamento para áreas fronteiriças, em vista do contato mais “acessível” com os familiares e/ ou possibilidade de retornar ao seu local de origem.

No terceiro tópico de tema, intitulado “ A legislação e direitos linguísticos” será ancorado, doravante, em abordagens e/ou apontamentos das leis vigentes em tratados e documentos internacionais, além da própria Constituição Federal de 1988, que preconiza o direito inviolável do livre acesso de imigrantes, desde que atendendo aos requisitos básicos para manutenção da segurança nacional e, seguridade à utilização da língua materna para a manutenção da identidade cultural e social do sujeito, ainda que sua equivalência de uso se trate de natureza imaterial.

## 2.1 Algumas considerações sobre imigração e refúgio

O movimento de migração e imigração não é uma singularidade dos tempos modernos, pois o próprio estudo histórico nos afirma a expansão de territórios a partir de embates e do grande fluxo de pessoas para outras localidades. Desta forma, tal fenômeno, visando à mobilidade das pessoas, ficou assegurado na Declaração Universal dos Direitos Humanos (UNICEF), previsto no art. 13, que diz: “Todo ser humano tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado. Todo ser humano tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio e a esse regressar.” Vale ressaltar que também há outros fatores que corroboram para o crescente fluxo imigratório, por exemplo os deslocamentos forçados<sup>1</sup>.

Segundo Jaime Nadal Roig (2018), representante do fundo de População das Nações Unidas no Brasil, a porcentagem de migração por fatores econômicos é a que mais cresce no mundo e, também, é necessário compreender que além de fatores econômicos, muitas pessoas se “movem” forçadamente. A esse fator concorre o grande desafio no século XXI: garantia de direitos aos migrantes e às migrações internacionais.

Dados da Organização Internacional para Migrações, de 2013, registraram mais de 230 milhões de pessoas de diversas origens em países dispares. No Brasil, o impacto devido ao grande número de refugiados foi registrado em 2010, com a entrada de haitianos fugidos da guerra e, em 2014, com a entrada maciça de venezuelanos. Segundo dados que constam na Revista científica internacional Mundorama (2017), no ano de 2014 havia 268 solicitações de visto/ refúgio de imigrantes venezuelanos, enquanto em 2017 foi registrado 5.787 solicitações para ingresso no Brasil.

Notadamente, registros de imigrações de países que se encontram em crise não é característica apenas dos tempos atuais, mas também da época da Segunda Guerra Mundial, assim como os deslocamentos forçados. Sobre esse último fenômeno, a Agência da ONU registrou que, até o final de junho de 2021, o número de refugiados ultrapassou 20,8 milhões, em comparação ao ano de 2020 foram mais

---

<sup>1</sup> “Termo pessoas deslocadas à força abrange refugiados, solicitantes da condição de refugiado, pessoas deslocadas internamente e venezuelanos deslocados para o estrangeiro, [...] exclui outras categorias, como repatriados e apátridas não deslocados. (Fonte: UNHCR- ACNUR – Agência da ONU para refugiados, 2022)

de 172,000 a mais pessoas solicitantes de refúgio. Desses, nesse período, havia 92.100 venezuelanos deslocados.

Há alguns fatores preponderantes para a vinda de pessoas de origem venezuelana para o Brasil, dentre eles, destacam-se as altas inflações, com elevação dos preços de insumos básicos, além da instabilidade política ocasionada por conflitos internos. Tal cenário, mostrou-se (e ainda se mostra) um fator preocupante, pois há uma demanda de entrada maciça de pessoas que necessitam de auxílio/ ajuda para suas necessidades básicas e a garantia de direitos fundamentais.

É importante ressaltar que, em 2018, o Governo Federal Brasileiro determinou medidas emergências para o acolhimento de migrantes e refugiados em situação de vulnerabilidade devido ao grande e desordenado fluxo migratório que se instaurou no estado de Roraima, isso em decorrência da crise da República Bolivariana da Venezuela. Dessa forma, a partir do decreto nº 9.285 de fevereiro de 2018, criou-se a Operação Acolhida,<sup>2</sup> em concomitante, a Presidência da República determinou medidas emergenciais visando o acolhimento dessas pessoas, e assinando a medida provisória nº 820 de fevereiro de 2018 que, posteriormente, foi convertida na lei 13.684/2018.

Em princípio, a Operação Acolhida estava organizada em três pilares, sendo eles: ordenamento da fronteira Brasil/ Bolívia; abrigo/ acolhimento de imigrantes da Venezuela; e Interiorização dos imigrantes. Contudo, a atuação entre as instituições governamentais e não-governamentais, tem sido tão exitosa no contexto de Operações de Ajuda Humanitária, ao ponto de ser reconhecida, nacionalmente e internacionalmente, por seu caráter imaterial de devolver, em certa medida, a esperança e a dignidade de milhares de venezuelanos.

Essa atuação harmoniosa e solidária entre os componentes militar e civil tem levado dignidade e esperança a milhares de venezuelanos, o que vem merecendo reconhecimento nacional e internacional, no contexto de Operações de Ajuda Humanitária. No intuito de aperfeiçoar continuamente a Operação Acolhida, o Ministério da Defesa, conforme estabelecido na Portaria nº 1.223/2021, de 10 de março de 2021, instituiu, em caráter temporário, a Secretaria-Executiva de Coordenação de Ações de Assistência Emergencial (SECAAE), para atender às atribuições conferidas,

---

<sup>2</sup> A Operação Acolhida tem sido coordenada em parceria do componente militar, denominado Força-Tarefa Logística Humanitária – FT Log Hum, e estão presentes cerca de 120 agências e instituições civis, sendo: Órgãos Governamentais, nos níveis federal, estadual e municipal; Organismos Internacionais (OI); Organizações não Governamentais (ONG) e a sociedade civil.

relativas ao acolhimento a pessoas em situação de vulnerabilidade decorrente de fluxo migratório provocado por crise humanitária. O funcionamento da SECAAE foi prorrogado por mais quinze meses, a contar de 1º de julho de 2022, conforme Portaria EMCFA-MD nº 3.448, de 23 de junho de 2022. (Brasil, Ministério da Defesa, 2022)

Desde o início da Operação Acolhida até novembro de 2022 foram beneficiados 89.645 venezuelanos no processo de interiorização<sup>3</sup>, destes a maioria foi recebida nas cidades de Curitiba, Manaus, São Paulo, Dourados e Chapecó. Para auxiliar nesse processo, montou-se treze (13) casas de passagens<sup>4</sup> e um (01) alojamento de trânsito em Manaus. No que se refere ao estado de Rondônia, foram recebidos por este processo 855 migrantes e, se tem uma (01) casa de passagem em Porto Velho, na casa de Direito. Além desse benefício, tem-se em conta outros tipos de atendimento aos migrantes, tais como: apoio à integração socioeconômica; transferências de multipropósitos; kit de higiene; consultas médicas; cestas básicas, dentre outros.<sup>5</sup> No *lócus* desta pesquisa, a cidade de Guajará-Mirim/RO, como foi dito anteriormente, recebeu a porcentagem de 5% dos deslocamentos no processo de interiorização, mas há uma modalidade menos conhecida que ocorre de entrada e/ou saída da cidade, está se tem notícia que é feita ao caminho percorrido pelo Peru, descendo pelas cidades da Bolívia e cruzando as fronteiras do Brasil.

Nesse contexto, é preciso destacar que a cidade de Guajará-Mirim mantém laços de proximidade com a cidade de Guayaramerín, dada suas relações econômicas, sociais e culturais. O espaço de divisão fronteiriça entre Guajará-Mirim/ Brasil e Guayaramerín/ Bolívia é cortada pelos rios Mamoré e Guaporé, e conta com a agência fluvial de travessia no processo de embarque e desembarque de pessoas e/ ou mercadorias. Essa travessia transcorre em menos de cinco minutos pelo rio facilitando o contato entre as duas cidades fronteiriças. Contudo, há outras subnotificações de travessias que não se passam pelo Porto Oficial Fluvial, a este todos conhecem como peck- peck, que nada mais é senão pequenas embarcações que realizam de modo ilegal travessias de pessoas e/ou coisas rotineiramente. Doravante, muitos que adentram, no movimento de deslocamento ou fixação em Guajará-Mirim, tem possibilidade de transição ou permanência de forma

---

<sup>3</sup> É uma estratégia para diminuir a pressão nos serviços públicos do estado de Roraima, além de visar a inclusão socioeconômica dos migrantes nas demais cidades brasileiras.

<sup>4</sup> Fazem parte do processo de interiorização e visam o apoiar os Venezuelanos por alguns dias até seu embarque em Boa Vista ou Manaus e o local de destino final.

<sup>5</sup> Ver mais informações em: <https://brazil.iom.int/pt-br/dados-e-informacoes>.

legal ou ilegal na cidade. A partir do processo de escuta e cadastros realizados pelo Projeto Proteção, Prevenção e Resiliência da Covid-19 – PCPR II / 2022<sup>6</sup> de migrantes, especificamente, bolivianos em Guajará-Mirim podemos observar esse fato. Ao tomarmos nota de dados, analisamos os mais de 100 cadastros, especificamente, de migrantes bolivianos, e pelo menos 41 cadastros tem como titular pessoas que não possuem documentação requeridas na Polícia Federal, em outros casos também podem ser observados que, alguns deles fizeram em algum momento da entrada em terras brasileiras, o pedido inicial do RNM/RNE e retirou o CPF, contudo, não prosseguiram com as renovações previstas em lei.

Sobre esse fator de imigração boliviana, há uma facilidade, por assim dizer, pois as fronteiras geográficas entre Guajará -Mirim/RO e Guayaramerín/ BO, sempre foram vistas apenas nos mapas, mas suas relações econômicas e sociais sempre foram muito vivas e constantes no município de Guajará-Mirim.

## **2.2 Espaço fronteiriço Brasil/Bolívia: ponto de chegada e “partida” de venezuelanos e bolivianos**

Atualmente, no norte do Brasil, há o maior fluxo de entrada de imigrantes, especialmente, venezuelanos, sendo a principal entrada a fronteira terrestre de Santa Elena de Uaien e Pacaraima (RR). Conforme dados do IBGE de 2015, Roraima perfazia uma população de 505.665 habitantes, porém até janeiro de 2018, foram registrados mais de 40 mil imigrantes venezuelanos. Segundo Lemos e Zaganelli (2018), em Boa Vista, haviam 500 venezuelanos em abrigos e, no município de Pacaraima, os serviços públicos estão sobrecarregados. Sobre essa questão, segundo a organização Human Rigts Watch<sup>7</sup> (2017), doenças tais como: AIDS, tuberculose, malária e dengue são as que mais levam os imigrantes a procurarem ajuda no Sistema Único de Saúde - SUS. Vale ressaltar que, se aponta para super lotações e sobrecarregamentos no que concerne aos cuidados, principalmente, ligados à saúde, nas áreas que receberam o fluxo maior de imigrantes venezuelanos. Contudo, já haviam registros de despreparo administrativo

---

<sup>6</sup> Projeto que trabalha em conjunto com a Pastoral do Migrante, CNBB e Caritas Luchenburg. visando o cadastramento para ajuda humanitária aos imigrantes e comunidade de acolhida, com frentes de ajuda desde atendimento psicológico, financeiro, atenção básica em alimentação, higiene pessoal, dentre outros. Em Guajará-Mirim, o projeto teve vigência no período de fevereiro a outubro de 2022.

<sup>7</sup>“Human Rights Watch é uma organização internacional de direitos humanos, não-governamental, sem fins lucrativos, contando com aproximadamente 400 membros que trabalham em diversas localidades ao redor do mundo” (FONTE: HUMAN RIGHTS WATCH, 2022).

em relação aos cuidados da saúde da população antes da imigração em massa.

Quanto à questão inicial, de espaços fronteiriços enquanto ponto de entrada e “partida”, Silva; Lima *et al.* (2017 e 2018) *apud* Castro; Fernandes *et al.*, 2018, p. 437) nos afirma que há padrões distintos para entrada no território brasileiro, via cruzamentos de regiões, no caso de venezuelanos é por Roraima. Simões (2017) *apud* Castro; Fernandes *et al.*, (2018, p. 439) ainda nos afirma que, para esses imigrantes “[..] há uma clara preferência por estados da região norte, principalmente, o Amazonas, ou mesmo ficar na região próxima à fronteira.” Quanto à diáspora venezuelana, diferente da haitiana, é preciso considerar que do total de entradas apenas 30% indicam permanência no país, possivelmente, pela esperança de melhorias no seu país de origem.

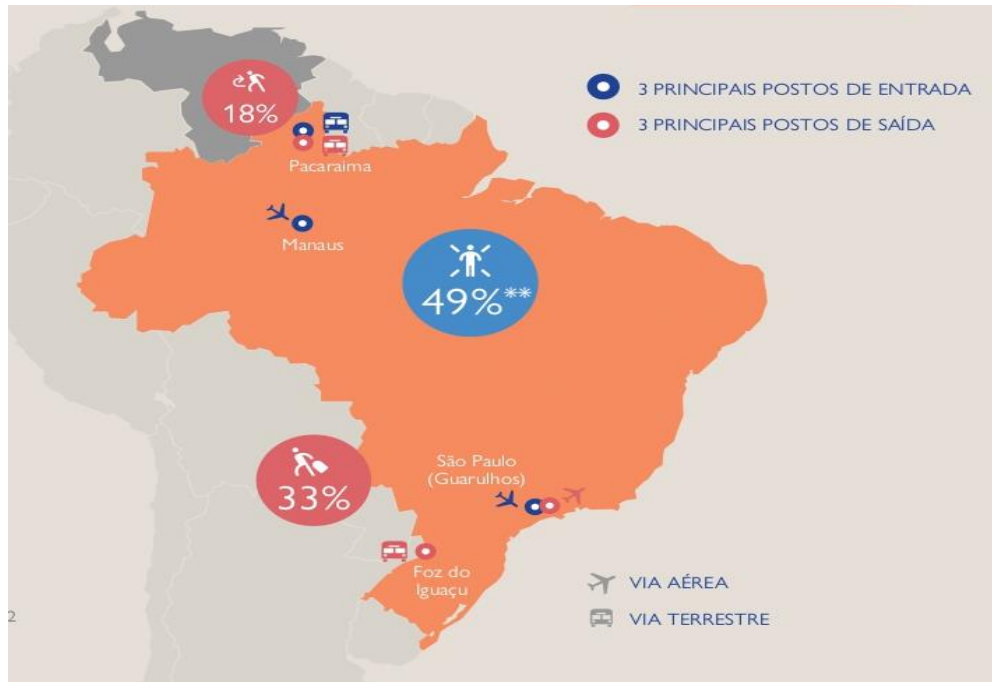
O fato é, todos os dias, cerca de cinco mil pessoas deixam a Venezuela, o que caracteriza o maior movimento populacional da história recente, conseqüentemente, necessita de acolhida e garantia de seus direitos fundamentais. Desta forma, o foco deste estudo é: como é constituída a(s) língua(s) e a (s) identidade (s) dos imigrantes venezuelanos e bolivianos na cidade de Guajará-Mirim/RO? Nessa perspectiva, faz-se necessário buscar mecanismos de estudos que colaborem na compreensão e/ou estabelecimento de como estão ocorrendo as correntes migratórias nos espaços de fronteiras, especialmente em Guajará- Mirim/RO, na fronteira Brasil/ Bolívia.

Dados mais atualizados sobre as imigrações venezuelanas, que foram quantificados entre janeiro de 2017 a outubro de 2022 pela Organização Internacional para as Migrações<sup>8</sup> – OIM, apontam que ocorreu no Brasil o número de 808.162 registros de entradas e 410.940 de saídas. Destes registros, os três pontos principais de entrada foram pelas cidades de Pacaraima (via terrestre), Manaus (via aérea) e Guarulhos (via aérea) e, os registros de saída foram pelas cidades de Pacaraima (via terrestre), Guarulhos (via aérea) e Foz do Iguaçu (via terrestre). Vale ressaltar, também que, o Ministério da Casa Civil, aponta que entre os anos de 2017 a 2018, há ocorrência de saídas em menor escala nas cidades de Guajará-Mirim (RO) e Uruguaiana (RS), registrando cada uma delas a saída de 5% dos venezuelanos. Abaixo, a partir do mapa 1, podemos observar o fluxo de ocorrência

---

<sup>8</sup> A OIM é uma organização intergovernamental que promove a migração humana e oferece múltiplas frentes de apoio ao migrante em consonância com a ONU. No Brasil, ela possui 11 pontos de apoio em cidades e tem sua sede em Brasília.

migratória no Brasil entre os anos de 2017 a 2022.



**Mapa 1 - Registro de movimentações de entradas e saídas do Brasil<sup>9</sup>**

Com efeito, ao analisarmos os registros de entrada entre os anos de 2017 a 2022, temos o equivalente de maior fluxo registrado no ano de 2019, com o número de 236.405 pessoas. Esse dado, se comparado ao ano de 2022, registrou menores indicadores de entrada, contudo, não se pode pressupor que o fator decisivo dessa diminuição foi referente a melhorias na situação econômica que a Venezuela enfrentava (e ainda enfrenta)<sup>10</sup>.

Vale ressaltar que nos períodos do entremeio, 2020 a 2021, foi declarado, mundialmente, situação de emergência pandêmica da Covid- 19<sup>11</sup> e, desta forma, nas fronteiras foram cessados e/ou diminuídos os recebimentos de novos imigrantes no Brasil. Como podemos observar abaixo, no gráfico 1, os períodos que equivalem à pandemia, não só se teve menos registros de entrada, como também, se quantificados em somatória, ambos se aproximam do número de registros de entrada equivalente apenas ao ano de 2022 com as fronteiras abertas aos

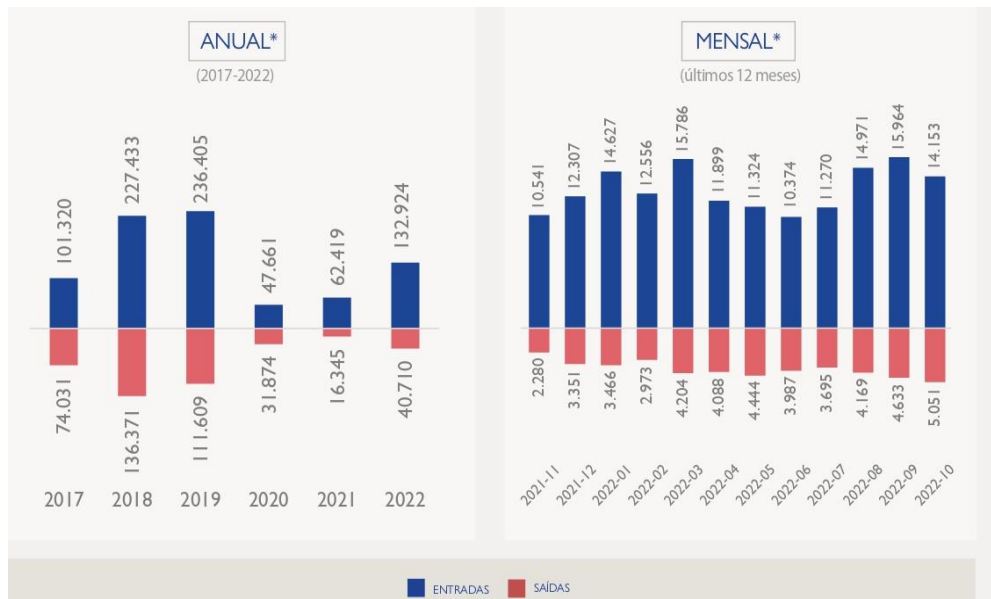
<sup>9</sup> O mapa encontra-se disponibilizado no site da OIM, sendo elaborado pelo Observatório das Migrações Internacionais -OBMIGRA, a partir de dados da Polícia Federal, Sistema de Tráfego Internacional -STI.

<sup>10</sup> Ver o site: <https://www.gov.br/pt-br/especial-venezuelanos>

<sup>11</sup> Para mais informações ver site das Nações Unidas, disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/03/1706881>



imigrantes.



**Gráfico 1 - Movimentos de entrada e saídas de imigrantes no Brasil (anos 2017 a 2022)<sup>12</sup>**

Ainda nesse contexto de apontamentos de dados de entrada, é importante saber a situação documental, perfil populacional e ações de mobilidade voltados para cuidados com a saúde dos imigrantes que estão no Brasil. Dessa forma, têm-se registrados 329.938 autorizações de residência (residência temporária + residência por tempo indeterminado); 94.467 solicitações de reconhecimento da condição de refugiado em tramitação; 51.599 refugiados reconhecidos; e 450.815 CPFs emitidos. No que concerne ao perfil dessas pessoas, 52% são do sexo masculino e 48% do sexo feminino, tendo como faixas etárias: 12% de 0 a 06 anos; 6% de 07 a 11 anos; 8% de 12 a 17 anos; 34% de 18 a 29; 37% de 30 a 59 anos; e 3% de 60 anos ou mais. Relacionado às ações de cuidados preventivos para saúde, foram registrados 5.104 beneficiários de consultas médicas, 4.257 beneficiários vacinados com apoio da OIM e 982 beneficiários de kit's de higiene (Wash) .

Quanto aos dados sobre a imigração boliviana, é necessário destacarmos que essas datam de muito tempo e, as motivações, diferentes da diáspora venezuelana, advém, principalmente, das relações comerciais e sociais mantidas com a cidade gêmea, Guajará-Mirim/RO. Nesse sentido, segundo Birol (2018, p.317), entre “[...] 1960 a 1990, o número de brasileiros em países como Argentina, Bolívia, Colômbia,

<sup>12</sup> Gráfico disponível no site da OIM - <https://brazil.iom.int/pt-br/dados-e-informacoes>

Chile, Peru, Venezuela vem diminuindo, enquanto que o número dos nacionais destes países no Brasil aumentou.” De outra forma, ela também nos aponta, especificamente, dados relacionados à emigração e à imigração<sup>13</sup> da Bolívia para o Brasil entre os anos de 1960 a 1992 que marcou entre 8.049 até 15.694 imigrantes. Em dados de 2010, a mesma autora nos afirma que a nacionalidade de maior registro de frequência no Brasil, tanto em dados do IBGE quanto da Polícia Federal, é da Bolívia, atingindo o número de 20% dos registros de Sistema Nacional de Cadastramento de Registro de Estrangeiros – SINCRE e 15% do IBGE.

Corroborando essa afirmativa, dados mais recentes do Obmigra, entre 2011 a 2015, indica que “[...] a imigração boliviana era a mais volumosa, o que se refletia no número absoluto de mulheres (26.108) e crianças (5.384), caindo no período de 2016 a 2000 para 15.701 e 4.538, respectivamente.”

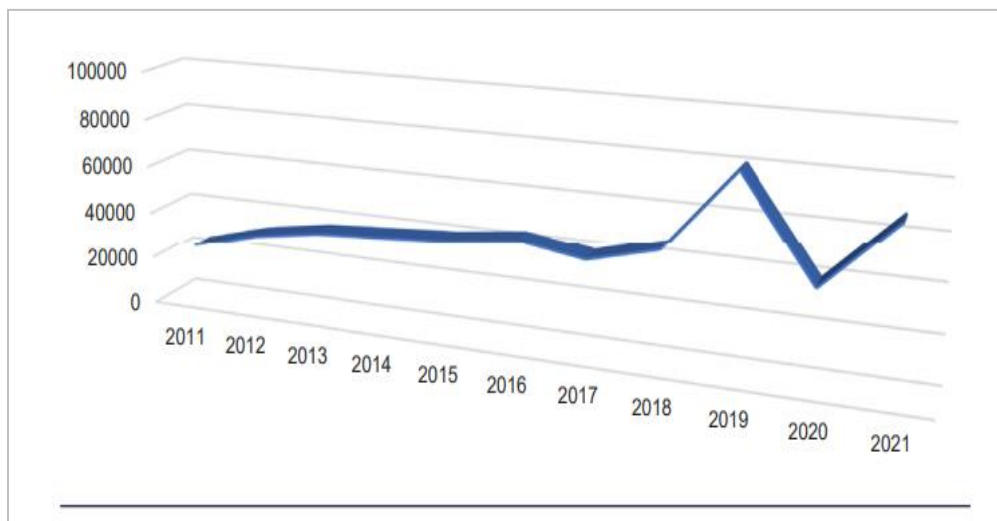
É importante ressaltar que em 2014 houve um registro maior de entradas de mulheres cubanas (3.718) em relação às bolivianas (3.206). Contudo, esse fato não se revelou nos anos seguintes, o que apontou para a possibilidade da diferença superior ser devido a implementação do Programa Mais Médicos.<sup>14</sup> Ainda em 2014 há o registro de entradas de 3.233 haitianas, diferença essa de 27 a mais que a de bolivianas, entretanto, no ano de 2015 o número de haitianas passou a ser mais consolidado e muito superior ao de bolivianas, marcando o registro de 5.301 até o ano de 2018, quando foram superadas pelos registros de mulheres venezuelanas no Brasil.

Vale ressaltar que, em números gerais, o Sistema de Registro Nacional Migratório- SisMigra, registrou em 2011 um total de 74.339 de imigrantes, sendo 24.262 mulheres (32,6%), 4.363 crianças (5,9%) e 4.959 adolescentes (6,7 %). Já em 2021, tem-se registrado um total de 67.772 mulheres (44,8%), 29.795 crianças (19,7%) e 14.555 adolescentes (9,6%). E, ao levarmos em conta o ano de início impactado pela pandemia do Covid -19, o número total de mulheres tem seu registro histórico de 80.711 de imigrantes no Brasil, conforme podemos observar no gráfico a seguir.

---

<sup>13</sup> A autora se apoia na perspectiva conceitual de Teresi; Healy, que aponta a imigração significa entrar em um país que não é de origem/ nascimento e se estabelece em um outro país de destino (vista desde a perspectiva do país de destino); enquanto emigração significa sair para se estabelecer em outro país (vista da perspectiva de país de origem)

<sup>14</sup> O Programa Mais Médico -PMM foi criado pela Lei nº 12.871, de 22 de outubro de 2013 e visa promover o alcance máximo de atendimento básico aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), funcionando a partir do esforço do Governo Federal em conjunto aos estados e municípios.



**Gráfico 2 - Registro geral de imigrantes do sexo feminino -  
Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados da PF e  
SisMigra(2011-2021)**

Um dado importante do ano de 2010 é que há um grande número de estrangeiros residentes nas cidades fronteiriças, sendo elas: Porto Murtinho e Ponta Porã (MS), Bonfim (RR), Foz do Iguaçu (PR) e Guajará-Mirim (RO), que é superior à média nacional de 0,2% da população. No que se refere, especificamente, à cidade de Guajará-Mirim, em 2010, a população total estrangeira equivalia a 1338, destes 1317 eram de nacionalidade boliviana, sendo: 571 homens e 767 mulheres. Em porcentagem esse valor equivale a 3,21% da população total.

### 2.3 A legislação e os direitos linguísticos

A Constituição Federal Brasileira de 1988, dispõe como um dos direitos fundamentais, no artigo 1º, inciso III a dignidade da pessoa humana, artigo 3º, incisos I, III e IV, construção de uma sociedade justa e solidária, assim como a promoção do bem de todos, sem quaisquer discriminações, além da redução das desigualdades. Ainda no artigo 4º, lê-se, claramente, a prevalência dos direitos humanos. A partir disso, entende-se que, mesmo que uma pessoa não seja contribuinte direto ao poder financeiro do país, a esses serão resguardados os direitos da dignidade humana.

Ainda sobre este tema, a lei nº 8.742, de dezembro de 1993, assegura a promoção de assistência social para quem estiver em situação de vulnerabilidade, independe de ser contribuinte pecuniário ou de contraprestação.

Destarte:

A assistência social, direito do cidadão e dever do Estado, é Política de Seguridade Social não contributiva, que provê os mínimos sociais, realizada através de um conjunto integrado de ações de iniciativa pública e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades básicas (Brasil, 1993).

Para garantir a entrada da grande demanda de imigrantes venezuelanos no Brasil com protocolos de refúgios previstos em lei, o Governo Federal utilizou-se da hipótese legal da Lei 9.474/97, além de acordos internacionais anteriormente instaurados, tais como: do Mercosul; de Haia, protocolo de Ushuaia, Declaração de cartagena, dentre outros pactos. Todos esses aparatos jurídicos foram colocados em ação para que o Brasil, enquanto signatário da paz, pudesse acolher aos imigrantes na fronteira.

A base legal 9.474/97 foi o mecanismo para amparar e/ ou ampliar ainda mais a Convenção da ONU em Genebra, tendo como guardião o Alto Comissariado da Nações Unidas para Refugiados- ACNUR<sup>15</sup>, relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951, no qual o objetivo crucial é atender e dar proteção às pessoas forçadas a se deslocar.

O Brasil é parte do primeiro grupo de países que adotou a Convenção por ocasião da Conferência de Plenipotenciários sobre o Status de Refugiados e Apátridas de 1951. O país ratificou a Convenção em 16 de novembro de 1960. A Lei Brasileira de Refúgio (9.474/1997) implementa no país os mecanismos da Convenção de 1951, sendo considerada uma das mais avançadas legislações nacionais sobre o tema ( ACNUR, 2021).

Há que se mencionar, também, a Declaração de Cartagena (1984), a qual é considerada um marco para o trabalho humanitário em toda America Latina e, junto a ela, também foram adotadas a Declaração de São José sobre Refugiados e Pessoas Deslocadas (1994), a Declaração e o Plano de Ação do México para fortalecer a Proteção Internacional de Refugiados na America Latina (2004) e a Declaração de Brasília sobre a Proteção de Pessoas Refugiadas e Apatridas (2010).

É importante mencionar que, além do refugiado gozar dos direitos e deveres de estrangeiro, terá direito à cédula de identidade que comprove sua condição jurídica, carteira de trabalho e documento de viagem. E, ainda, o ingresso no Brasil, de forma irregular, não se constitui impedimento para o estrangeiro solicitar refúgio às autoridades competentes. Dessa forma, não é cabível haver deportação do refugiado quando sua vida estiver em perigo ou a sua liberdade ameaçada. Por

---

<sup>15</sup> É fomentada por doadores, apoiadores, empresas corporativas e instituições governamentais de diversos países, para ser guardiã da convenção de 1951, e incidir na proteção de refugiados. Atuando junto aos estados para que sejam aplicados os princípios políticos e legislativos que assegurem ao refugiado o direito de acolhida.

outro lado, qualquer benefício invocado por refugiado considerado perigoso, ainda que previsto em lei, será resguardada às autoridades brasileiras manter a segurança nacional.

Art. 5º O refugiado gozará de direitos e estará sujeito aos deveres dos estrangeiros no Brasil, ao disposto nesta Lei, na Convenção sobre o Estatuto dos Refugiados de 1951 e no Protocolo sobre o Estatuto dos Refugiados de 1967, cabendo-lhe a obrigação de acatar as leis, regulamentos e providências destinados à manutenção da ordem pública.

As imigrações também estão amparadas no tripé, assistência social, saúde, e previdência, que são organismos trabalhados em conjunto. Apesar da natureza previdenciária requerer do poder contributivo do erário, a natureza da assistência social, por outro lado, deve atender a todos que dela necessitarem, em situação nativa ou irregular no país.

No caso do demandante da assistência social não ser brasileiro ou se encontrar em situação irregular no País, isso não deverá ser considerado obstáculo para seu acesso à política pública de assistência social, visto que a necessidade de proteção social é real, existe (Castro, et al., 2018, p.440).

Ainda sobre esta questão, a Política Nacional de Assistência Social – PNA, implica na criação de condições para que atenda a todo ser humano que se encontra em estado de abandono, seja por calamidade pública ou ainda por desastres climáticos.

Por esse olhar, ressaltamos aqui, principalmente, as imigrações haitianas e venezuelanas, as quais se intensificaram nos últimos anos no Brasil, sendo registrados aproximadamente 85.000 haitianos dando entrada nos postos das fronteiras, solicitantes de pedido de refúgio, a vistos humanitários em representantes diplomáticos do Brasil. Mais recente, a partir de 2014, o fluxo migratório de venezuelanos cresceu, exponencialmente, cidadãos fugindo da latente crise política, econômica e social que se instaurou no país.

Com os fluxos migratórios que foram registrados no Brasil, que a princípio eram residuais, e depois com a crise que se instaurou e com as catástrofes naturais que assolaram a Venezuela e o Haiti, era explícito que, estruturalmente, não estávamos preparados para receber a demanda migratória, sendo necessário criar e/ou utilizar mecanismos que assegurassem o pleno gozo de direitos humanos.

Por este viés, Castro et. al (2018) nos afirma:

Em fevereiro de 2018, após visita ao estado de Roraima, o presidente da República anunciou que iria liberar recursos especiais para atender os venezuelanos no norte do país, além de criar um comitê nacional para lidar

com os imigrantes. Afirmou ainda que pretendia tratar da situação por vias humanitárias, mas em sua visita se fez acompanhar de ministros da área de segurança, indicando preocupação com o controle das fronteiras (Castro et. al., 2018, p. 445).

Desta forma, a garantia de seguridade ao imigrante, veio a partir da medida provisória nº 820, de 15 de fevereiro de 2018, que em seguida foi convertida na Lei 13.684, de 21 de junho de 2018, que dispõe sobre o acolhimento de imigrantes, em vulnerabilidade pela situação decorrente a crise humanitária, como medida de assistência emergencial. Desse modo, proteção social, conjunto de políticas públicas, atenção à saúde, entre outros, são articulações que deveriam ser promovidas em ações integradas pelo governo federal, estadual, distrital e municipal.

Art. 4º As medidas de assistência emergencial para acolhimento a pessoas em situação de vulnerabilidade decorrente de fluxo migratório provocado por crise humanitária têm o objetivo de articular ações integradas a serem desempenhadas pelos governos federal, estaduais, distrital e municipais, por meio de adesão a instrumento de cooperação federativa, no qual serão estabelecidas as responsabilidades dos entes federativos envolvidos (Brasil, 2018).

A pergunta pulsante é, como são atendidos os imigrantes que aqui (Brasil) buscam um lugar seguro para suas necessidades fundamentais básicas? A esta pergunta, Castro *et al* (2018, p. 439), nos afirma uma realidade que ainda hoje é perceptível em algumas das governações dos estados e municípios brasileiros, a indicação de “despreparo na administração desses fluxos e pouca incorporação de lições aprendidas”.

Corroborando a afirmação anterior, Bucci também nos confirma (2018, p.279,):

O Brasil, apesar de ter tido alguns avanços na promoção e proteção dos migrantes, ainda tem que enfrentar muitos desafios, notadamente nas cidades de fronteira: a falta de infraestrutura para receber uma grande número de migrantes, inexistindo local adequado e seguro para receber as famílias com crianças e mulheres, aumentando ainda mais a vulnerabilidade dessas pessoas[...]. Além disso, a saturação dos serviços públicos locais, notadamente os serviços de saúde e educação para atender os migrantes. São os principais desafios imediatos nas cidades de fronteira.

Tal contexto, de despreparo administrativo, pode-se verificar na cidade fronteiriça de Guajará-Mirim, *locus* desta pesquisa. Apesar do fenômeno da imigração boliviana, com alguns aspectos dissonantes dos fatores de imigração venezuelana ou haitiana, atualmente ser constituída em grande número por pessoas

de descendência da República da Bolívia, seguida de descendência indígena, e outros tantos descendentes das primeiras imigrações históricas para a região da amazônia rondoniense, ao se falar em acolhida mínima, atentando aos preceitos indicados na Constituição Federal e PNA<sup>16</sup>, e outras documentações e declarações humanitárias, foi constatado que a cidade não possui sequer uma casa de acolhida, ou ainda um lugar para que o imigrante que esteja de deslocando, ou “chegando” possa se higienizar ou se alimentar adequadamente.

Ressaltamos também que, por questões internas burocráticas, a Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social (SEMTAS) local, não possui dados cadastrais suficientes para identificar as pessoas que se encontram invizibilizadas no referido município, uma vez que dois dos critérios básicos para realização cadastral é ter as documentações pessoais completas e comprovante de residência no nome do beneficiário<sup>17</sup>. Principalmente, a esses dois fatos, deveria haver em Guajará-Mirim mecanismos internos e/ ou peculiares na lei orgânica da cidade, para atender a população que aqui reside, visto que é cidade fronteira, marcada pelo histórico de imigrações constantes, e contato direto com imigrantes bolivianos. Assim, “cada cenário de fronteira é único, pois as bordas que a compoem são unicas [...] esses espaços geralmente apresentam uma série de características que permitem construir uma tipologia de ação neles” (Menezes, 2018, p. 292).

A partir disso, estabelecemos um parâmetro básico para compreender a lei que rege o Brasil e como elas incidem na população local, e aos demais que procuram acolhida em terras brasileiras. Contudo, apesar de todo aparato legal, muitas vezes os efeitos, na realidade, não se materializam, suficientemente, em ações que promovam o mínimo necessário a todo cidadão.

Até aqui estamos versando da materialidade fundamental básica humana, ao passo que também é preciso cuidar e/ ou zelar da imaterialidade da língua, do direito linguístico, pois é utilizando-nos dela e de “outros sistemas de significação socialmente construídos para elaborar os significados, as representações que dão sentido à nossa existência” (Ferreira & Orrico, 2002, p.8).

---

<sup>16</sup> Para mais informações sobre as Políticas Nacionais de Assistência, pode ser consultado o site oficial do Ministério da cidadania. <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/assistencia-social>.

<sup>17</sup> Quando não houver comprovante no nome do titular pretendido, é preciso redigir documento assinado e autenticado pelo titular da residência. É imprescindível esclarecer que, tal opção muitas vezes não é suficientemente esclarecida no momento em que a pessoa procura atendimento na instituição.

Ao se falar em língua como umas das práxis humana fundamental, ela se constitui como um direito linguístico, ao qual podemos denotar em três marcos: histórico, a partir da elaboração da Declaração Universal dos Direitos Linguísticos em 1948; Jurídico, previsto como direito fundamental na Constituição Federal Brasileira de 1988; e teórica, a partir do desenvolvimento de pesquisas em políticas linguísticas.

A Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, elaborada em Barcelona, em 1996, é um mecanismo que foi que tem como ponto de partida tecer a equidade em toda humanidade, favorecendo e reforçando a diversidade linguística como uma política que se constitui dentro de uma comunidade, ou ainda do sujeito que migra para os mais diversos territórios geográficos. Dentre as várias referências feitas nessa declaração, pode-se encontrar: a Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948); o Pacto Internacional sobre os Direitos Civis e Políticos (1966); a Declaração sobre os Direitos das Pessoas pertencentes a Minorias ou Étnicas, Religiosas e Linguísticas; a Declaração de Santiago de Compostela do PEN Internacional, dentre outras.

Sendo assim, concebe-se o ideal que:

[...] os direitos linguísticos são simultaneamente individuais e coletivos, e adota como referência da plenitude dos direitos linguísticos [...] entendendo-se este não apenas como a área geográfica onde esta comunidade vive, mas também [...] das pessoas que vivem fora do território da sua comunidade. [...] considera que as pessoas que se deslocam e fixam residência no território de uma comunidade linguística diferente da sua têm o direito e o dever de manter com ela uma relação de integração. Por integração entende-se uma socialização adicional destas pessoas por forma a poderem conservar as suas características culturais de origem, ao mesmo tempo que compartilham com a sociedade que as acolhe as referências, os valores e os comportamentos que permitirão um funcionamento social global, sem maiores dificuldades que as experimentadas pelos membros da sociedade de acolhimento (Pen internacional, 1966).

O marco jurídico do direito linguístico é previsto na Constituição Federal Brasileira de 1988, como direito à dignidade da pessoa humana, prevalência dos direitos humanos, além do respeito às culturas e às diversidades. Desta forma, todo indivíduo tem seus direitos, materiais e imateriais, legitimados previstos em lei na sociedade Brasileira.

As previsibilidades de direitos linguísticos podem ser verificadas nos seguintes documentos: a Carta Europeia das Línguas Regionais e Minoritárias, de 1992, Estrasburgo; a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, em Barcelona, 1996; a Carta Europeia do Plurilinguismo, em Paris, 2005; e o Manifesto de Girona



sobre os Direitos Linguísticos, de 2010. Todos eles, preveem o direito inalienável do valor e proteção ao interculturalismo e ao multilinguismo, doravante também asseguram os direitos às línguas regionais e minoritárias quando relevantes ao local de uso.

Vale ressaltar que a língua oficial do Brasil ensinada nas escolas é a Língua Portuguesa, por outro lado, geograficamente, os “cortes fronteiriços” são com países que tem como língua oficial o espanhol, contudo, adotou-se, majoritariamente, no território brasileiro, a língua inglesa, essa por sua vez, tem como característica principal a utilização na era globalizada do capitalismo. Para exemplificarmos, de melhor forma, tomemos como base o *locus* desta pesquisa, a fronteira entre as cidades de Guajará-Mirim/Brasil e Guayaramerín/Bolívia, onde a interação maciça perpassa todas as fronteiras, materiais e imateriais, e a língua de contato, se formula no portunhol, mas, ainda sim, na atualidade, nos ensinamentos escolares promovem o ensino da língua inglesa. O que nos faz refletir, quais seriam as línguas relevantes a serem ensinadas nesse dado contexto fronteiriço? A esta e a outras questões, deixemos por enquanto, apenas para reflexão, dado que não se pretende aqui esmiuçá-las.

De fato, apesar de todo aparato, legislativo e declaratórios dos direitos, há ainda lacunas a respeito da imaterialidade inerente aos direitos à língua. Essas, por sua vez, tem ampliado e/ ou têm sido discutidas, constantemente, a partir do marco teórico, ou seja, de estudos e pesquisas de natureza linguística, que tem proposições crescentes em políticas linguísticas, como também, em tessituras que geram inteligibilidade do ponto de vista à subjetividade do sujeito, assim, há a materialidade jurídica de promoção linguística, mas também, se vislumbra o direito linguístico do sujeito.

### **3 LINGUA(GEM), CULTURA E IDENTIDADES PLURAIS**

Neste capítulo, apresentamos, de forma sintética, alguns dos fatores que julgamos ser primordiais para compreender como se deu a formação da cidade de Guajará-Mirim/RO, como também, a constituição da população fronteiriça. Para tanto, o capítulo foi dividido em três subcapítulos: no primeiro apresentamos a história da constituição da cidade de Guajará-Mirim/RO, situada na fronteira Brasil/Bolívia. No segundo subcapítulo, abordaremos sobre as demandas de maior fluxo imigratório que foram se estabelecendo na cidade *locus* desta pesquisa, os quais se

tornaram fator principal para o desenvolvimento e expansão do território de Rondônia. No terceiro subcapítulo, apresentamos alguns conceitos sobre língua(gem), memória e discurso. A partir destes conceitos, vislumbraremos a (re)constituição identitária dos imigrantes, que serão apresentados no capítulo seguinte.

### 3.1 Guajará-Mirim: constituição de um povo em/na fronteira

O município de Guajará-Mirim/RO, a Pérola do Mamoré, teve sua constituição e desenvolvimento atrelado à construção da EFMM e aos ciclos da borracha. Atualmente, segundo o censo demográfico (2021), perfaz uma área territorial de 24.856,877 km<sup>2</sup>, população estimada de 46.930 pessoas, sendo 1,68 hab/km<sup>2</sup>.<sup>18</sup>



**Mapa 2 - Localização geográfica do município de Guajará-Mirim (fonte: fonte internet)<sup>19</sup>**

Historicamente, o município foi sendo constituído a partir dos ciclos de extração de látex e pela construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré- EFMM, pelos migrantes de várias regiões do Brasil, principalmente, pelos nordestinos e imigrantes de vários países, tais como indianos, gregos, chineses, barbadianos, espanhóis, cubanos, libaneses, norte-americanos, alemães e portugueses. Todos em busca do “*el dorado*” amazônico, no qual havia muitas riquezas e oportunidades de emprego.

Sobre este aspecto, Teixeira & Fonseca (2001) afirmam que ainda não

<sup>18</sup> Dados extraídos no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ro/guajara-mirim/panorama>

<sup>19</sup> Mapa disponível no site: [http://sites-do-brasil.com/diretorio/index.php?cat\\_id=661&cat\\_id\\_thm=29](http://sites-do-brasil.com/diretorio/index.php?cat_id=661&cat_id_thm=29)

existia o povoado de Guajará, contudo já haviam constituído blocos de povoamento pelos seringalistas que já faziam e participavam do processo inicial da extração de látex nas áreas do baixo madeira.

A partir do meados do século XIX e durante a todo o primeiro ciclo da borracha a oportunidade de colonização permanente da região do Guaporé e do Madeira viria concretiza-ser e as margens do rios Madeira, Ji-Paraná, Machado, Mamoré e Guaporé foram ocupadas por grupos isolados de seringueiros. [...] Os seringais bolivianos estendiam-se porém até o baixo Madeira, onde conviviam com os seringais pertencentes aos brasileiros.[...] Dos novos seringais vieram a surgir povoações à beira do Madeira.[...] Entre 1907 e 1912, finalmente, foi construída a ferrovia, que contornou o trecho encachoeirado do Madeira. Contudo a firma construtora a Madeira-Mamoré Railway Company, estabeleceu que o ponto inicial distaria sete quilômetros rio abaixo [...] surgiu [...] o núcleo de [...] Porto Velho. O ponto final da ferrovia seria Guajará-Mirim a qual, nos idos de 1890, não era sequer uma pequena povoação, após a construção da ferrovia surgiu em torno da estação a cidade (Teixeira e Fonseca, 2001,p. 103-104-105).

Corroborando esse fator imigratório, à época, os esforços governamentais de povoar e ter mais mão-de obra na região amazônica rondoniense era demasiada, assim como nos afirmam Perdigão & Bassegio (1992):

[...] a atividade seringueira em Rondônia, como em toda região da Amazônia, se deu por ocasião do desbravamento da floresta, [...] Eles eram atraídos por um cartaz que mostrava a figura de um grande vaso cheio de leite, simbolizando o látex em abundância na região[...] os sulistas e os nordestinos são atraídos hoje pela necessidade de mão de obra,[...] nessa ocasião , anos 90 do século passado, a borracha já alcançava certa importância econômica (Perdigão & Bassegio, 1992, p. 49).

Podemos inferir, também, a possibilidade da via de mão dupla para tal esforço governamental, tanto para os detentores do “poder” (empresários e financiadores estrangeiros), quanto pelos desbravadores, sobretudo, migrantes e imigrantes, pois enquanto o primeiro canalizava erário para os investimentos na construção da estrada ferroviária e no escoamento do látex, por outro lado, necessitada “importar” trabalho braçal, uma vez que do local não era suficiente. Já o segundo, vislumbrava uma melhoria de vida no promissor *el dorado* verde, ainda que fosse o lugar fosse desconhecido e em primeiro momento não conseguissem levar a família.

Para que fosse construída uma ferrovia em plena selva, eram necessários trabalhadores. Na Amazônia do auge do ciclo da borracha, todo o insuficiente volume de mão-de-obra estava alocado na produção do látex. A expansão das zonas de produção era abastecida pela exploração do silvícola e pelo aliciamento de mão- de -obra em outras regiões do Brasil [...] Para reunir o contingente humano necessário a construção da ferrovia foram recrutados trabalhadores nacionais e estrangeiros que, além de atuarem na

construção da Estrada de Ferro Madeirá-Mamoré, foram utilizados também em diversas outras circunstâncias: nos seringais, nas construção da linha telegráfica Mato Grosso/ Amazonas e na demarcação territorial do atual Estado de Rondônia (Teixeira e Fonseca, 2001, p. 139).

Quanto à construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, esta também motivou a vinda milhares de pessoas para a amazônia rondoniense. “Um dos objetivos [...] era conseguir um canal de escoamento para produção da borracha da Amazônia. [...] interligado à Bolívia [...] fornecendo uma saída para o oceano Atlântico” (Perdigão & Basseio, 1992, p.159).

Dessa forma, a história da constituição do município de Guajará-Mirim está atrelada a dois fatores: os ciclos da borracha e a construção da EFMM, sendo um dos municípios mais antigos do estado de Rondônia e, também, é carregado de simbologias, tanto pela existência de florestas, rios e povos, quanto pela memória e história da construção da lendária ferrovia EFMM, onde centenas de trabalhadores pereceram no “inferno verde”<sup>20</sup>. Isso, podemos inferir a partir de uma passagem e/ou visita no bairro mais antigo, o Cristo Rei, onde é possível ver a estreita relação do homem ribeirinho com as margens fronteiriças e os dormentes da ferrovia, sinais do “progresso”.

**Foto 1 - Margem do Rio Mamoré visto pelo bairro Cristo Rei e divisa com a Bolívia**



Fonte: arquivo da pesquisadora

<sup>20</sup> Inferno verde, advém das dificuldades em permanecer e sobreviver na região, onde haviam constantes embates com os povos indígenas e com as doenças tropicais. Ver Pinto (2005) “A missão de guerra na selva amazônica: os soldados da borracha”.

Além disso, não é difícil ver os trilhos da ferrovia ao longo das margens do Rio Madeira, contudo é triste ver que o progresso, em certa medida as custas do suor e sangue de muitos desbravadores, sendo deixados ou relegados a mercê do esquecimento das futuras gerações. As marcas que restam, são de total descaso, muitas vezes totalmente recobertos de matos, queimadas, ou ainda simplesmente retirados, não passando apenas de um monte de ferragens velhas das quais não se tem mais qualquer serventia.

**Foto 2 - Fragmentos da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, vista no primeiro bairro constituído na cidade de Guajará- Mirim**



Fonte: arquivo da pesquisadora

Em relação ao fator de colonização nas terras rondonienses, muitas foram as considerações e políticas que tiveram que ser adotadas, na chamada “modernização conservadora” e, como tal, visava a ampliação do capitalismo. Desta forma, a política de colonização surge para legitimar a manutenção de dominação vigente.<sup>21</sup>

Vale ressaltar que muitos dos que aqui chegaram vieram, forçadamente, para trabalhar nos seringais. Esses “fugindo” para não serem mandados para os campos de batalha da 2ª Guerra mundial, que estava em seu ápice.

[...] muitos vieram para Guajará-Mirim em busca de oportunidades ofertadas pelo extrativismo vegetal e mineral ou pedaço de terra para trabalhar e sobreviver. Outros vieram no contexto da 2ª Guerra Mundial, arregimentados como soldados [...] Percebe-se assim que houve dois tipos

<sup>21</sup> Para mais dados sobre a chamada modernização conservadora da região rondoniense, ver PERDIGÃO & BASSEGIO (1992) “Migrantes Amazônicos- Rondônia: a trajetória da ilusão”.

de migração: a migração espontânea e a migração obrigatória (ou forçada), pois na época [...] eles tinham duas opções: ir para guerra ou trabalhar nos seringais como soldados da borracha ( Pinto, 2005, p. 17).

De fato, as relações de poder sempre permearam as construções, de forma material ou simbólica e, não foi diferente na visão do progresso a partir da construção da EFMM, que colocou em justaposição migrantes e imigrantes das mais diversas regiões e países, o que transformou e ganhou até comparações como segunda torre de babel, além de objeto real do capitalismo, o dinheiro, as relações materiais das condições de produção, assim, de uma forma ou de outra e, independente do ato consciente de sua existência, esses tipos de conjuntos de práticas materiais sempre circundou e/ou constituiu os domínios das ciências e da história. Ademais a isso, as relações de produção envolvem divisão de trabalho entre os que são donos do capital e aqueles que vendem a mão de obra.

Sob este viés, é importante refletirmos sobre o fato da visão de sulbaternização advindo pelo processo de civilização, uma vez que as experiências históricas e coloniais sempre foram sendo escritas e teorizadas de dentro do próprio sistema pelo qual apontava para um contínuo progresso e modernização, validado pela “emergência” da colonialidade para a manutenção do poder. Corroborando este olhar, Mignolo ( 2004 ) nos afirma que,

A diferença colonial é o espaço onde emerge a colonialidade do poder [...] é o espaço onde as histórias locais que estão inventando e implementando os projetos globais encontram aquelas histórias locais que os recebem [...]. A diferença colonial é, finalmente, o local ao mesmo tempo físico e imaginário onde atua a colonialidade do poder no confronto de duas espécies de histórias locais visíveis em diferentes espaços e tempos do planeta (Mignolo, 2004, p. 10).

Assim, a cidade de Guajará-Mirim formou-se, situada às margens do rio Mamoré na divisa com a cidade de Guayaramerín- Beni/ Bolívia, por este fato, as cidades também são conhecidas como cidades gêmeas<sup>22</sup>. O Rio Mamoré faz a divisão geográfica em extensão aproximada de 1.100km, nascendo nas Cordilheiras real dos andes bolivianos, avolumando-se em vários afluentes e, atravessando a Encosta setentrional do planalto brasileiro, a partir do qual formam as cachoeiras de Guajará-Mirim, Açú e Bananeiras. Após sua junção com as águas do rio Beni, origina-se o Rio Madeira. Da confluência dos rios Mamoré e Madeira, se tem a linha

---

<sup>22</sup> Segundo definição do Ministério da Integração Nacional, pode ser considerada cidade gêmeas municípios que são divididos pela linha de fronteira, seca ou fluvial, com infraestrutura integrada ou não, e possuam integração econômica e cultural.

divisória da fronteira entre o estado de Rondônia e a República da Bolívia.

**Foto 3 - Vista área da divisa de Guajará-Mirim/RO e, Guayaramirin/ Beni**



Fonte: Internet <sup>23</sup>

Quanto ao seu território e reservas, constitui-se como área de grandes diversidades e belezas naturais. Segundo Pinto (2005, p. 19), Guajará-Mirim “[...] conserva 96,45 % de seu território em florestas naturais. Maior área de preservação ambiental do estado de Rondônia [...] constituídos por áreas protegidas”. Dessas, podemos citar: - em territórios indígenas: Pacaás-novos, Rio Guaporé, Igarapé Laje, Rio Negro Ocaia, Uru-eu-wau-wau, e Sagarana; - em reservas extrativistas: Rio Cautário, Rio Ouro Preto, Rio Pacaás Novos, Barreiro das Antas; -em reservas biológicas: Rio Ouro Preto, Traçadal; - em parques: Parque estadual de Guajará-Mirim, Parque Nacional Pacaás Novos, Parque Nacional Barreiro da Antas.

Em relação à economia, o PIB *per capita* do município equivale a 19.337,36 reais. A isso, ressalta-se as intensas relações comerciais com os fronteiriços pertencentes à Bolívia. Relação essa que é perceptível em visita no comércio local, e ainda pela disposição de um comércio informal de produtos advindos da Bolívia. Esse espaço situa-se no centro da cidade, com diversos minibox de vendas.

A este ponto, os limites geográficos haviam sido pacificados e definidos, todavia outras fronteiras múltiplas se formularam a respeito da implicação das diversas culturas que se aglomeraram e difundiram das conexões históricas durante o processo inicial e contínuo da cidade. Outra formulação que deve ser refletida e debatida, é equivalente às mesclas dos contatos culturais, essas diversas fontes,

<sup>23</sup> Foto retirada do jornal eletrônico da cidade de Guajará-Mirim “Folha rondoniense” <https://folharondoniense.com.br/>

quer sejam pelos fatores ideológicos hegemônicos, quer sejam pelo próprio sistema das bases econômicas, embalam, articulam ou neutralizam novas formas de ser sujeito.

### **3.2 Imigração e identidades culturais em Guajará-Mirim/RO, na fronteira Brasil/Bolívia**

Guajará-Mirim/ Rondônia - Brasil e Guayaramérin/Beni - Bolívia, são cidades gêmeas e, ao longo dos anos, sempre mantiveram estreitas relações sociais e comerciais, datados, historicamente, desde o contexto econômico que estreitava a distância do pequeno povoado de Chachuela Esperanza até Huachi que serviu como aporte da sede do empreendimento da borracha e da construção de uma pequena ferrovia para contornar a cachoeira e facilitou o comércio do látex e seu escoamento dos produtos para importação e exportação para o rio Madeira do lado brasileiro.

Naquela época, tanto o Brasil quanto a Bolívia enfrentavam problemas para o escoamento de suas produções. Após a guerra do Paraguai, o Brasil ficou impedido de navegar pela bacia do Prata e a Bolívia, por ter ficado isolada após sua independência do Peru, necessitava de uma saída para o Oceano Atlântico, para escoar sua produção de borracha, que era uma de suas principais riquezas. A ideia da construção da ferrovia surgiu em 1846, na Bolívia, onde apostou em uma rota fluvial para vencer as cachoeiras do Rio Madeira e chegar aos mercados internacionais pelo Oceano Atlântico (Pinto, 2021, p.37).

O fato é que a cidade de Guajará-Mirim/RO também teve seu início no advento do primeiro Ciclo da Borracha, época em que o Brasil e a Bolívia, em 1903, firmaram pelo Tratado de Petrópolis a mais grandiosa relação comercial que era a construção da EFMM e, já nos anos iniciais de sua construção, podemos ainda, a partir de dados históricos coletados, afirmar que já haviam migrantes de origem boliviana no local onde situa-se o atual município de Guajará-Mirim/RO. Sobre este fato, podemos inferir, a partir das afirmações de Pinto (2005, p. 17-18), que conforme os historiadores Eloy de Souza (1983), Amizael Silva (1991) e Perdigão & Bassegio (1992) muitos jovens vieram para a região de Guajará-Mirim atraídos pela divulgação de riquezas e esperando por um futuro promissor “[...] principalmente os falidos e miseráveis do sertão [...] à procura da seiva que enriquecia a nação e a eles empobrecia. A maioria [...] se fixou nessa região [...] se casaram com [...] “cabocas” que eram mulheres bolivianas ou índias.

Ainda, segundo dados históricos disponibilizados na coluna gente de opinião,



por Dante Ribeiro da Fonseca, o primeiro Ciclo da Borracha foi marcado por muitas dificuldades, sobretudo no que se refere ao transporte de carga da goma de látex (borracha) que percorria por mais de dois meses os caminhos tortuosos até chegar ao rio Madeira do lado brasileiro. As passagens datadas de 1880, com a descoberta de navegabilidade pelo rio Beni estimulou a expansão e criação da cidade de Guayaramerín/ BO e estreitamento das relações com a região brasileira a partir do tratado de Petrópolis.

Na fronteira Brasil/Bolívia, negar o fato de identidades culturais múltiplas é algo essencialista, pois “[...] é evidente, do ponto de vista científico, que todas as culturas são mescladas e originárias de contatos culturais que seguem toda história do homem” (Abdala Júnior, 2002, p. 15). Sendo assim, é possível observarmos uma pluralidade cultural surpreendente, visto que a população guajaramirense possui características mestiças advindas das imigrações dos tempos áureos da borracha e da construção da EFMM e, devido a extensa faixa de fronteira, é formada, também, por pessoas com descendência ou origem boliviana.

Mais recentemente, imigrantes colombianos, haitianos e venezuelanos, também tem se “deslocado” e permanecido na área do município de Guajará-Mirim/RO. Destes, haitianos e venezuelanos, tem encontrado na referida cidade, um ponto de partida e chegada. Ambos possuem motivações diferentes de migração (diferente até mesmo das migrações colonizadores que aqui se estabeleceram). Contudo, o desejo de melhores condições de vida pulsa em consonância em ambos.

Essas inter-relações que foram sendo constituídas ao longo do processo de construção da cidade, entre idas e vindas, permanências e inconstâncias, projetaram um quadro social múltiplo, pelo qual diversas perspectivas culturais e identidades linguísticas foram sendo forjadas e/ou re(construídas).

Numa mesma cidade ou local, coexistem várias temporalidades, progressivas ou regressivas, desde os traçados urbanos até às inclinações psicossociais de seus habitantes. Várias épocas, seus produtos culturais, homens de múltiplas tendências, orinetados para o passado, presente ou futuro, logo com expectativas diferenciadas, se justapõem. Para além desses limites espaciais mais estreitos de uma cidade, os contatos aproximam ou colocam em tensão diversidades ainda maiores [...] ( Abdala Júnior, 2002, p. 17).

Destarte, nesta pesquisa, o termo cultura será concebido como um “elemento social repleto de sentido”, e será discutido a partir de uma perspectiva dialógica, a qual possibilitará a compreensão das identidades culturais expressas pelos sujeitos

nas interações e na construção de significados e representações de pertencimento. Para tanto, utilizamos o conceito de cultura proposto por Laraia (2011), o qual na obra “Cultura, um conceito antropológico” defende que a constituição da cultura é algo que passa pelo estudo diacrônico, e antropológico. Para o autor, o indivíduo se reconhece como cognoscente da própria existência de sujeito-pensante, se moldando pelas relações dialógicas, sociais e linguísticas na sociedade em que convive. Além disso, o homem tende a ver como natural apenas o que conhece do “seu mundo”.

O fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável em seus casos extremos pela ocorrência de numerosos conflitos sociais (Laraia, 1986, p. 72 e 73).

Da mesma forma, Ribeiro & Cotinguiba (2015) nos afirmam que o termo cultura, na contemporaneidade, é tanto polissêmico quanto uma construção que não é inata do sujeito, posto que vai sendo escrita pelas experiências e vivências com o outro. Ainda que tomássemos por base suas concepções históricas, fruiriam notas, ou ainda vislumbres do sentido de civilização, tradição de uma ser humano em sociedade.

Hall (2016), cuja obra versa sobre cultura e representação, apresenta reflexões sobre a relação intrínseca que se faz do entendimento da própria identidade dentro de uma sociedade. Segundo o autor:

A cultura [...] está envolvida em todas essas práticas que não são geneticamente programadas em nós, [...] mas que carregam sentido e valores para nós, [...] A cultura, desse modo, permeia toda sociedade. Ela que é o que diferencia o elemento “humano” na vida social daquilo que é biologicamente direcionado (Hall, 2016, p.21).

Nessa mesma perspectiva, Silva Junior & Amaral (2015) convergem ao entendimento de uma identidade cultural passível de transformações, novas produções e (re)significações diversas a partir das práticas sociais que são concebidas pela língua(gem). Com efeito, não há um segmento de sujeito estático, mas sim um oposto de um “sempre e já”.

Por este olhar, tomando como base de estudos a partir da Linguística Aplicada, é importante questionarmos saberes essencialistas e/ou cristalizados, uma vez que o sujeito se encontra sempre dentro de uma perspectiva intelectual da época, do qual chamamos de “zeitgeist” e, desse modo, nos parece natural problematizar a existência de uma homogeneidade, quer seja cultural, quer seja

identitária dos sujeitos. Não obstante, também é preciso cuidado para que a emergência crítica, reflexiva e inteligível não se torne um corpo de conhecimento fixo e imutável de modo irresponsável, capaz de definir posições, mas incapaz de produzir e/ou refletir um metaconhecimento de si.

A reconfiguração da LA como prática interrogadora é, então, inseparável da enorme reorganização do pensamento e das práticas sociais correntes na contemporaneidade. [...] Não obstante, esse novo horizonte de trabalho, comprometido político e eticamente com a transformação social, comporta também “ecos” por assim dizer, de procedimentos históricos, em que propostas de “desconstruções” frequentemente resultam na substituição da tradição por outros regimes igualmente encapsuladores de condições e perspectivas (Fabrício, 2006, p. 49).

Recorremos, também, a Abdala Júnior (2002), que aborda o tema do hibridismo cultural e das múltiplas fronteiras, construída e/ ou reconstruída, individualmente ou coletivamente, sempre a partir de interações múltiplas do movimento de deslocamento e justaposição que rompem concepções sedentárias sobre cultura.

Numa mesma cidade ou local, coexistem várias temporalidades, progressivas ou regressivas, [...]. Várias épocas, seus produtos culturais, homens de múltiplas tendências, orientados para o passado, presente ou futuro, logo com expectativas diferenciadas, se justapõem. Para além desses limites espaciais mais estreitos de uma cidade [...] (Abdala Júnior, 2002, p.17).

Na mesma medida, podemos inferir que os deslocamentos humanos, seja em decorrência forçada e/ou pelas relações de poder, massificaram um processo de amalgamento que reagiram entre si e, muitas vezes, se aproximaram e em outras se distanciaram das situações de suas gêneses, dadas as implicações ideológicas que subjaz, inconscientemente ou conscientemente, o sujeito que tem sua individualidade e subjetividade, mas também se “movimenta” na coletividade.

Sobre o aspecto das questões que impulsionam o fluxo migratório e imigratório, trataremos à luz dos estudos de Cotinguiba (2014), que versa sobre a necessidade de um olhar reflexivo e de alteridade para com os desafios que advém do processo de romper as múltiplas fronteiras, na esperança de um novo recomeço. Assim, Cotinguiba (2014, p. 66) nos afirma: “[...] perceber o outro é, antes de tudo, um exercício de alteridade, longo, paciente e reflexivo”.

Corroborando essa asserção, do ponto de vista abordado e teorizado por Benveniste (1995) compreender o inter relacionamento da linguagem com o sujeito, é sobretudo sobrepujar a consciência de alteridade da existência do outro. Esta relação é marcada pelas experimentações psíquicas que ora se encontram

subjacentes quando não estão em situação dialógica.

Antes de discutir sobre o termo “Identidade”, enfatizamos que, neste trabalho, utilizamos um conceito que pressupõe a identidade como uma construção subjetiva da interação social. Nesse sentido, Ferreira & Orrico (2002, p.77), na obra “Linguagem, Identidade e Memória Social” afirmam que: “De todas as identidades, a do indivíduo é a mais difícil de ser pensada diferentemente, isto é, como algo em constante processo de (re) construção.” Ainda, sobre este tema, os referidos autores apresentam outro conceito para o termo identidade, a qual é proposta a partir do discurso naturalizado de simulacros dotados da retórica nacionalista: “[...] no que se refere ao fenômeno nação, a uma espécie de ilusão convincente, dotada de uma retórica e imagens que se impõem e coagem pela monotonia e pela monogamia do discurso [...]” (Ferreira & Orrico, 2002, p. 15).

Longe de uma definição behaviorista opaca de linguagem ou ainda de instrumento de comunicação simplista, a realidade material da linguagem encontra-se na condição “[...] em que o homem completo descobriria um semelhante igualmente completo e, entre eles, pouco a pouco, se elaboraria a linguagem.” (Benveniste, 1995, p. 285) e, dela, o homem se apropria para conceber sua própria definição. Por conseguinte, a realidade fundamentada implícita de sujeito no discurso, e explícita no elemento linguístico “eu” que somente faz sentido na existência do outro, por este entendimento, ao falar o sujeito já se marca na estrutura da língua quando utilizada em uma realidade dialética e, em oposição emerge a intersubjetividade.

Ao elevarmos os elementos linguísticos, “eu” e “tu”, para além da visão paradigmática, concebemos a polaridade coexistente na interlocução do “eu” que não é concebível sem o “tu” exterior a “mim”. Destarte, a existência do “eu- tu” reclama o ato discursivo, para que de fato haja sua coexistência e se materializem, ou seja, não se concebe um sem o outro e, depois, torna-se eco, espaço que reverbera a intersubjetividade.

A consciência de si mesmo só é possível ser experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será minha alocação em *tu*. [...] A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. Por isso, *eu* pressupõe outra pessoa, aquela que embora exterior a “mim” torna-se o meu eco [...] (Benveniste, 1995, p. 286).

Assim, o “eu” e o “tu” é constituído na medida da consciência do locutor ao qual se coloca como sujeito, que subjaz das relações de experiência e transcende no processo de enunciação. Ao contrário de Saussure, que coloca a dualidade língua e fala como sistema arbitrário, Benveniste pensa nela a um só tempo, unindo o semiótico e o semântico em completude. Se antes se pensava em ambas de forma dissociada, aqui torna o sujeito centro de referência para construção de sentidos, e então pode-se compreender a inter-relação assumida através da linguagem pelo sujeito que, hora se coloca como “eu” na existência do outro que é “tu”. Por outro lado, é preciso pressupor a relação de alteridade concebida da transcendência do ego pelo ego, experimentando o contraste na condição de alocação que se estabelece a pessoa do discurso emergindo a subjetividade.

Em suma, a subjetividade se fundamenta a partir da consciência e compreensão da existência do outro, dentro da instância do discurso, e da mesma forma do seu contraste. Sob esta circunstância, o processo enunciativo estabelecido na relação “eu-tu” dos pares são sempre únicos e transformam-se em instâncias linguísticas categorizadas na linguagem explícita, de outra forma implícita da reversibilidade assegurada na intersubjetividade.

Dessa forma, defendemos que a construção da identidade é um processo complexo, que emerge da construção dialógica da cultura manifestada pelas vivências sociais dos sujeitos, sendo preciso, também, entender como os sujeitos constituem suas identidades individual e coletiva.

Nesse mesmo sentido, é preciso compreender a necessidade de “pensar além dos limites” na qual a língua(gem) tem o papel central, ou seja, dentro das práticas sociais, não no afã de solucionar problemas, mas sim formular e/ou delinear as multicomplexidades do mundo em que vivemos e, dessa forma, circunscrever as heterogeneidades, desdobramentos de implicações e redescrição do sujeito social.

[...] chegamos à formulação do que tenho chamado de uma LA indisciplinar [...] É uma LA que deseja, sobremodo, falar ao mundo em que vivemos, no qual muitas questões que nos interessavam mudaram de natureza ou se complexificaram ou deixaram de existir. Como Ciência Social, conforme muitos formularam a LA agora, em um mundo em que a linguagem passou a ser um elemento crucial, tendo em vista a hiperssemiotização que experimentamos, é essencial pensar outras formas de conhecimento e outras questões de pesquisa que sejam reponsivas às práticas sociais em que vivemos ( Moita Lopes, 2015, p.19).

Outro ponto no qual devemos nos debruçar é abordado por Orlandi (2007), na obra “As formas do silêncio no movimento dos sentidos”, que nos permite

transparecer nossa sensibilidade no entremeio espiritual e gestual, observando no silenciamento do outro, um discurso imbuído de sentido:

O silêncio é assim a “respiração” (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é “um”. Para o que permite o movimento do sujeito (Orlandi, 2007, p.13).

Ao discutir sobre a (re)constituição da memória de acontecimentos vivenciados, que pressupõe a ação dialógica entre o entrevistador e o entrevistado, de tempo e espaço temporal e, historiografia, Portelli (2006, p. 18), enfatiza que nessa relação há: “[...] três níveis distintos, mas interconectados: um fato passado (o evento histórico), um fato do presente (a narrativa que ouvimos) e uma relação fluida, duradoura ( a interação entre os dois fatos) [...]”. Recorremos também, aos estudos de Halbwachs (1990, pag. 25), que afirma:

[...] nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a de outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias. [...].

Nesse mesmo horizonte de produção e estudo, Ferreira & Orrico (2002) mais uma vez nos subsidia para a compreensão de que o ideal de nação preenche uma função identificatória coletiva. No entanto, essa consciência, por assim dizer, não pode subjugar e/ou assujeitar o indivíduo/sujeito apenas em uma retórica de ilusões homogêneas da linguagem, pois na mesma medida, sobreagem sobre sujeito noções e sentidos que vão além de funções estruturais do corpo. Eles se envolvem e vicejam por percepções internas do passado e do presente, indissociados da realidade vivida e da consciência cognoscentes.

A história conta e é contada por homens e os envolve no passado/presente de uma maneira concreta. São as exterioridades encarnadas de impossível dissociação. Enquanto os objetos da natureza podem ser conhecidos mediante a percepção externa, os fatos do espírito se apoiam diretamente na realidade vivida e se dão a conhecer mediante a percepção íntima [...] O homem é objeto de conhecimento para si mesmo; não só do seu corpo no que se pode ser percebido para si mesmo (cor, altura, forma – estados do corpo), mas também para saber como tudo isto se representa a uma consciência cognoscente. (Ferreira & Orrico, 2002, p. 57).

Assim sendo, para entendermos como acontece a recorrência da constituição da memória, pelo processo de rememoração, tanto da memória individual quando da memória coletiva, é preciso compreender a constituição da memória como um alicerce entre o passado e o presente.

[...] o que passou não esta definitivamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças à lembrança. Pela retrospectiva o homem aprende a suportar a duração: juntando os pedaços do que foi numa nova imagem que poderá talvez ajudá-lo a encarar a vida presente. De acordo com Santo Agostinho, “o espírito é a memória mesma. Buñuel dizia que era preciso perder a memória ainda que parcialmente para dar conta de que é ela que “constitui a nossa vida” ( Candau, 2019, p.15).

Sob esse olhar, os eventos que nos parecem inacessíveis estão sob maneira nos limites de nossas lembranças, na tomada de consciência que, muitas vezes, se faz presente na interpelação do sujeito e no cruzamento das informações do coletivo, pois a consciência total dos fatos não está fechada em si, há múltiplas direções, dadas as interferências do estrato social e/ ou enervações críticas vivenciadas. Por outro lado, nessa circunstância, dois elementos nos parece essencial, para serem apontados: o primeiro deles é que a partir do ato de (re)memoração, há um complexidade de sentimentos que permeiam continuidades, ou rupturas e/ou fragmentações dela. Todavia, são dessas escolhas, conscientes ou inconscientes, que alimentam a apropriação de uma identidade. Sob maneira, emerge o segundo elemento essencial, este que se materializa no discurso, pelo qual o sujeito interpelado por suas ideologias, se encontra no domínio de filiações e formações discursivas que operam as recusas e o dizível.

### **3.3 Língua(gem), memória e discurso: a (re)constituição identitária do imigrante/ refugiado**

A linguagem é concebida a partir da possibilidade de uma construção dialógica que distingue e particulariza alguns aspectos da língua, evidenciando a dimensão da heterogeneidade linguísticas. A partir dessa construção, os sujeitos (re)constroem e (re)memoram situações e/ ou vivências pelas quais emergem os sentidos e significados que constitui em sua identidade e pertencimento, os quais são materializados no discurso.

De outra forma, também podemos conceber que a linguagem humana, utilizando-se de signos e símbolos, funciona como um sistema representacional nas interações entre os sujeitos falantes, pois a partir dela é possível expressar sentimentos, ideias e constituir a cultura de uma sociedade, sendo, portanto, uma atividade social. Destarte, “[...] por ser a língua um fato social resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social [...]” (Calvet, 2002, p. 16, *apud* Meillet). Sob esse prisma, ela é, portanto, o eixo central para construção de

significados nas atividades sociais.

Partindo dos pressupostos teóricos de Mollica & Braga (2012), que apresentam conceitos e fazem a distinção das variações sociolinguísticas, podemos afirmar que a variação linguística pode ocorrer a partir de traços distintos e inconstantes, visto que, a partir do distanciamento ou isolamento da comunidade de fala, os marcadores sociais são definidos em diferentes níveis de monitoração linguística.

[...] Nota-se que, além de traços descontínuos, identificados nos polos rural e urbano [...] O grau de isolamento geográfico e social concorre para a gama de traços que definem uma estratificação descontínua, assim como as relações sociais [...] São considerados também os estilos formais e informais [...] da produção linguística (Mollica & Braga, 2012, p. 12 e 13).

Considerando a língua como uma atividade social e, como um contínuo processo de construção, pressupomos a existência de uma heterogeneidade linguística nas línguas naturais, de natureza interna e externa. No conjunto de natureza interna há aspectos morfológicos, fonéticos, semânticos e lexicais, já no conjunto de natureza externa, há fatores inerentes ao indivíduo, tais como: socioeconômicos, políticos, escolarização, profissão e outros.

Todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas. Encontram-se assim formas distintas que, em princípio, se equivalem semanticamente no nível do vocabulário [...] e no domínio pragmático- discursivo (Mollica & Braga, 2012, p. 09).

Enquanto Calvet (2002) na obra “Sociolinguística: uma introdução crítica” nos fala sobre a luta por uma concepção social da língua ressaltando, até certo ponto, a limitação da teoria saussuriana da língua em si mesma, a privando do real uso, também nos deparamos, com a conflituosa “ação sobre as línguas”<sup>24</sup>, pela qual emerge a situabilidade de relações de poder estrutural das línguas dominantes. Contribuindo para a compreensão da concepção social da língua, as autoras, Mollica & Braga (2012) na obra “Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação”, discutem sobre os pressupostos básicos da variação no uso da língua, sobre a existência de condições que favorecem ou desfavorecem as formas de uso da

---

<sup>24</sup> No livro “Sociolinguística: uma introdução crítica”, capítulo VI “As políticas linguísticas”, 2022, p. 145 a 162, Calvet aponta que os objetivos mais frequentes da “política linguística ou planejamentos linguísticos”, que influencia na “na ação sobre as línguas” são: o caráter modernizador, a depuração, ou a defesa. Apontando, ainda, que em tais planejamentos a gestão do plurilinguismo, in vivo e o in vitro são, muitas vezes, dissonantes.



palavra, que são passíveis de identificar por categorias internas ou externas ao sistema linguísticos, de tal forma que, é preciso compreender as mudanças que sobreagem nela (língua) ao longo do tempo e de forma gradual.

Por outro lado, nessa construção social, as fronteiras de estudos linguísticos devem se esgarçar em busca de outros saberes, de outros pontos de congruências, pelos quais há a emergência de compreensão da existência dos sujeitos, conscientemente ou inconscientemente constituídos por suas interpelações ideológicas que os inserem a um determinado grupo social e/ou sociedade, dado as filiações e aos sistemas de suas restrições discursivas que os legitimam.

[...] Contentar-nos-emos em observar que o caráter comum das estruturas-funcionamentos designadas, respectivamente, como ideologia e inconsciente é o de dissimular sua própria existência no interior mesmo do seu funcionamento, produzindo um tecido de evidências “subjetivas”, devendo entender-se este último adjetivo não como “que afetam o sujeito”, mas “nas quais se constitui o sujeito” (Pêcheux, 1995, p. 153).

Desse modo, partindo dos pressupostos teórico-metodológicos propostos por Mollica & Braga (2012), e da abordagem crítica proposta por Calvet (2002) podemos afirmar que é imprescindível os estudos da sociolinguística, para entendermos que a língua não é uma estrutura pronta e acabada, e que os sujeitos falantes se expressam conforme seu contexto social e interações dialógicas. Sendo assim, o que se objetiva a partir dos estudos da Sociolinguística é criar inteligibilidade na relação intrínseca existente da língua que falamos, com a sociedade na qual vivemos.

Ao falarmos em sociedade, falamos acerca de uma construção coletiva, não apenas no aspecto que abordam Ferreira & Orrico, do fenômeno do nacionalismo, ou ainda do “prisioneiro da caverna” que vive em uma constante ilusão convincente de retóricas e imagens da monotonia e monologia dos discursos. Falamos, também, de uma constituição de memória, individual e coletiva, no qual encontra-se o sujeito que, especificamente, na relação homem/ mundo defronta-se com diferentes condições de existência, de particularidades e sentidos do seu Outro

É evidente que o sujeito do conhecimento é também um ser da natureza e, como tal, possui um corpo dotado de estrutura biológica programada geneticamente. Esse corpo é portador de um sistema regulador de funções vitais [...] no entanto, esse corpo não é uma máquina, um instrumento que registra as informações do mundo exterior [...] ele aprende a sentir sentido o mundo através do seu corpo [...]. É o olhar e não olho que informa [...] Isto quer dizer que o olho é natural, mas o olhar é socialmente desenvolvido (Ferreira & Orrico, 2002, p. 54-55).

Por esse viés, a mobilização no ato de rememoração, para o empreendimento do processo experienciando e/ou vivenciado pelo sujeito, faz emergir, conscientemente ou inconscientemente, alguns fragmentos da memória. Isto é necessário no intuito de (re)montar fatos da memória individual e coletiva, o que significa, também dizer que, há um apoio na construção de imaginário coletivo, para compreender as tramas da história de um povo e/ ou sociedade em seu lado objetivo e complexo, pelo qual um sujeito se reconhece pertencente ou não de uma determinada identidade social.

Corroborando no mesmo sentido, Halbwachs (1990), na obra “A memória coletiva” aborda como a memória tem funcionamento semelhante a um processador, que armazena informações das quais o homem, em momentos oportunos ou necessários, pode recorrer futuramente, sendo ela que garante emersão da nossa identidade e, faz brotar do nosso inconsciente as lembranças que mostram o que reunimos na mente ao longo dos anos. Essa experiência pode ser de uma memória individual ou coletiva. Desta segunda, em particular, ocasiona a recorrência de lembranças e/ou eventos compartilhados com outros indivíduos, destacando-se aqui, os aspectos vivenciados em conjunto.

[...] nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a de outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias [...] (Halbwachs, 1990, p.25).

Vale ressaltar que, a memória individual e coletiva sofre pelo aspecto confratário pelo próprio indivíduo, pois o processo de rememoração é fragmentada e implícita, o que ocasiona alguns esquecimentos, sendo preciso, muitas vezes, o cruzamento de depoimentos para fortalecer o fato descrito. O processo de esquecimento de um fato na memória de um indivíduo é um fator normal, por isso nos valem da memória coletiva.

Nesse contexto, é preciso ressaltar e/ou compreender que a partir da rememoração, a (re)construção das lembranças permanecem em uma dimensão do subconsciente e não se articula entre si nas dimensões do tempo e espaço. Assim, “[...] a memória não tem alcance sobre os estados passados e não nô-los restitui em sua realidade de outrora, senão em razão de que ela não os confunde entre si, nem com outros mais antigos ou mais recentes” (Halbwachs 1990, p.96), o que pode

ocasionar o um confronto de diferentes pontos de vista, ou um ponto de apoio nas diferenças, ou ainda, uma confusão interna desencadeada por pensamentos.

Por esse olhar, o que dá sentido à memória é a ocorrência do abstrato no tempo, pelo qual permite à nossa lembrança constituir uma engrenagem de recordações, e o espaço fica como algo concreto onde há a possibilidade do indivíduo ou até mesmo de um grupo deixar suas marcas e costumes em um determinado lugar. No ato de rememoração, pode-se encontrar um sustentáculo entre passado e presente. O nexa maior de rememoração é que possamos encontrar um alicerce entre o passado e o presente, percebendo o que influenciou na constituição das/nas identidade(s) sociais.

Vale ressaltar que, a este fato, Candau (2019) nos aponta a reflexão de que, a evocação da memória passa pelo nível de individualidade do sujeito à coletividade. Se por um lado, pode-se construir um pertencimento autobiográfico de extensões artificiais ou não do que delinea o reconhecimento de fatos passados, no nível coletivo as representações enunciativas são organizadas para produzir uma memória supostamente comum.

[...] cada um de nós tem a ideia de sua própria memória e é capaz de discorrer sobre ela para destacar suas particularidades, seu interesse, sua profundidade ou suas lacunas [...]. Entretanto, no momento em que passamos para o nível de grupos ou sociedades, o estatuto desses termos muda ou fica invalidado. Nenhuma sociedade come, dança ou caminha de uma maneira que lhe é própria, pois apenas os indivíduos, membros de uma sociedade, adotam maneiras de comer, dançar ou caminhar que, ao se tornarem dominantes, majoritárias ou unânimes, serão consideradas como características da sociedade em questão (Candau, 2019, p.24).

O que seria então o verdadeiro real da memória para o sujeito? Ainda hoje seria muito obscuro qualquer tipo de afirmação, pois ainda que acolhamos a situação análoga e supositiva de que, ao observamos por um dia uma teia fixada sob um mesmo ponto em um rio fluente, “o mesmo e o já” das água que corre debaixo não seria os mesmos, dado as situacionalidades do tempo e as sucessões de eventos que o cercam, assim também, a corporalidade do sujeito, que se faz de sucessões de instantes, na medida que lhe são “oferecidas” materiais de acontecimentos, dos quais se formulam memoráveis. Estes só ocorrem com o esforço de ir para além de categorias essencialistas do “antes/agora” ou “naquele tempo/ presente”, “[...] mobilizado no quadro das estratégias identitárias se constituirá a partir de um certo número de referências temporais [...] de origem [...] e [...] do acontecimento” (Candau, 2019, p. 95).

Nesse sentido, argumentar sobre a possibilidade de uma de(s)colonialidade nos parece ser acertado, ou ainda, um novo caminho para perceber as múltiplas identidades, pois urge a necessidade de trazer em primeiro plano realidades pluriversais, subalternizadas pela hegemonia capitalista e/ou ainda pelas relações de poder. Para tanto, Mignolo (2008) nos convida a pensar na identidade em política do sujeito. “A identidade em política [...] é a única maneira de pensar descolonialmente [...] todas as outras formas de pensar [...] de agir politicamente [...] significam permanecer na razão imperial” (Mignolo, 2008, p. 290) e, se assim permanecerem, a retórica da colonialidade de progresso e de modernização ainda será a engrenagem que vai mover a subalternização do outro.

Certamente, isso só será possível se levarmos em conta o caráter fundamental da linguagem na construção da identidade de um sujeito, sob uma perspectiva existencialista, pela qual há ressignificações que se movem a partir das interpelações que rodeiam o sujeito.

Argumenta-se, entretanto, que são exatamente essas coisas que estão “mudando”. O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado [...] A identidade torna-se uma “celebração móvel” formada, transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam [...] o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas em torno de um “eu” coerente (Hall, 1998, 12-13).

Da mesma forma, Bauman (2005) também, postula que abordar a questão de identidade como fruto da modernidade é uma ação “fluida”, pois é falar em deslocamento “[...] todos pertencemos a várias comunidades e temos, por isso, várias identidades. Elas flutuam no ar: algumas, de nossas próprias escolhas, outras impostas (Bauman, 2005, p. 18-21).

Em outra instância complexa do inconsciente, o caráter da subjetividade do sujeito tem sua materialização no/pelo discurso, que faz com que sobrepujem suas ideologias e restrições localizando-as em determinadas formações discursivas.

Quando se trata de discurso, um dos elementos pelo qual se materializa a identidade de um sujeito, se tem a relação do homem/ sociedade, algo que vai além do entendimento da gênese conceitual de língua como sendo abstrata. Trata-se, pois, da ideia de algo que se encontra em percurso, em movimento, em deslocamento. A partir disto se constitui as existências simbólicas e efeitos de sentidos que são bases da produção humana.

[...] a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percursos, de correr por, de movimento [...] O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem [...] torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana (Orlandi, 1999, p. 15).

Pêcheux (2008) ainda corrobora essa asserção ao nos afirmar que há uma pluralidade contraditória nos espaços de identificação, que nem mesmo a ciência pode contrapor. Esta advém tanto pelo aspecto do que há para saber das filiações históricas, que cada um se circunscreve, quanto pelo propósito de assecuridade do saber com exatidão do que se fala. Há, portanto, uma coexistência desses aspectos que podem acontecer dado ao fato de estarem inscritos a uma filiação e não serem meros produtos de uma aprendizagem familiar, social e institucional.

O ponto crucial é que, nos espaços transferenciais da identificação, constituindo uma pluralidade contraditória de filiações históricas (através das palavras, das imagens, das narrativas, dos discursos, dos textos, etc...), as “coisas-a-saber” coexistem [...] porque esses objetos estão inscritos em uma filiação e não são o produto de uma aprendizagem: isto acontece tanto nos segredos da esfera familiar “privada” quanto no nível “público” das instituições e dos aparelhos de Estado. O fantasma da ciência régia é justamente o que vem, em todos os níveis, negar esse equívoco, dando a ilusão que sempre se pode saber do que se fala [...] (Pêcheux, 2008, p. 55).

Concebendo, assim, a coexistência de objetos à saber e, saber do que se fala, há então, por assim dizer, espaços outros pelos quais mesmo não sendo ditos, se constituem nos entremeios dos discursos. Desta forma, “[...] todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação- reestruturação dessas redes e trajetos [...] de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação [...] construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes [...]” (Pêcheux, 2008, p.56).

Nessa mesma perspectiva, Orlandi (2007) vai mais além, ao afirmar que, há no entremeio do não-dito um significado. “Não é o nada, não é o vazio sem história. É silêncio signifiante”. A partir disto, constitui-se conjunturas múltiplas, que possibilitam outras visões, outros deslocamentos de saber, outros sentidos múltiplos, pelos quais os “deslocamentos” das palavras vicejam o dizível dos sujeitos. Por outro lado, também, reflete as restrições ideológicas dos sujeitos, que ao julgar consciente de si, enquanto sujeito, encontra-se assujeitado em (des) conforto as relações de poder.

O silêncio é assim a “respiração” (o fôlego) da significação; um lugar de

recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é “um”, para o que permite o movimento do sujeito. [...] Silêncio que atravessa as palavras, que existe entre elas, ou que indica que o sentido pode sempre ser outro [...] (Orlandi, 2007, p. 13-14).

Com efeito, todos esses aspectos pontuados até o momento são bases formulativas e/ou constitutivas para vislumbrar a identidade de um sujeito, que ora se estrutura em uma possibilidade de consciência plena do dizer, ora se desloca nos sentidos múltiplos que emergem dos confrontos ideológicos e de poder. Destarte, partindo desses pressupostos, é possível delinear com bases teóricas, um dos objetivos específicos dessa dissertação, no que se refere a identificar como estão sendo constituídas a língua(s) e identidade(s) dos imigrantes bolivianos e venezuelanos na cidade de Guajará-Mirim, Rondônia, na fronteira Brasil/Bolívia.

#### **4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA**

Neste capítulo, descrevemos a metodologia utilizada para o desenvolvimento da presente pesquisa e apresentamos uma breve análise dos resultados. Para melhor explicitar o desenvolvimento e/ou etapas da pesquisa, os resultados serão apresentados em dois (02) subcapítulos. Dessa forma, no primeiro, descrevemos as escolhas teórico-metodológicas da pesquisa, já no segundo, apresentamos e analisamos os dados que resultaram da pesquisa de campo, destacando-se: o contexto socioeconômico do *lócus* desta pesquisa e o processo de rememoração nos/ pelos discursos dos imigrantes: língua(s) e identidade(s).

##### **4.1 Procedimentos metodológicos da pesquisa**

A pesquisa, do tipo bibliográfica e de campo, foi desenvolvida na perspectiva de estudos relativos à área da Linguística Aplicada - LA, com a abordagem qualitativa interpretativista, de cunho decolonial. Toda investigação foi realizada no período de 2021 a 2022, no município de Guajará-Mirim/RO, na fronteira Brasil/Bolívia.

A coleta de dados foi realizada em duas etapas. A primeira etapa, de caráter exploratório, abrangeu a seleção de fontes bibliográficas secundárias, seleção de referenciais teóricos e conceituais para compreensão do objeto de estudo e consistiu na leitura de obras, dissertações e teses pertinentes aos temas “Cultura, Narrativa e

Identidades Amazônicas”. Também consultamos o acervo do Grupo de Pesquisa “Migrações, Memória e Cultura na Amazônia Brasileira” e o “Projeto Assistência, Prevenção e Resiliência da Covid- 19- PCPR II /GM”.<sup>25</sup>

Para o levantamento e a coleta de dados, seguimos a perspectiva da Linguística Aplicada- LA, de natureza interpretativista. Também recorremos à pesquisa documental e utilizamos alguns instrumentais que possibilitaram a triangulação dos dados, a qual foi seguida da seleção de técnicas para tratamento, de forma sistematizada, com a escolha de fragmentos de transcrições de entrevistas para tabulação.

A segunda etapa constituiu-se a partir da análise dos fragmentos de entrevistas transcritos, a qual permitiu, a partir da intersubjetividade do pesquisador e do subjecto da pesquisa, a validação dos dados coletados.

A coleta de dados englobou as seguintes ações: realização de conversas informais e seleção dos sujeitos da pesquisa; realização de entrevistas com a utilização de um questionário estruturado e semi-estruturado; gravações de vídeos e áudios, transcrição, registro e análise dos resultados das entrevistas; visita ao laboratório do Grupo de Pesquisa “Migrações, Memória e Cultura na Amazônia Brasileira.”

[...] o acesso aos significados se dá através da utilização de instrumentais de pesquisa tais como diários [...] gravações de aulas em vídeo e áudio, entrevistas, documentos, etc. que apresentem descrições/ interpretações do contexto [...] é a conjunção dos vários tipos de instrumentos que possibilita a triangulação dos dados [...] A intersubjetividade tenta dar conta dos significados possíveis [...] é um critério para estabelecer a validade da interpretação por parte do pesquisador (Moita Lopes, 1994, p. 334).

Ainda quanto à metodologia qualitativa interpretativista, pensando no mundo social em dependência e em relação ao homem, que (re) interpreta e (re)constrói os significados existentes a sua volta, partimos do pressuposto de que não existe apenas uma verdade ou um único caminho do real, assim, há várias formas de produzir conhecimento, como também, constituir uma área de investigação capaz de refletir tal fato, ou seja, a constituição de um corpo com vistas ao metaconhecimento na área da LA.

---

<sup>25</sup> O objetivo geral do PCPR II é ajudar a conter a propagação da COVID-19 em áreas, principalmente, de fronteira, além de minimizar às necessidades urgentes das populações afetadas pela crise, prestando assistência humanitária a migrantes, solicitantes de refúgio venezuelanos, indígenas, repatriados, populações afetadas por conflitos e comunidades de acolhida.

[...] O que é específico no mundo social, é o fato de os significados que o caracterizam serem construídos pelo homem, que interpreta e re-interpreta o mundo a sua volta, fazendo assim, com que não haja uma realidade única, mas várias realidades (Moita Lopes, 1994, p. 331).

Quanto à análise e interpretação dos dados da pesquisa, realizamos a partir dos pressupostos metodológicos apresentados por Gil (2008), o qual aborda sobre o processo da análise de conteúdo em três fases, sendo elas: pré-análise; exploração do material e tratamento dos dados. A primeira fase se refere ao processo de organização do material a ser utilizado; a segunda é refere-se à administração sistemática dos materiais, escolhendo as unidades de recorte da pesquisa; a terceira estabelece e/ ou sintetiza as informações obtidas em escala de estatística, que possibilita tornar os dados validos e significativos. Assim, “[...] à medida que as informações obtidas são confrontadas com informações já existentes, pode-se chegar a amplas generalizações [...]” (Gil,2008, p. 153).

Corroborando essa interpretação de dados a partir da compreensão da língua, a materialidade da construção de um mundo social é a linguagem e essa é tomada a partir da existência e/ ou dependência do homem, cuja ação no mundo social evidencia múltiplas vozes as quais são interligadas e/ ou interconectadas a fatores relativos ao poder, ideologia, história e subjetividades. Conforme este princípio, não há como se “[...] ignorar a visão dos participantes do mundo social caso pretenda investiga-los, já que é esta que o determina [...]” (Moita Lopes, 1994, p. 331). Na pesquisa etnográfica (com foco nos aspectos sociais), sobre essa questão, age a partir de táticas de regularidades no discurso, com unidades de significados paradigmáticos, e permite constituir um *corpus* de pesquisa válida relacionadas a questão central sob análise.

Vale ressaltar que, a partir do viés da interdisciplinaridade de uma LA transgressiva (conforme Moita Lopes, 2006), no sentido de dialogar com outras áreas do saber, de reconsiderar os modos de produção de conhecimento, uma vez que, esse é provisório e está sempre em processo de produção, busca-se criar inteligibilidade relativas as práticas sociais do mundo atual, pensando em sujeitos sociais que não se encontram em estado homogêneo, viabilizando e evidenciando, assim, as vozes múltiplas existentes, como também, seus múltiplos sistemas semióticos.

Utilizamos, também, a Análise de discurso de linha Francesa - proposta por Orlandi (2007), pois é necessário compreender os silenciamentos, as ideologias e os



interdiscursos que emanam da memória dos imigrantes venezuelanos reterritorializados no município de Guajará-Mirim/RO, na fronteira Brasil/Bolívia.

[...] o estudo do silenciamento [...] nos mostra que há um processo de produção de sentidos silenciados que nos faz entender uma dimensão do não-dito absolutamente distinta da que se tem estudado sob a rubrica do “implícito” [...] o sentido do silêncio não é algo juntado, sobreposto pela intenção do locutor: há um sentido no silêncio [...] (Orlandi, 2007. p.12).

Quando em funcionamento, os discursos expressam significados que entrelaçam subjetividades correlacionadas à natureza religiosa, política e ideológica. Destarte, a formulação do discurso se consolida, por assim dizer, com bases anteriormente ditas e das quais vão sendo proferidas em fluxo contínuo. Assim sendo, a análise do discurso de linha francesa possibilitou, a partir convergência da memória e /ou rememoração, a atualidade da formulação do que foi expresso nos interdiscursos e intradiscursos que emergem dos migrantes venezuelanos reterritorializados. Corroborando este pensamento Courtine (*apud* Eni Orlandi, 2007) explica:

[...] o que chamamos de interdiscurso – representa como um eixo vertical onde teríamos todos os dizeres já ditos – e esquecidos – em uma estratificação de enunciados que, em seu conjunto, representa o dizível. E teríamos o eixo horizontal- intradiscursos – que seria o eixo de formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas (Courtine, 1984, *Apud* Orlandi, 2007, p. 32 e 33).

Os critérios utilizados para seleção dos sujeitos da pesquisa foram definidos a partir dos registros do Cadastro Único Nacional- CAD ÚNICO do município de Guajará- Mirim/ RO, que tem por objetivo o cadastramento e acompanhamento das famílias residentes e imigrantes que necessitam de um atendimento especializado, devendo ser observados os seguintes requisitos: ser imigrante, ter nacionalidade venezuelana ou boliviana, idade entre 19 a 60, residir no município de Guajará-Mirim/RO há pelo menos seis (6) meses.

Os dados selecionados foram dispostos em tabulação cruzada, com o intuito de possibilitar maior verificação e interconexão entre eles. A essa construção demonstrativa de dados, Gil (2008) apresenta três etapas distintas que se seguem à análise qualitativa: redução; exibição e conclusão/ verificação, buscando regularidades a ser validadas na interpretação dos dados. Dessa forma, para análise estatística de dados o material coletado foi organizado em agrupamentos de categorias e codificações. A partir disto, foi possível verificarmos a existência entre a

variável dependente e variável independente, ou ainda, em qual medida estão relacionadas entre si. Assim, “[...] para interpretar os resultados, os pesquisadores precisam ir além da leitura dos dados, com vistas a integrá-los num universo mais amplo em que poderão ter algum sentido [...]” (Gil, 2008, p. 178).

Nas entrevistas estruturadas, buscamos uma similaridade em possíveis variáveis de respostas, podendo, assim, observar como são e/ou estão sendo construídos os discursos dos venezuelanos e bolivianos que migraram para as fronteiras de Rondônia. A partir das entrevistas semiestruturadas focalizadas, foi possível observar e registrar razões, motivos, sentimentos e outras subjetividades que impulsionaram a ocorrência de tal migração e constituição de outras identidades culturais.

Desse ponto de vista, é imprescindível o estudo versado por Calvet (2002) sobre as implicações das variações linguísticas sociais, ou ainda uma possível assimilação de uma língua veicular. De fato, o uso de uma ou de outra, pode ser de cunho inconsciente ou consciente. Contudo, o que nos interessa, a princípio, é criar a inteligibilidade a respeito da língua, em sua função social.

Vale ressaltar que a função social da língua não pode ser encarada como um instrumento (pois não o é), que é lançada em uma necessidade e em seguida é guardada, ou apenas ao seu valor material simbólico, sobre qual agem as relações de forças e colonialismos do poder, pois, nela está imbricado o discurso do sujeito, do qual (ou pelo qual): “[...] não é apenas uma mensagem a ser decifrada; é também um produto que entregamos à apreciação dos outros produtos mais raros ou mais comuns” (Calvet, 2002, p. 106). Com efeito, é preciso reexaminar o status de homogeneidade linguística criado a partir do imaginário ocidental. Nesse contexto, também assumimos a perspectiva descolonial, proposta por Mignolo (2008, p. 304), que a concebe “[...] a partir da exterioridade e em uma posição epistêmica subalterna vis-à-vis à hegemonia epistêmica que cria, constrói, elege um exterior a fim de assegurar sua interioridade.

## **4.2 Caracterização dos sujeitos da pesquisa**

Para o desenvolvimento deste tópico que correspondam às questões elencadas a serem respondidas, foram divididos outros três subtópicos, nos quais foi debatido e apresentado a caracterização dos colaboradores desta pesquisa no espaço fronteiro de Guajará-Mirim, sendo eles imigrantes venezuelanos e

bolivianos; o processo de (re) memoração e identidades linguísticas evidências no imigrante; e os aspectos que entrelaçam e são dissonantes nos contexto imigratórios que foram registrados na cidade lócus desta pesquisa.

#### **4.2.1 Os imigrantes e o espaço de (multi)fronteiras**

Neste tópico, apresentamos uma breve caracterização dos colaboradores desta dissertação, bem como do estrato quantitativo de imigrantes que se encontram no município de Guajará- Mirim/ RO, situado na fronteira Brasil/Bolívia, que acolhe os imigrantes venezuelanos e bolivianos em esforço para favorecimento de interação socio-cultural.

Conforme foi exposto ao longo dessa dissertação, a cidade de Guajará-Mirim/RO, tem desde sua acepção, a característica constitutiva do intenso contato e/ou fluxo de imigrantes, advindos de diversas partes do Brasil e de outros países. Este fato fica evidenciado a partir dos mais diversos entrelaces históricos, e como tal foi circunscrito por diversos autores, tais como Teixeira & Fonseca (2001) ; Pinto (2005); Perdigão & Bassegio (1992); além de escritos literários tratados por Paulo Saldanha (2006, 2020) dentre outros.

A população de Guajará-Mirim, em sua constituição, contava com diversas imigrantes das mais diversas nacionalidades, dentre eles: gregos, turcos, japoneses, espanhóis, barbadianos, portugueses, ingleses, americanos, franceses, e migrantes de todo Brasil, principalmente, os nordestinos. Isso graças ao grande impulso governamental e de empresários para a Construção da EFMM e dos ciclos da borracha.

Quanto à relação das cidades gêmeas Guajará-Mirim/BR e Guayaramerín/BO, estas, foram sendo entrelaçadas e demarcadas a partir das grandes demandas de escoamento da borracha. Por este olhar, podemos inferir que as relações comerciais sempre permearam as referidas cidades em um contato direto e, por isso, estreitaram as relações culturais e sociais de ambas cidades.

Devemos esclarecer que, apesar da natureza desta pesquisa se firmar, sobretudo, em dados qualitativos, o papel de quantificação e estatística nos faz perceber e compreender um quadro maior de interpretações e fenômenos, os quais, quando cruzados em dados coletados de menor escala, apontam para realidades heterogêneas vivenciadas em um dado espaço geográfico e/ ou social.

As suas limitações são as da própria linguística, a quem cabe a

responsabilidade de descobrir quais são os fatores relevantes, de levantar e codificar os dados empíricos corretamente e, sobretudo, de interpretar os resultados numéricos dentro de uma visão teórica da língua. O progresso da ciência linguística não está nos números em si, mas no que a análise dos números pode trazer para nosso entendimento das línguas humanas (Mollica & Braga, 2012, p. 25).

Assim, conforme o último censo do IBGE (2021), a população Guajaramirense está estimada em 46.930 pessoas, e perfaz uma área territorial de 24.856,877km<sup>2</sup>, desse total se tem o equivalente a 20,5% de domicílios com rede de esgoto sanitário adequado e 3.1 % de domicílios urbanos em vias públicas com adequado sistema de calçamento, pavimentação, bueiro e meio fio, e a média mensal de 1,8 de salário de trabalhadores formais. Quando à taxa de escolarização é de 93,1% infantil. Teoricamente, são dados animadores e bons, contudo, a realidade de vivência para os que não possuem trabalho formal e para aqueles que não estão regularmente documentados, o quadro de estatísticas positivas se torna obsoleto e/ ou obscuro.

Destarte, na metodologia traçada para esta pesquisa, o instrumento e critério de escolha para os participantes a partir da extração de dados do CAD ÚNICO se mostraram insuficientes para tal empreitada, pois não se tem a quantificação dos invisibilizados, dado ao fato de requererem apresentação de documentos obrigatórios a serem respondidos/ preenchidos, dos quais, muitas vezes, o imigrante ainda não possui.

Notadamente, nesse quesito podemos exemplificar o requerimento de documentos pessoais, este que muitas vezes se encontra em tramitação na Polícia Federal, ou ainda esbarram no fato de, na maioria das vezes, o requerente não possuir o erário suficiente para o início do processo de legalização, ainda que, pela lei se tenha a possibilidade de preencher a declaração de hipossuficiência, ademais a isso, outro documento que deve ser apresentado se torna empecilho para que o imigrante consiga se cadastrar, quer seja ele o comprovante de residência, ou informação inteligível de como proceder para a efetivação do processo de cadastramento. Quanto a esses fatores expostos, deixemos apenas este breve esboço situacional, o qual será detalhado mais adiante.

Nesse contexto, apontamos, primariamente, dados extraídos do Projeto Assistência, Prevenção e Resiliência da Covid-19 – PCPR II/GM, que é ligado diretamente a instituição da Igreja Católica, em comunhão com demais entidades não governamentais, sendo elas: caritas Luxemburgo, CNBB e Serviço Pastoral dos imigrantes. O referido projeto visa auxiliar/ ajudar, humanitariamente, as famílias que

se encontram em vulnerabilidade, seja ela imigrante ou comunidade de acolhida.<sup>26</sup> Entre umas das frentes de ação para o enfrentamento e/ou auxílio para população local, estão a distribuição de kit's de cesta básica, de kit's de higiene pessoal, de cartões multipropósito e saúde, atendimento psicossocial, dentre outros.

No período entre os meses de fevereiro a setembro no ano de 2022, foram realizados, aproximadamente, 222 cadastros e, em um quadro mais preciso da permanência/ residência de imigrantes na cidade, obteve-se 124 cadastros realizados, onde, majoritariamente, haviam pessoas com baixa escolaridade e, em casos de menor quantificação, analfabetos.

**Tabela 1- Grau de escolaridade dos imigrantes cadastrados no projeto**

| <b>CADASTROS IMIGRANTES – 2022 (ESCOLARIDADE)</b> |    |
|---|----|
| ANALFABETO  | 4  |
| ENSINO FUNDAMENTAL I E II                         | 87 |
| ENSINO MÉDIO                                      | 27 |
| ENSINO SUPERIOR                                   | 6  |

Fonte: dados da pesquisa

Em relação à faixa etária, tomando-se como base apenas o ponto focal (o entrevistado) no ato do cadastramento, obteve-se o número entre 22 a 85 anos. A tabela a seguir traz o demonstrativo da quantificação com diferenciação entre sexo masculino e o feminino.

**Tabela 2 - Faixa etária dos imigrantes cadastrados**

| <b>CADASTROS IMIGRANTES – 2022 (FAIXA ETÁRIA)</b> |        |    |
|---|--------|----|
| <b>15 A 25 ANOS</b>                               | HOMEM  | 02 |
|   | MULHER | 10 |
| <b>26 A 49 ANOS</b>                               | HOMEM  | 03 |
|   | MULHER | 45 |
| <b>50 A 71 ANOS</b>                               | HOMEM  | 09 |

<sup>26</sup> Comunidade de acolhida refere-se a pessoas nascidas no próprio estado e/ou de nacionalidade brasileira.

|                  |        |    |
|------------------|--------|----|
|                  | MULHER | 49 |
| <b>+ 72 ANOS</b> | HOMEM  | 02 |
|                  | MULHER | 04 |

Fonte: dados da pesquisa

Em relação ao fator sexo, homem ou mulher, dos 124 cadastros de imigrantes, 108 foram de mulheres, e 16 de homens. Sobre essa diferenciação quantitativa, há uma recomendação interna dos executores do projeto para que sejam realizados, prioritariamente, cadastros pela mulher, enquanto ponto focal e recebedora dos benefícios que possam ser, posteriormente, direcionados a ela e aos demais que compõem seu grupo familiar. Isso se deve ao entendimento e de que, tendo o ponto focal registrado/cadastrado pela genitora e/ ou responsável legal dos demais familiares, ela poderá gerir da melhor forma o benefício recebido, como também diminuir a possibilidade de dependência direta do parceiro e/ou cônjuge.

A partir desse número de cadastros, levando-se em conta aqueles que se enquadram como imigrantes, apenas 5 entrevistados possuíam trabalho remunerado mensal, sendo 2 deles possuidores de uma renda equivalente a mais de um salário e meio por família, os demais sobreviviam (e sobrevivem) do esforço braçal, na coleta seletiva, na agricultura familiar, em serviços de limpeza em geral, ou ainda, dependentes de ajuda de terceiros, como podemos observar no quadro a seguir.

**Tabela 3 - Fonte de renda/ subsistência dos imigrantes**

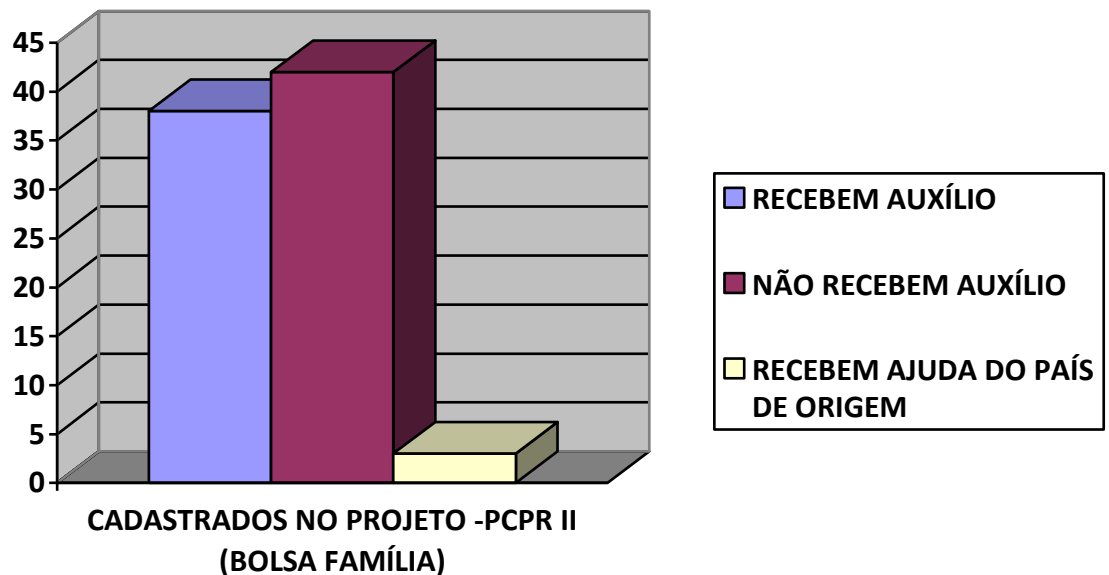
| <b>CADASTROS IMIGRANTES – 2022 (FONTE DE RENDA)</b> |  |              |
|---|--|--------------|
| <b>INFORMAL</b>                                     | Esforço braçal (pedreiro, auxiliar de obra, marceneiro, borracheiro, mecânico, diarista) | 44 cadastros |
|   | Coleta seletiva  | 07 cadastros |
|   | Agricultura familiar   | 06 cadastros |
|   | Vendas em geral (salgados, comida,   | 26 cadastros |

|                           |   |              |
|---------------------------|---|--------------|
|                           | perfumaria, roupas)                                       |              |
| <b>FORMAL</b>             | Auxiliar de secretaria,<br>zelador, contador,<br>vendedor | 5 cadastros  |
| <b>AJUDA DE TERCEIROS</b> | (amigos, familiares ou<br>instituições)                   | 33 cadastros |
| <b>Aposentaria</b>        | (doença, idade)   | 03 cadastros |

Fonte: dados da pesquisa

Vale ressaltar que, dos que declararam trabalho informal, um pouco menos da metade se utiliza da ajuda governamental do Bolsa Família para completar sua renda de sobrevivência e, os demais, com raras exceções, declararam, no processo da escuta, que em algum momento de suas vidas, fizeram o cadastro para o recebimento do benefício, contudo, alguns não obtiveram resposta positiva, ou ainda estavam no aguardo de resposta de sua interpelação.

**Gráfico 3 - Imigrantes cadastradas no projeto que recebem (ou não) benefício governamental**



Fonte: dados da pesquisa

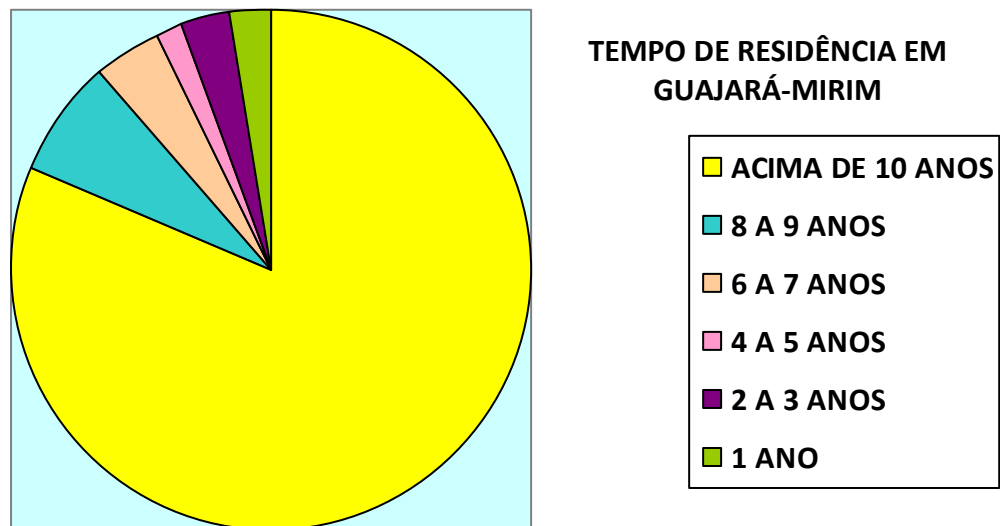
Embora o trabalho informal do qual os entrevistados retiram a fonte primária de sobrevivência tenha sido declarado majoritariamente na realização do cadastro, esse se mostra quase inócuo, aos que recebem o auxílio governamental para

complemento do valor bruto mensal de seu sustento, pois 31 dos entrevistados declararam receber entre 300 a 900 reais mensais, e 7 entrevistados declaram receber entre 1.000 a 1.300 reais mensais. Já se comparados com os entrevistados que não recebem o auxílio e, declararam receber entre 200 a 900 reais mensais, se tem 5 cadastros a menos. Por outro lado, o número daqueles que declararam receber entre 1.000 a 2.000 reais mensais sobem para 09 cadastros.

Notadamente, ainda é valido observarmos que todos estes trabalhadores não possuem uma renda fixa, por este fato, o valor é aproximativo da realidade que vivenciam, ou ainda se mostram preocupantes, uma vez que a perspectiva de sobrevivência de renda mínima declarada chega ao valor de 200 reais mensais.

Levando em conta o tempo de vivência dos imigrantes, podemos observar que a maioria dos cadastrados permanecem e/ ou residem na cidade de Guajará-Mirim, no mínimo a 1 (um) ano, e quando questionados se desejariam permanecer na cidade, com raras exceções, responderam que não tinham interesse de se deslocar para outra localidade, desta forma, podemos inferir que apesar de todas as adversidades de se viver em um espaço fronteiriço, se sentem acolhidos no novo local de moradia.

**Gráfico 4 - Tempo de residência/ moradia em Guajará-Mirim**



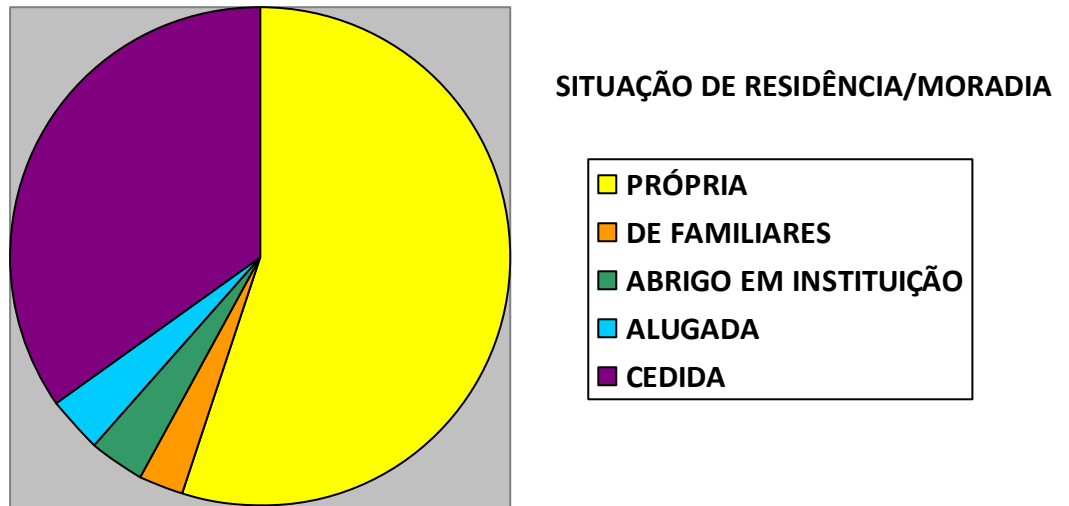
Fonte: dados da pesquisa

Ainda sob este aspecto, há que se tratar da situacionalidade de residência, a qual podemos observar, a partir dos dados coletados, que cerca de 61 entrevistados moram em casa própria, 39 em casas cedidas, 17 em casas alugadas, 4 em abrigos de instituições (igrejas, sobretudo protestantes) e 3 em casas de familiares. Apesar



do número de pessoas em suas casas próprias seja bastante superior às demais modalidades, quase todos os entrevistados relataram no cadastro que a moradia não se encontrava em perfeito estado de conservação, ou ainda conviviam sem a ínfima estrutura de energia elétrica ou água encanada.

**Gráfico 5 - Situação de residência / moradia em Guajará-Mirim**



Fonte: dados da pesquisa

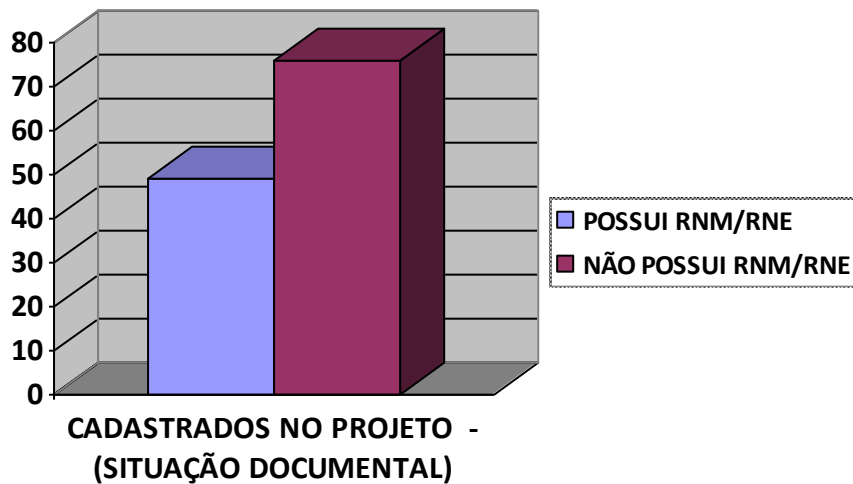
Nessas condições, refletirmos, também, sobre quais são as necessidades primárias/ e ou urgentes que o entrevistado possui se formula algo ainda mais preocupante, já que, se elencarmos apenas as cinco principais demandas apontadas pelos sujeitos, maciçamente, encontramos a urgência em receber auxílio quanto à alimentação, seguido de saúde, regularização, educação e higiene. Dessas, outra preocupação urge em relação à saúde, pois pelo menos 74 dos entrevistados declaram possuir algum tipo de comorbidade, estando entre as mais citadas: hipertensão, diabetes, artrose, reumatismo, artrite, deficiência visceral, deficiência física e intelectual. Por outro lado, ainda temos os demais cadastros nos quais os entrevistados declaram não possuir enfermidade, porém, também não descartavam, uma vez que, a procura por atendimento médico nos postos de saúde se demonstrou (e demonstra) inoperante.

Vale ressaltar que tal fato não se faz realidade única e/ ou exclusiva da cidade de Guajará-Mirim, mas de muitas outras cidades brasileiras, pois há uma situação de descaso em relação aos cuidados básicos de atendimento à manutenção da saúde. Em um quadro de projeção exemplificativo, podemos depreender que, muitas vezes quando há o atendimento para ser lançado e/ ou realizado a anamnese do

paciente, outras barreiras se perfazem, quer seja pela falta de disponibilidade de medicação gratuita, quer seja pela disponibilidade de exames básicos.

Ao analisar os dados, podemos destacar ainda, o fator relacionado à regularização e, conforme foi dito anteriormente, elencando entre uma das urgências dos entrevistados. Emerge dizer que, os imigrantes, majoritariamente, encontram-se em pendência de regulamentação e/ ou entrada documental no Brasil.

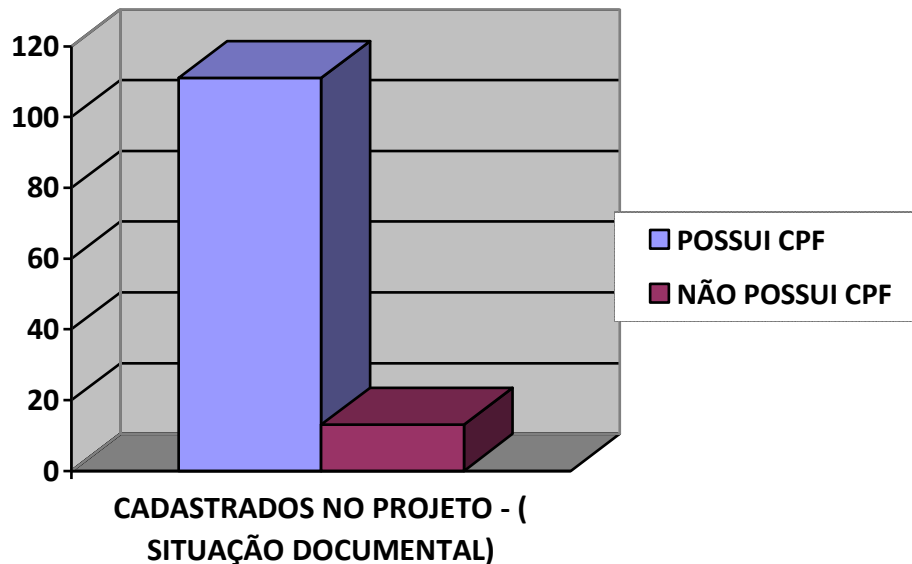
**Gráfico 6 - Situação documental dos imigrantes: RNE/RNM**



Fonte: dados da pesquisa

Contudo, ao analisarmos a presença de circunscrição no cadastro de Pessoa Física – CPF, há uma inversão numérica, pois há uma quantificação clara, ou até mesmo óbvia, de se afirmar que, em algum momento da residência e/ou vivência do imigrante, ele tenha dado início ao processo de legalização no país.

**Gráfico 7 - Situação documental dos imigrantes: CPF**



Fonte: dados da pesquisa

A partir das questões apresentadas, passamos agora à caracterização dos entrevistados/ colaboradores desta pesquisa, afinada a apresentar, principalmente, o fluxo migratório ocorrido na cidade por sujeitos de nacionalidade boliviana e venezuelana. Nesse sentido, para o estrato desta pesquisa trazemos à luz, informações, especificamente, de cinco (5) imigrantes bolivianos e cinco (5) imigrantes venezuelanos, os quais serão referenciados ao longo desta análise pelas letras iniciais de seus nomes.

**Tabela 4 - Caracterização dos entrevistados/ colaboradores da pesquisa**

| Nº | ENTREVISTADO   | CARACTERIZAÇÃO   |
|----|----------------|--|
| 01 | A. V. C.       | 47 anos, homem, casado, 5 filhos, católico, sem escolaridade, vendedor do ramo pesqueiro, status migratório - residente, cidade de Mataguá/ Bolívia, 32 anos no Brasil       |
| 02 | L. A. R.       | 54 anos, mulher, casada, 03 filhos, católica, ensino médio completo, auxiliar de secretaria, status migratório - naturalizada , cidade Huacaraje/ Bolívia, 39 anos no Brasil |
| 03 | B. P. R. E.    | 50 anos, mulher, casada, 02 filhos, Igreja Batista, ensino superior, professora, status migratório – permanente, cidade de Guayaramerín/ Bolívia, 34 anos no Brasil          |
| 04 | M. H. O. A.    | 55 anos, mulher, solteira, 03 filhos, católica, ensino fundamental I, doméstica, status migratório – residente, cidade de Santana Benes/ Bolívia, 31 anos no Brasil          |
| 05 | K. Y. M. H. L. | 43 anos, mulher, casada, 02 filhos, católica, ensino fundamental I, zeladora, status migratório - permanente, cidade de Exaltación/ Bolívia, 38 anos no Brasil               |
| 06 | C. A. P. B.    | 55 anos, homem, casado, 03 filhos, católico, ensino superior, administrador, status migratório – permanente, cidade de Maracaibo/Venezuela, 3 anos                           |

|    |             |  |
|----|-------------|--|
|    |             | no Brasil  |
| 07 | D. E. V. M. | 20 anos, homem, solteiro, não possui filhos, agnóstico, ensino médio completo, gestor de vendas, status migratório – solicitante de refúgio, cidade de El Tigre/ Venezuela, 5 anos no Brasil |
| 08 | L. B. C. N. | 49 anos, mulher, casada, 03 filhos, agnóstica, ensino técnico, contabilidade, status migratório - permanente, cidade de Maracaibo/ Venezuela, 2 anos e 7 meses no Brasil                     |
| 09 | E. G. C. G. | 28 anos, mulher, casada, 02 filhos, evangélica, ensino médio, manicure, status migratório – solicitante de refúgio, cidade de Monagas/ Venezuela, 2 anos no Brasil                           |
| 10 | L. E. F. C. | 38 anos, casado, 03 filhos, evangélico, ensino fundamental II, cabeleireiro, status migratório – solicitante de refúgio, cidade de Caribe/ Venezuela, 3 anos no Brasil                       |

Fonte: dados da pesquisa

Em relação à caracterização, observando o quadro acima, podemos afirmar que todos os sujeitos entrevistados são adultos e, grande parte, possuem baixa escolaridade, contudo, almejam melhoria de vida. Sobre esse aspecto, podemos inferir, a partir das informações dadas durante a entrevista, que ao serem questionados sobre a motivação para saída do país de origem (questionário 1, parte II, questão 1), eles responderam:

**Tabela 5 - Motivações da imigração**

| Nº | ENTREVISTADO | MOTIVAÇÕES IMIGRAÇÃO  |
|----|--------------|---|
| 01 | A. V. C.     | “Eu sou de família pobre, me criei só com meu pai (voz embargada), não tive mãe. Sou de uma família muito pobre. (voz embargada). Hoje tenho tudo! Tenho minha família, minha casa é boa, a senhora está vendo. Construí tudo no Brasil. Então, não tenho mais esperança de sair daqui. Daqui seria já quando eu morrer.” |

|    |                |   |
|----|----------------|---|
| 02 | L. A. R.       | <p>“Eu sai do meu país em busca de um trabalho melhor, uma oportunidade de vida melhor. Eu via que precisava algo há mais. De onde eu tava até quando cheguei, saindo do lado da minha mãe, eu não estava tendo vida. Não tinha aquilo que eu precisava, que era um trabalho, era me sentir segura, não tinha o acolhimento necessário. Então, eu vim atrás de um trabalho que me desse oportunidades melhores, assim, também, como estudo”</p>   |
| 03 | B. P. R. E.    | <p>“Então, eu saí lá, do meu país, da minha cidade Guayará, eu tinha 15 anos. Mas foi assim... foi mais por causa de um convite da minha irmã. Eu era doida, fascinada para conhecer “Guarará”. E teve essa oportunidade de eu vir para cá, morar com minha irmã, e foi mais uma oportunidade de conhecer, e assim ter outra oportunidade de vida. Conforme meu pensamento, com 15 anos, eu queria melhorar a minha vida. Já pensava no futuro, que eu poderia conseguir melhorar, ter mais possibilidades de estudo num país estrangeiro.”</p> |
| 04 | M. H. O. A.    | <p>“É o motivo, não teve assim muito nesse... vim pra passear e eu fiquei aqui, gostei e acabei ficando”</p>  |
| 05 | K. Y. M. H. L. | <p>“Eu não lembro, porque era criança. Acho que o que motivou a gente a vir, acho que foi minha mãe, porque trouxe a gente. Como minha vó morava aqui, e ela (mãe) teve que ir embora trabalhar no garimpo, ela deixou a gente com a minha vó.</p>  |
| 06 | C. A. P. B.    | <p>“O motivo para sair do meu país, Venezuela, foi a qualidade de vida. Se perdeu completo e aqui no Brasil, por sua economia, é uma país grande, de muitas oportunidades.”</p>   |
| 07 | D. E. V. M.    | <p>“Instabilidade financeira e ambiente social desfavorável. Essas duas razões são, especialmente, destacáveis por conta que, é também além delas uma razão para sair do meu país foi meus estudos, para eu conseguir ter uma educação melhor, e acessibilidade a um ensino superior de qualidade.”</p>   |

|    |             |   |
|----|-------------|---|
| 08 | L. B. C. N. | “Em busca de melhores oportunidade de emprego e de vida e destino mais seguro”  |
| 09 | E. G. C. G. | “Motivo de la situación de lá (Venezuela); Economía; Muchas cosas. El estudio; Corrupción. Muchas cosas me hicieron salir de Venezuela. Alimentación. Se trabaja, pero no se daba para comprar alimento. Entonces, esos fueron los primeros motivos para salir” |
| 10 | L. E. F. C. | “Primero por la inseguridad, o más importante era la falta de alimentación, falta de comida, falta de trabajo. Si, por eso salí de mi país, para tener un futuro.”  |

Fonte: dados da pesquisa

De fato, a busca por melhoria de vida ocasionou o fator imigração de todos os entrevistados, entretanto, particularmente, os imigrantes venezuelanos atenuaram a para a situação de miséria pela qual seu país se encontrava (e ainda se encontra). Por enquanto, nos ateremos apenas a essa afirmação e, apontamos que será detalhada mais à frente, no subtítulo 4.2.3 deste capítulo, que trata sobre o aspecto socioeconômico como motivo de influência do intenso fluxo de imigrantes no Brasil.

Sob essa óptica Amaral *et. al* (2015) nos afirma que influenciados outrora pelos ciclos da borracha e construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré a oportunidade de emprego e salários melhores sempre se formulou como um grande atrativo para vinda na Amazônia rondoniense. Contudo, atualmente podemos observar que, apesar de não se constituir tal referência nos discursos dos imigrantes, o aspecto de busca por melhorias de vida ainda sobrepuja ao longo dos tempos.

Da mesma forma se mostra a situacionalidade dos imigrantes venezuelanos em seus discursos. Sobre isso, Baeninger *et. al.* (2018) nos afirma que a partir do século XX vários fluxos imigratórios se cruzaram, com entradas, saídas e trânsito, isso ocasionado pela crise que se instalava na economia mundial. Notadamente, venezuelanos buscaram no Brasil melhorias de vida e, principalmente itens básicos para sobrevivência.

Essa realidade explica as motivações da migração para a fronteira com o Norte do Brasil, onde são registrados a maioria dos pedidos de refúgio. [...] Boa parte dos venezuelanos que pedem refúgio vem por migração terrestre [...] As principais reclamações sobre o país estão relacionadas à falta de alimentos e de medicamentos, além da inflação, que está reduzindo o poder de compra dos salários. Então, mesmo onde há menos escassez de produtos básicos, como na capital Caracas, o alto preço de bens de subsistência, como feijão e papel higiênico, tem comprometido a alimentação dos venezuelanos. A esses pedidos, a tendência é que se somem as migrações de fronteira que se deslocam [...] em busca de oportunidades (Baeninger, 2018, p.455)”.

Com efeito, o entrevistado/colaborador que ora se vê assujeitado e ora se vê sujeito de plena consciência, em um esforço de confronto a si, se coloca disposto a enfrentar o incógnito. Desse domínio, poucas coisas lhe parecem claras, contudo, ainda sim, é impelido ao deslocamento, a procura de melhores condições de vida, ainda que para isso tenha que enfrentar um local desconhecido, sem ao menos possuir algum familiar consanguíneo. Nesse contexto, salienta-se que, diferentemente dos imigrantes venezuelanos, os bolivianos, em sua maioria, possuíam algum familiar que residia na cidade de Guajará-Mirim/RO.

**Tabela 6 - Parentesco no Brasil**

| ENTREVISTADO | POSSUIR/ OU NÃO GRAU DE PARENTESCO NO BRASIL  |
|--------------|---|
| A. V. C.     | “Já tinha minha irmã aqui. A minha irmã, C. V., já morava aqui. Ela sempre dizia: “porque vocês não vem?” Então, foi fácil também por causa disso, né? Que em vez de ir para outra casa, e fui para a casa da minha irmã, por lá ficava, quando não estava no motor estava por lá. Tamos aí, vivendo a vida.”   |
| L. A. R.     | “ Quando eu vim para cá, eu me senti, assim, como em casa. Me senti acolhida. Eu não sei, não foi por pessoas que me senti acolhida, foi pelo ambiente. Não sei, eu cheguei aqui, desse lado, e me senti em tranquila. Era coisa que eu não tinha onde eu estava. Então, eu pensei comigo mesma, eu vou procurar trabalho aqui, vou me dar melhor, vou ter mais oportunidade de ajudar minha mãe. Talvez eu pensei que, para eu voltar, regressar para o lado da minha mãe, porque quando eu vim para ficar aqui na fronteira, eu vim trazida como se fosse para que pudesse estudar, ou trabalhar, então como minha mãe, era uma pessoa pobre, carente, que criou nós sozinha, porque meu pai nos abandonou logo. Do meu ponto de vista era, eu trabalhar, ganhar um pouco e voltar, regressa lá para ela, para poder ajudar. Porque ela tinha ficado lá com |

|                |  |
|----------------|--|
|                | meus irmãos.   |
| B. P. R. E.    | “Sim, por que que minha irmã morava aqui. E assim, para sair para outro lugar, mais para dentro, vamos falar assim porque aqui é o começo do Brasil, como a gente fala, não é? Muitos falam que aqui é o final, mas não, aqui é o começo, porque é a Fronteira com outro país. E saindo... indo lá para dentro, eu não conheço ninguém. Não sou daquelas exploradoras, apesar de pensar que, quando vim para cá, queria explorar, mas é porque minha irmã estava aqui fixada. Eu queria explorar o “Guarará”, morar aqui.” |
| M. H. O. A.    | “Eu vim só, a minha irmã que morava aqui, né? Aí eu vim ver ela, e acabei ficando.”  |
| K. Y. M. H. L. | “A mamãe vinha junto, a gente teve que vir. Ela teve a oportunidade de vir trabalhar no garimpo. Ai, ela veio e optou por deixar nós com a nossa vó. Então, nós ficamos aqui, por isso que nós conseguimos falar o português mais rápido, com as minhas tias. Elas são brasileiras.”   |
| C. A. P. B.    | “Eu vim para cá com minha família, não tinha ninguém aqui”   |
| D. E. V. M.    | “O planejamento da viagem tinha sido feito por parte dos meus pais e eu, com muito tempo de antecedência. E planejamos tudo, porém no momento de executar o plano, teve coisas que não deram certo, quanto ao planejado.   |
| L. B. C. N.    | “No estado de Rondônia, tinha uma pessoa que a gente conhece da Venezuela, mas não era familiar. Ele falou que podia vir para cá, que conseguiríamos trabalho, conseguia emprego, mas não foi fácil conseguir, por causa da pandemia.  |
| E. G. C. G.    | “Bueno, habia mi esposo que tinha vindo antes de mim, mas no teniamos familiares aqui.”  |
| L. E. F. C.    | “Eu vim solo para el Brasil.”  |

Fonte: dados da pesquisa

Calvet (2002.p 51) nos diz: “o contato entre línguas não produz apenas interferências, alternâncias e estratégias. Ele gera sobretudo um problema de comunicação visual”. A respeito do mesmo tema, Amaral et. al. (2015, p.25 aput.



Pessoa) defende que, “conversar sobre língua é conversar sobre seu povo. Escrivê-la é registrar e eternizar o modo de ser de sua gente [...]”. De outro modo, Benveniste (2015) ao inserir o sujeito em sua teoria, nos faz perceber que o ato de fala já marca o sujeito na estrutura da língua e, é a partir da língua que emerge a subjetividade e se constitui os discursos e identidade(s).

Ainda sobre essa questão, podemos afirmar que o fator desconhecido do processo de imigração também se constituía a partir do aspecto linguístico e cultural, independente do sujeito ser de nacionalidade boliviana ou venezuelana. Como podemos observar no quadro a seguir, quando perguntados: “qual foi a principal dificuldade encontrada na sua chegada ao Brasil? (Questionário 1, questão 7, item 3 – integração no novo local).

**Tabela 7 - Dificuldade encontrada no Brasil**

| ENTREVISTADO | DIFICULDADE ENCONTRADA | COMENTÁRIO DO ENTREVISTADO   |
|--------------|------------------------|--|
| A. V. C.     | Cultura                | “Lá na Bolívia se chama locro, aqui se chama canja de galinha caipira. Eu lá, onde eu me criei, se matava um frango pra fazer o lucro, que era aquela canja. E eu, vez ou outra vou na Bolívia comer aquela canja. Lá não falta, aqui não tem. Entendeu? Aqui em Guajará não faz canja de galinha, e eu sempre vou lá para comer essa canja. Lá vende no mercado, não vou em nenhum lugar específico. É por causa das minhas irmãs, né? Matavam aquela galinha e se comia com arroz novo da roça. Em abril meu pai catava arroz e fazia aquela canja de galinha de arroz novinho, não é? E aí, me lembro muito da família também. Tudo isso me traz lembrança. |
| L. A. R.     | Língua                 | “Eu vim para cá, cheguei e, não entendia nada da língua. Tinha muita dificuldade na língua, mas mesmo assim eu procurava, dava meu jeito, perguntava para as outras pessoas o que significava “isso e aquilo”. É assim foi indo...Meu problema mais era esse, né? O entendimento da linguagem.”  |

|                |                |   |
|----------------|----------------|---|
| B. P. R. E.    | Língua         | “A língua. Porque é assim, era estudante no ensino médio, então senti mais dificuldade na língua, por isso eu quase não me comunicava, não falava com ninguém, era de poucas palavras. Então, era da escola para casa e de casa para a escola, não tinha muito contato com os outros, só com a minha família, a família da minha irmã e os amigos, quando se reuniam. Mas assim mesmo, eu tive maior dificuldade com a língua. [...] “No começo foi difícil porque é uma língua, o português é difícil de se falar, de se pronunciar e de se escrever também, foi difícil esse começo |
| M. H. O. A.    | Língua         | “A língua, não falava nada, nada, nada. É algumas. Eu entendia nessa, e mais falar, falava não.”  |
| K. Y. M. H. L. | Língua         | “Não sabia falar nada. Demorou para eu aprender. (risos). Minha mãe falava os dois, meu pai não, só falava castelhano.”   |
| C. A. P. B.    | Língua         | “Minha principal dificuldade fue la língua”   |
| D. E. V. M.    | Língua         | “Eu aprendi a língua”   |
| L. B. C. N.    | Língua         | “Eu só entendia a palavra “obrigado”  |
| E. G. C. G.    | Língua         | “Eu não entendia nada. Tinha um “trocheró” venezuelano que escutava e me dizia. Meu marido que se comunica com ele por telefono, e despues, quando era de Pacaraima a Boa vista, sí, era um senhor que hablava português, pero tive que lhe dar a senha, porque não entendia nada, entoces conversa com mi esposo.  |
| L. E. F. C.    | Língua/cultura | “Não entendia nada, era muito difícil de entender, principalmente para pedir uma comida. Não sabia como falar frango, não   |

|  |  |  |
|--|--|--|
|  |  | sabia falar “linguiça”, nada. Porque lá (Venezuela) son otros nomes diferentes.” |
|--|--|--|

Fonte: dados da pesquisa

Levando em conta tudo que foi apresentado nesta primeira análise das respostas dos entrevistados, constatamos que, os imigrantes são majoritariamente adultos e, uma de suas principais dificuldades relaciona-se à língua, mas, ainda sim, condicionados e motivados por diferentes aspectos que incidem nos fluxos migratórios, estabeleceram residência/moradia fixa no Brasil.

Vale ressaltar que outra característica apontada, principalmente, pelos entrevistados de nacionalidade boliviana, é que, a entrada em território brasileiro, especificamente, na área fronteira de Guajará-Mirim, se faz em tenra idade, ou ainda quando se encontram na adolescência, portanto, o aspecto cultural ou social, pouco incide, uma vez que há uma consciência crescente a partir do terreno do Outro, mas ainda assim, não se descarta o entrelace dos ensinamentos culturais passados por seus ancestrais pela oralidade ou ainda pelo constante contato que há entre as cidades fronteiriças.

#### **4.2.2 (Re)memoração e identidades linguísticas dos imigrantes**

Neste tópico, com base no processo de rememoração e nos discursos dos imigrantes, mostramos como estão sendo construídas as identidades linguísticas dos imigrantes e refugiados a partir da inter-relação com outros indivíduos de diferentes culturas.

Partindo dos pressupostos teóricos de Mollica & Braga (2012), que apontam para o “paradoxo do observador” quanto à dificuldade de, ao tentar obter/levantar dados da linguagem, o mais natural possível da realidade do entrevistado, o entrevistador se utiliza de meios tecnológicos, anotações e/ou outros mecanismos instrumentais, fazendo com que o entrevistado se sinta observado. Nesse sentido, as autoras sugerem que, ao se tratar de detalhes pertinentes a linguagem, o ambiente do contexto empregado nas perguntas se faça mais casual. Desta forma, ao falar sobre situações vivenciadas, o sujeito “obtem um estilo menos policiado ou autoconsciente, já que sua atenção estará voltada mais para o assunto palpitante do que para a própria linguagem” (Mollica & Braga, 2012, p.61). Corroborando no

mesmo sentido, Portelli (2016, p. 10) acresce que “[...] as fontes orais são [...] cocriadas. [...] são fontes geradas em troca dialógica, a entrevista: literalmente, uma troca de olhares.

A partir dessa troca dialógica apontada por Portelli e, proporcionar um ambiente de entrevista mais informal como observam Mollica & Braga, atentamos, para a seguinte pergunta: “Há quanto tempo o senhor/ a senhora reside nesta localidade? E como e porque veio morar neste lugar?” (questionário 2, I parte “integração com outras pessoas”).

**Tabela 8 - Motivação para vinda para Guajará-Mirim**

| ENTREVISTADO | MOTIVAÇÃO PARA VINDA PARA GM <sup>27</sup>  |
|--------------|---|
| A. V. C.     | <p>“Há mais de 30 anos [...] foi impensadamente, nunca pensei em sair do meu país, mas foi assim, fui pescar com um rapaz e peguemos um peixe <b>“avolumoso”</b>, quando chegamos aqui (Brasil) ele me pagou o peixe e disse: “gringo tu não quer pescar comigo?” Ai eu falei: <b>“rapaiz</b>, eu não sei pescar.” Ai, ele falou: “gringo, tu tem uma boa coisa! Primeiro que tu se dá com todo mundo e se adapta a qualquer coisa e, dessas pessoas que estou precisando. Que precisamos aqui, para trabalhar”. Ai, eu fiz uma viagem, fiz a segunda, e me agradei de Guajará-Mirim e fiquei aqui. Agora, possuo família, tô há mais de 30 anos aqui em Guajará, tenho minha casa, endereço certo, fixo. Morava em Mateguá, pescava, fazia a venda e voltava para Bolívia. Voltava para o meu <b>punhadinho</b>, porque agora já é grande. Quando eu morava lá, existia umas 10 famílias, hoje existe pra mais de mil e quinhentas famílias.</p> |
| L. A. R.     | <p>Moro aqui há 39 anos. Já tem uma <b>“idadizinha”</b> (risos). Eu vim a procura de um trabalho melhor, né? Procurar “sair à diante”, ter mais um <b>dinheirinho</b>, para poder voltar ao lado da minha mãe. Minha esperança era essa, vir trabalhar. Quando eu tive meu problema, lá na Bolívia, por qual sai do lado da minha vó. Não do lado dá minha mãe, do lado da minha vó. Que foi ela que me trouxe de lá do lado da minha mãe, para procurar um emprego e tentar voltar para a minha mãe, mas não é o que a gente pensa, não é do jeito que a gente quer.</p>   |
| B. P. R. E.  | <p>“Desde 1988 eu estou aqui. Eu cheguei 88, casei e formei minha família aqui. Eu casei em 1999. Estudei aqui também, porque eu vim de lá (guayaramerín) com 15 anos, fiz 16 aqui no Brasil, em <b>“Guarará”</b>. Estudei no (Colégio) Irmã Maria Celeste, 3 anos, o ensino médio. Não me comunicava muito com meus amigos, com meus colegas de estudo de sala, porque eu tinha</p>  |

<sup>27</sup> Abreviação utilizada pelos nativos para cidade de Guajará-Mirim

|                |   |
|----------------|---|
|                | <p>medo. Eu ficava (retraída) e todo mundo, me conhecia por “calada”, “não fala nada”. Eu era conhecida assim, com vergonha de falar, e assim mesmo eu tinha 2 amizades. Eu adquiri daquele tempo de 88 até agora, ela é minha amiga, é minha comadre. Eu estudei juntamente com ela, e ela falava assim: “Tu entende o que estou falando?” Eu entendo, eu falava. Eu só falava palavras curtas, não falava a frase toda.</p> |
| M. H. O. A.    | <p>“É o motivo, não teve assim muito nesse... vim pra passear e eu fiquei aqui, gostei e acabei ficando. [...] A primeira vez que eu vim para cá foi em 87. Nem eu vi tudo ali, aí voltei. Fui-me embora de novo. Aí quando voltei, agora... já foi em 91. Ainda era pequena e, vim para cá para ficar.” É, tá com uns 30 anos.”<br/> “Porque eu vim para passear, mas eu gostei e acabei ficando.”</p>                       |
| K. Y. M. H. L. | <p>“Há mais de 30 anos. Eu vim com meus pais, porque meus avós moravam aqui, que dizer minha vó, ela era casada com um brasileiro, aí ela ficou morando aqui, e a gente veio com meus pais morar aqui com ela. Só minha mãe, meu pai é falecido.”</p>   |
| C. A. P. B.    | <p>“ 3 años. É uma terra de oportunidades</p>   |
| D. E. V. M.    | <p>“4 a 5 anos Minha chegada no Brasil foi em consequência de acontecimentos inesperados. [...]“Se lembra da história da minha chegada, daquelas pessoas que trazem carros? .É, a gente se baseando neles, posto que um negócio deles é na área da Fronteira, ou nessa área do Brasil. A gente veio para cá por causa disso, e por conta das informações que eles davam para a gente.”</p>                                    |
| L. B. C. N.    | <p>“02 años e 7 meses. Porque a pessoa que chegou primeiro que eu, aqui, era muito legal mora a aqui. Que tinha comida, que tinha segurança, que os hospitales funcionaban e, lo mas importante que tenia emprego”</p>  |
| E. G. C. G.    | <p>Un dos 2 años. Piensamos que era un local bueno para vivir, del trabajo se puede vivir, de estudio. Entonces, <b>quedamos</b> aqui.</p>  |
| L. E. F. C.    | <p>“Moro a 3 años. Então este local esta melhor, por causa de mi trabajo, queiro melhorar un poco. E asi, consegui falar con la</p>   |

|  |   |
|--|---|
|  | dona de la casa e, ela alugou aqui para nós.” |
|--|---|

Fonte: dados da pesquisa

A partir da análise das primeiras informações dadas pelos imigrantes, não podemos afirmar que as variáveis sexo/ gênero, idade, escolaridade e classe social concorram a um comportamento linguístico padrão diferenciado, tampouco em relação a uma ação de fala mais conservadora da norma culta. Contudo, vale ressaltar que, ainda sim, na dimensão social há a possibilidade de certas variantes ser impregnadas a partir de uma construção social associadas ao gênero/ sexo.

A análise da dimensão social da variação e da mudança linguística não pode ignorar, no entanto, que a maior ou menor ocorrência de certas variantes, principalmente daquelas que envolvem o binômio forma padrão forma não padrão e o processo de implementação de mudanças estejam associados ao Gênero/ sexo do falante e à forma de construção social dos papéis feminino e masculino (Mollica & Braga, 2012, p. 33)

Evidentemente, qualquer explicação dessa diferenciação merece ser melhor investigada, pois há vários outros fatores que implicam sob o uso ou não de determinadas palavras ou expressão, partindo do entendimento equivocado de que “não fica bem para uma garota falar dessa forma”, como também do fato de manter o status social atribuído à face feminina, quer sejam atividades domésticas, quer seja a educação dos filhos, quer seja um comportamento moral aceitável pela sociedade. De todo modo, ficam essas questões em aberto para reflexão de posteriores trabalhos.

Em relação aos fenômenos listados no quadro acima, daremos ênfase às palavras ou expressões com traços ou características semântico-lexicais evidenciadas na fala de moradores da área ribeirinha urbana de Guajará-Mirim, sobretudo, daqueles que se registram ligação/ relação com de sobrevivência e/ ou vida com as margens do rio. Conforme apresentamos no quadro a seguir.

**Tabela 9 - Palavras e expressões utilizadas pelos imigrantes na área ribeirinha urbana**

| PALAVRA/EXPRESÃO | SENTIDO                                      | CONTEXTO  |
|------------------|--|---|
| <b>avolumoso</b> | grande/ pesado/ cheio/<br>ocupa muito espaço | “peguemos um peixe <b>(bem) grande</b> ” (A.V. C) |
| <b>Punhado</b>   | pouco/ pequena                               | “Voltava para a <b>minha pequena</b>              |

|  |             |                         |
|--|-------------|-------------------------|
|  | quantidade, | <b>cidade”</b> ( A.V.C) |
|--|-------------|-------------------------|

Fonte: dados da pesquisa

Além das variações linguísticas semântico-lexicais destacadas no quadro acima, identificamos, na fala dos entrevistados, alguns fenômenos extralinguísticos. Dentre eles, destacamos o uso recorrente de palavras diminutivas “idadzinha” e dinheirinho (entrevistado L. A. R).

Outro dado importante é a utilização e/ou marcação fonológica discursiva observados e registrados, sobretudo na fala dos sujeitos de nacionalidade venezuelana. Em menor número, podemos observar essa mesma marcação na fala dos imigrantes bolivianos. A mudança linguística ocorre, sobremaneira, na substituição do [ l ] pelo [r], em apagamento do [ r ], o que podemos chamar de rotacionismo; na substituição da fricativa lábio dental [ v ] pela plosiva bilabial [b]; na substituição da aproximante palatal [ j ] pela fricativa faringal [ʔ] que chamamos de palatalização.

**Tabela 10 - Marcações fonéticas fonológicas no discurso dos imigrantes**

| <b>PALAVRAS</b>                  | <b>CONTEXTO</b>  |
|----------------------------------|--|
| <b>haver x haber</b>             | “Viemos para cá, na possibilidade de haber emprego, más não fue fácil.” (entrevistado L. B. C. N.)   |
| <b>funcionavam x funcionabam</b> | No se funcionaban bien las cosas en Venezuela. Bueno, por eso, nos quedamos aqui. (entrevistado E. G. C. G.)   |
| <b>igreja x iglesia</b>          | “Dio frequento a la iglesia cristiana”. (entrevistado L. E. F. C)  |
| <b>trabalho x trabajo</b>        | “No tuvimos ayuda financeira, pero buscavamos melhoria de vida, de trabajo” (entrevistado C. A. P. B.)   |
| <b>Guajará x Guarará</b>         | “Depois, foi quando eu vim, tinha uns 14 anos. Vim para cá rapidinho que minha irmã trabalhava do lado brasileiro, no Brasil, em “Guarará”. (entrevistado B. P. R. E.) |

Fonte: dados da pesquisa

Com efeito, podemos perceber que os falantes, com menor tempo de moradia/ residência ainda conservam e/ ou intercalam em seus discursos palavras de sua língua materna. Contudo, a partir de conversas informais com os entrevistados, podemos inferir outros aspectos que corroboram para a aquisição de maior ou progressiva quantidade de compreensão e fala dos léxicos brasileiros. Desta forma, os entrevistados “L.B.C.N.” e “C.A.P.B.”, constantemente, mantém interações sociais com sujeitos brasileiros, trabalhando diretamente a partir de conversações em repartições públicas e/ou privadas. Por outro lado, os entrevistados “L.E.F.C” e “E.G.C.G.” mantém um processo paulatino, mas fracionado de conversações, uma vez que, necessariamente, não precisam manter um diálogo extensivo com outros indivíduos por se manterem em trabalhos informais. Quanto à entrevistada “B.P.R.E.” apesar de possuir um léxico e marcações linguísticas mais brasileiras, há uma constância de determinadas palavras, dentre elas “Guarará”, “causa”, “traduzir”, que de modo inconsciente sobrepuja ao sujeito no ato da fala. Tal fato, pode ser plausível de compreensão se levarmos em conta a possibilidade de que em seu contexto familiar se utilizem tanto da variante padrão, quanto da variação assimilada.

A colocação acima toca em outra questão de interesse da pesquisa, a de examinar até que nível de imersão intercultural os imigrantes, em suas relações dialógicas, (re)produzem em seus discursos. Para tanto, perguntamos se o entrevistado costuma se encontrar com pessoas que vieram do seu país para manter vivos a sua cultura e idioma? (questionário 1, questão 25, item IV “integração no novo local”). Por verificarmos algumas peculiaridades nas respostas dadas, nesse quadro será exposto a resposta objetiva e os sentimentos motivacionais dadas nas respostas.

**Tabela 11 - Integração no novo local**

| ENTREVISTADO | INTEGRAÇÃO NO LOCAL | SENTIMENTO/MOTIVAÇÕES  |
|--------------|---------------------|--|
| A. V. C.     | Sim                 | “Costumo, claro. Hoje mesmo já veio um da Bolívia carreguei eles para cima e para baixo. Porque eles não conhecem não, me procura, e eu levo onde é mais barato, onde é mais caro, aonde está o objeto que eu conheço. Então ajudo. Almoçamos, as vezes eles toma café. A comida é nossa daqui do Brasil já, nada da Bolívia, porque até tem os amigos |



|             |     |  |
|-------------|-----|--|
|             |     | que vêm pelo feijão. Ele gosta de comer feijão e quando eles vêm, eu mando a mulher fazer uma comida boa, especial.”   |
| L. A. R.    | Sim | <p>“Do lugar onde eu vim, não. Só meu irmãos, minhas tias, só. Porque é difícil vir pessoas de lá. Agora dá Bolívia sim, mas do local de onde eu vim mesmo, só meus irmãos e umas duas tias minhas. Massaco. Então, uma forma de matar a saudade de lá, eu sempre procuro meus irmãos, e faz aquela comida gostosa que a gente costumava fazer, a nossa mãe costumava fazer, mais da cultura, da comida. Eu procuro sempre meus irmãos para tá junto, e como eu sempre falo para eles: “vamos comer aquela comida gostosa?” Para matar a saudade. A gente tem essa boa relação com eles, principalmente o que eu terminei de criar, né? Eu sempre procuro (a) família, eu não sei se foi porque eu sai logo de casa, mas eu gosto de estar junto, ali. Porque para mim o importante na vida é ter esse laço familiar. A felicidade que eu tenho é poder estar aí sempre ajudando. Às vezes eu reclamo e tudo, mas eu gosto de tá unindo, de procurar, e é isso, digamos assim, a questão da saudade que eu tenho da minha terra, porque sai muito nova, então eu tenho muita saudades do meus amiguinhos, dos que ficou, mas depois que eu vim, quando vieram para os jogos de interclasse Brasil/ Bolívia e, vieram muito de lá, do colégio de lá, eu fui ver eles lá na Bolívia, mas quando eu vi meus amigos, coleguinhas, companheiros de tudo, já tudo professor, diretor, e tudo.... a gente lembra de todos aqueles tempos, lembra, eu fui com elas lá e, nossa foi muito bom. Quando alguém vem de lá, de lá do outro lado, que eu estou por lá e sei, eu vou, mas é muito difícil</p> |
| B. P. R. E. | Não | <p>“Aqui em Guajará quase não tenho contato com amigos da Bolívia. Aqui tem uma sede de associação dos bolivianos, mas eu não conheço ninguém de lá, não tenho esse contato. Agora, quando eu vou lá pro outro lado, aí sim, na minha terra, com minha família que mora lá do outro lado (Bolívia), aí eu converso, falo espanhol, minha língua</p>  |

|                |       |   |
|----------------|-------|---|
|                |       | <p>mesmo, mas aqui, só com minha irmã, para gente não perder esse costume da fala, da língua. A gente quando se encontra, fala o espanhol. Olha, ainda bem que você falou, porque aqui, quando ela vem para cá, para minha casa, no final de semana, a gente se encontra de vez em quando nos finais de semana, sábado, domingo. Quando estamos “de boa”, sem preguiça. (risos), a gente faz comida boliviana, mas é raro a gente fazer, comemos mais feijão, arroz, macarrão. Tradição de vocês, né? Do povo brasileiro. Mas nesses finais de semana, quando a gente se reúne, fazemos comida boliviana, Diz assim: “vamos fazer “picante de galhiña?”. “Vamos!”. Porque lá, picante de “galhiña” não é igual a de vocês, são pedaços grandes. A gente faz o massaco no café da manhã, ou da tarde. Então sempre é assim, a gente se reúne para fazer isso, comer essas comidas típicas da Bolívia, do nosso país.</p> |
| M. H. O. A.    | Não   | <p>“Não, não, ele é... é muito difícil a gente ficar com outros da Bolívia, eu, ainda mais agora, né? Que adoeci, que não saiu mais, né? Não tem mais contato com esse assim...não faço nada de lá [...] Ah, a comida a gente faz, né? O massaco, né? majadito com charque, essas coisas”</p>   |
| K. Y. M. H. L. | Pouco | <p>“As vezes ligo, converso em espanhol, ou na casa da mamãe, quando eu vou por lá todos os dias, ai conversando com ela. Ela só fala o espanhol com nós, mas quando chega outras pessoas ela fala o português. As vezes ela faz umas comidinhas de lá, mas ela prefere as daqui. Massaco, maradito, que ela gosta muito. O básico, mas não é sempre. Por ela, ela gosta daqui. (risos)</p>   |
| C. A. P. B.    | Sim   | <p>“Nos reunimos en iglesia, en la plaza, a gente comparti com venezuelano”</p>   |
| D. E. V. M.    | Não   | <p>““É uma situação interessante. Vou te contar assim. Eu tive uma amizade com a irmã de um amigo meu. Ela me falava assim: “com dinheiro”. Aí ela teve a oportunidade de morar</p>   |

|             |     |   |
|-------------|-----|---|
|             |     | <p>fora do país. Desde que eu conhecia ela, posto que amizade com meu amigo sempre foi de muito tempo atrás, eu sabia que ela não era muito de sair. Ela não era muito de sair de casa, de se relacionar com as pessoas. Eu soube que ela foi para os Estados Unidos. A morar. Questão política, foram retirados o passaporte dela. Ela teve que voltar. Ela voltou. Falou comigo e disse assim para mim essa frase: “Daniel, eu nunca me senti que era daqui.” Eu nunca entendi. E eu vim entender só depois que eu saí do país, que eu realmente nunca me senti de lá. Isso aqui também pode ser uma situação psicológica dentro de mim. Pode-se fazer algum estudo, para ver se realmente é assim, mas eu não me sinto totalmente da Venezuela, me sinto mais daqui, até porque, eu não sei o porquê eu me sinto muito mais confortável aqui do que eu me sentia lá.</p> <p>Acontece que na questão da cultura, tem coisas que eu gosto de lá. Culturais, especificando, algumas músicas. Algumas músicas tradicionais que me lembram a infância, mas é tudo muito pontual, no meu modo geral de ver.</p> <p>Eu discordo com os meus pais, porque eles falam que não gosto do país, ou que rejeito país, mas é realmente porque eu não me sinto confortável pensando e, baseando minha vida toda no jeito de viver venezuelano. Então, para responder essa pergunta, para manter laços culturais, eu mesmo faço isso. Entendi isso? Que eu paro de escutar as músicas que eu costumo, começo a escutar as músicas tradicionais de lá, que tem várias que eu gosto.</p> <p>Em questão de costumes, tem algumas que eu gosto em relação a comida, mas isso geralmente com os meus pais que, eles fazem, mas se não fosse por eles eu também não faria. Então, depende de mim para manter os laços culturais.</p> |
| L. B. C. N. | Não | “eu só frequento meu trabalho, e lá somos   |

|             |     |  |
|-------------|-----|--|
|             |     | quatro pessoas, duas son brasileiras e duas son estrangeiras. Mas meu principal interaçãoes com venezuelanas, porque trabalho em um escritório que atende migração.  |
| E. G. C. G. | Sim | “No constantemente, no se passa mucho venezuelano por aqui. Pero, se vinhesse, se mantém la misma lengua e algunos costrumbres. Tudo se puede mantener. Buenos, algunas comidas. No ai muita diferença.”   |
| L. E. F. C. | Não | “Na verdade, no. Frenquentam aqui, em meu trabajo pessoas venezuelanas, pero so cortam su cabelo, pero no lo procuro para falar, nada disso. Em casa solo falamos espanhol, todos da família. Fazemos la comida venezuelana, nós comemos tipo a venezuela, por exemplo, no misturamos arroz com macarrón, no comimos mucho feijol (feijão) tam pouco. Só fazemos, tipo venezuela, que se faz lá e la língua, la língua espanhola. Hacemos de prato “arepá”. Arepá venezuelana, se fasse com fariña de milo (milho). E se come quente mesmo, se possível, se come com queso (queijo), con manteguilla (manteiga). Lá em venezuela se usa (come) manhaña, meio dia, de noite. E tipo fariña aqui, lá é arepá, e como se um bolo pequeno” |

Fonte: dados da pesquisa

Calvet (2002, p. 35), também nos aponta que nosso mundo é plurilíngue<sup>28</sup> e, entra em constante contato com outras línguas. “O lugar desse contato pode ser o indivíduo (bilíngue, ou em situação de aquisição) ou comunidade”. Por outro lado, também nos esclarece que o plurilinguismo suscita outras preocupações quando se percebe que o sujeito está diante de uma comunidade em que desconhece a língua e se vê forçado a adquirir e/ou assimilar a língua da comunidade de acolhida. “Esta é a situação na qual se encontram os trabalhadores migrantes, que chegam a seu país de acolhida sem conhecer, ou sabendo bem pouco a língua (Calvet, 2002, p. 40)”.

Todos esses fatos elencados precisam ser levados em consideração, dado que a região fronteira de Guajará-Mirim, já possui, historicamente, em sua

<sup>28</sup> No globo terrestre há mais de 4.000 e 5.000 línguas diferentes. Em um cálculo simplificado Calvet (2002) nos afirma que haveria teoricamente cerca de 30 línguas por país.

constituição a característica do grande fluxo de imigrantes de vários países e, desta forma, o contato entre línguas. Portanto, podemos inferir que há uma coexistência de diferentes formas de falar. O que também nós faz refletir sobre a existência de alternâncias de códigos e estratégias linguísticas, ou seja, um sujeito pode se confrontar com duas línguas e se utilizar delas alternadamente, ou ainda produzir o entrelace delas na produção de seu discurso.

À luz dessas reflexões, perguntamos aos entrevistados/colaboradores: “com relação ao seu modo de falar, que língua você utiliza para se comunicar aqui no Brasil?” (Questionário 1, questão 16), obtendo as seguintes respostas:

**Tabela 12 - Língua(gem) utilizada pelos imigrantes no espaço de fronteira**

| ENTREVISTADO | LÍNGUA UTILIZADA       | COMENTÁRIO DO ENTREVISTADO   |
|--------------|------------------------|--|
| A. V. C.     | Português e Castelhana | “A portuguesa, mas, por exemplo, agora eu estou falando contigo português, chega um cidadão boliviano, tu vai ver eu falar o castelhana bem, como que se eu morasse lá também, eu não esqueci da minha língua. Tem muitas imigrantes que vem aqui também. Não é? E quando ele chega aqui são bem-vindos, eu acolho e conversamos, passamos o dia conversando as vezes.”  |
| L. A. R.     | Português e Espanhol   | “Digamos que eu falo... eu falo mais o português, mas também falo muito o espanhol. Às vezes eu até me pego falando o espanhol com as pessoas que são brasileira, e elas ficam me olhando e falam: o que você disse? Ai eu falo: “ah, tá, desculpa (risos) As minhas filhas falam pouco espanhol, mas elas entendem tudo. Lá em casa eu falo o espanhol. Falo o espanhol, falo o português, mas falo mais o espanhol na minha casa. Eu falo muito o espanhol na minha casa, porque eu não deixo, porque é o orgulho da gente, que é uma coisa que eu falo para eles (filhos): “a gente não tem que ter vergonha de saber falar duas línguas, é um orgulho! Porque imagina, não é todo mundo que sabe falar duas línguas, então é uma oportunidade de aprender”. Então, como estou falando, as vezes a discriminação e a falta de conhecimento da importância de você (imigrante) ter isso, porque digamos assim, eu tenho a dupla nacionalidade. Eu tenho duas |

|                |                        |   |
|----------------|------------------------|---|
|                |                        | nacionalidades, onde eu posso me ver aqui, tenho direito, de estar tranquila, tenho meu documento permitido legalmente da nacionalidade brasileira, mas eu tenho também a minha nacionalidade de origem, a boliviana. Então, a hora que eu chegar no meu país de origem, eu sou bem aceita, tenho minha documentação também, né? E tenho direito também de eleger um presidente aqui, né? (risos) E tenho direito de eleger lá (risos), se eu for.  |
| B. P. R. E.    | Português e espanhol   | “Quando eu me encontro com eles lá ou aqui mesmo, eu falo a minha língua, o espanhol. Com minha irmã, olha só! Que eu tenho mais contato. Porque poucos eu conheço aqui. Eu conheço várias pessoas que estão lá do outro lado, que são bolivianos, mas quando eu me encontro com eles, eu falo o espanhol. Com minha irmã, se ela estivesse aqui, eu iria falar com ela em espanhol e contigo em português. A gente se comunica em espanhol e contigo o português, assim, no mesmo instante. Ela também fala português, e quando está no meio, fala na língua nativa, na nossa língua espanhola [...]. Quando eu estou lá no meu trabalho, também tem, como eu falei, as pessoas que vão lá pagar, porque eu fico no setor financeiro, então eles vão pagar e eu me comunico com eles em espanhol., ou uso o português, porque eles querem aprender, né? Então, utilizo o português, como se tivesse falando... falando direito, com o sotaque, mas é assim mesmo, falo o português com eles, porque eles querem aprender.” |
| M. H. O. A.    | Português e Castelhana | “Ahn? Dependendo das pessoas, né? Quando é com boliviano, não, é boliviano, é castelhana. Quando é com brasileiro, é português.”  |
| K. Y. M. H. L. | Português e Castelhana | “Português, mas com minha mãe o castelhana.” (risos)  |
| C. A. P. B.    | Português e espanhol   | “Nos encontros tentamos manter nossa língua, mas precisamos aprender ainda mais   |

|             |                      |   |
|-------------|----------------------|---|
|             |                      | sobre la cultura local para mostrar la nostra”  |
| D. E. V. M. | Português            | <p>“Eu pessoalmente não tenho, e também, não tenho intenção de ter amigos venezuelanos aqui no Brasil, ou mesmo seja, caso da Bolívia. Até porque eu não gosto, não me sinto confortável. O sentimento de desconforto e uma forte rejeição. Questões pessoais, de experiências pessoais. A maioria das pessoas que são de nacionalidade venezuelana, tanto na Venezuela, como aqui no Brasil. Acontece que a situação do país, Venezuela, não é só uma questão econômica ou política. A questão é social, a situação do país tem mudado até o comportamento das pessoas. A situação do país tem mudado totalmente a população, não para bem. O fato pelo qual eu não quero, também não considero bom ter amigos venezuelanos aqui no Brasil ou na Bolívia, até porque eu também não falo com muita gente da Venezuela no meu celular. Posso contar, são 2 pessoas, é porque essa situação, posso assegurar, que mexeu com a identidade, e com o psicológico do povo. Eu estando fora do Brasil, na Venezuela, pelas pessoas, isso é uma opinião totalmente pessoal, até porque posso considerar que nem todo mundo sente a mesma coisa, ou nem todo mundo passa pela mesma coisa, mas eu estando fora do país, me encontrando nessa situação que estou agora um pouco mais estável, em comparação com a situação da Venezuela, eu sou visto como traidor, pela maioria, ou traíra, pela maioria das pessoas que eu já conhecia. Por conta que, na mente deles, eu não fui suficientemente forte para ficar no país, e aguentar a situação do país.”</p> |
| L. B. C. N. | Português e espanhol | <p>“Eu procurei estudar o português desde meu país, tá! Mas quando cheguei aqui, era outra coisa, porque é mui difícil, e diferente escutar una aula de português pela internet, assim como facebook, e quando a gente chega ao local, é otra coisa. (risos) Porque fala muito rápido, [...] mas quando estou falando com brasileiros, eu trato de falar português, quando falo com venezuelanos falo espanhol. Quando estamos em casa, falamos espanhol, mas meus filhos, eu tenho dois filhos aqui, meus</p>  |

|             |           |  |
|-------------|-----------|--|
|             |           | filhos falam perfeitamente, falam também que ai, são as brasileiras que duvidam que eles são brasileiros ou venezuelanos.        |
| E. G. C. G. | Portunhol | “Bueno, português, pero uno médio português, porque no lo sei pronunciar bien.(riso envergonhado)”                               |
| L. E. F. C. | Portunhol | “Aqui, utilizo língua portuguesa, mas tambien falo o espanhol, porque aqui chegan mucho boliviano. Entoces uso las duas línguas. |

Fonte: dados da pesquisa

É importante observarmos que, com exceção do entrevistado “D.E.V.M” todos os sujeitos imigrantes se utilizam das duas línguas para se comunicar, estando em território brasileiro. Contudo, desta exceção apontada, em conversas informais o entrevistado/ colaborador relata que fala e escreve em três idiomas quando necessário, sendo eles: português, espanhol e inglês, dito isto, podemos confirmar a asserção de Candau (2002) sobre a coexistência em um mesmo espaço de línguas diversas. Podemos também observar que, há um esforço dos falantes imigrantes em aprender a língua dominante do local, qual seja o português, por outro lado, ao estar em contato mais próximo com a sua língua nativa, se veem familiarizados e naturalmente abre-se um diálogo harmonioso.

Quanto à nomenclatura de língua utilizada pelos falantes, podemos inferir que a partir dos dados de escolarização a nominata “espanhol” é mais utilizado pelos sujeitos que possuem um grau de instrução escolar mais avançado, por outro lado, a nominata “castelhano” é mais utilizada pelos sujeitos de baixa escolaridade. Já no caso dos sujeitos entrevistados “E. G. C. G.” e “L. E. F. C.” optamos em classificá-los como falantes da nominata “portunhol”, uma vez que, o domínio de discurso dos entrevistados, entram em constantes conflito entre a utilização de palavras em português e espanhol sucessivamente.

Outro ponto a ser analisado e refletido é que, os filhos dos entrevistados/colaboradores, tendo nacionalidade boliviana/venezuelana ou brasileira, apesar do empenho dos pais em manter uma conversação máxima em sua língua materna, principiamente, no ambiente familiar, por vezes, se sentem amedrontados e/ ou repelidos a não se utilizar da língua menos prestigiada no local,



neste caso o espanhol. Nesse mesmo sentido, Candau (2002, p. 69) nos afirma que o comportamento social pode interferir no comportamento linguístico, causando de certo, pelos menos duas consequências: “em um caso, se valorizará sua prática linguística ou se tentará, ao invés, modificá-la para conformá-la a um modelo prestigioso; no outro, as pessoas serão julgadas segundo seu modo de falar.”

Com efeito, a partir dessa questão, nos fez refletir e analisar outro dado apontado nos discursos dos imigrantes venezuelanos e bolivianos: o do sentimento de exclusão, de preconceito e/ou de anulamento para ser aceito na nova comunidade linguística dominante. Em vista disso, co-relacionamos nessa análise três questões não serem respondidas pelos imigrantes, sendo elas: “Você já precisou mudar à sua maneira de falar para se sentir aceita(o) em determinada situação?” (questionário 1, questão 20); “Houve algum episódio em que você percebeu que estava sendo excluído de algo simplesmente por ser estrangeiro?” (questionário 1, questão 21); “Você em algum momento na chegada em terras brasileiras foi alvo de preconceito por sua origem? Ou sofreu qualquer tipo de violência?” (questionário 1, questão 24), obtendo-se as seguintes respostas:

**Tabela 13 - Dados sobre preconceito ou violência no espaço brasileiro**

| ENTREVISTADO | RESPOSTA   |
|--------------|--|
| A. V. C.     | <p>“Não, nunca que não, graças a Deus que não. [...] Eles me trataram bem, porque eu sei tratar as pessoas bem também.[...] Porque aqui, por ser fronteira também, os brasileiros aceitam a língua boliviana. Eles aceitam o castelhano. Pergunta uma vez, pergunta duas vezes, até e o boliviano fazer entender eles, né? Porque nem todo mundo entende. Mas um boliviano, ele se se “faz aceitar a língua, até ele entender.”</p>  |
| L. A. R.     | <p>“Não, não não. Eu não me considerei ainda, porque quando alguém se senti como....calar minha linguagem da minha naturalidade de origem, que é que eu entendo dessa pergunta, que eu tenho que me calar no espanhol para não sentir rejeitada, não, não não. Eu falo mesmo! Quando eu me sentia, tipo inferior, quando eu não sabia do meu direito, da minha cidadania, que eu era importante, quando eu não acreditava em mim, que eu me achava menos que os outros, eu tinha vergonha até de falar o espanhol, entendeu? Mas depois que eu fui entender que, a pastoral dos migrantes realmente me ensinou, de que nós, pessoas, e de que eu estudando também, somos iguais, a gente não tem diferença, né. A gente não tem porque se sentir inferior, a gente tem que se sentir seguro de si.</p> |

|                |  |
|----------------|--|
|                | <p>Então, antes quando me sentia inferior, eu tinha vergonha de falar o espanhol, as vezes falava até toda atravessada, entendeu? (risos) Até achando que não iam se dá conta, mas depois que eu tive certeza, de que eu era “eu” em qualquer lugar, eu não tenho vergonha, nem tenho porque me calar. Eu falo mesmo o espanhol, eu falo o português. Agora, já aconteceu de em alguns lugares eu ter que falar a língua portuguesa para que a pessoa entenda o que a gente necessita, entendeu? Porque ai é diferente, de sentir, deixar de falar por vergonha, ou para ser aceita, não. [...] Já me senti excluída, quando eu tive a audiência de separação do pai dos meus filhos, pelo juiz, sendo julgada. Eu me senti inferior, eu fui realmente discriminada, foi por isso, que digamos assim, que eu não aceito hoje -em- dia a pessoa chegar e discriminar, a uma pessoa que é estrangeira, pode ser a nacionalidade que for, dependendo das condições, digamos assim, a pessoa que é julgada antes de ser ajudada, acolhida. “porque que isso..., porque que aquilo...” Não! Então, tem a pessoa que, tem que ser acolhida sem ter julgamento. Porque tem a diferença entre o necessitado e o aproveitador. E ai, a gente vai ficar julgando todo mundo? A gente conhece, vê na cara, mas assim, a gente não pode discriminar as pessoas antes de escutar a necessidade dela.”</p> |
| B. P. R. E.    | <p>“Não, nunca mudei para ser aceita, usar o português para eu ser aceita. Com vergonha que eu falo, que eu sou boliviana, não, porque sempre eu vou ter aquele sotaque, e já vão saber que não sou aqui, não nasci aqui. Mas nunca precisa ser, ou mudar a língua não, graças a Deus! [...] Que eu lembro aqui, pensando, mas nunca, nunca fui excluída. Ter vergonha também de falar que eu sou boliviana, ficar na minha... não. Quando eu estou em um outro lugar, não sendo aqui em Guajará, suponhamos lá em Porto Velho, eu gosto e falo espanhol, se tiver que falar o espanhol. Eu sinto orgulho de ser boliviana também, e de permanecer aqui, ter essa permanência no Brasil. [..]. Nunca chegou nos meus ouvidos também, que alguém fez bullying, preconceito. Nunca, graças a Deus.</p>   |
| M. H. O. A.    | <p>“Não, eu mesma não, não senti nenhum.”</p>  |
| K. Y. M. H. L. | <p>“Não.” Senti vontade de voltar, porque quando cheguei era muito pequena, mas eu não sabia nem por onde voltar. (risos)”</p>   |
| C. A. P. B.    | <p>“No recebi preconceito, nem violência por nada”</p>   |
| D. E. V. M.    | <p>“Sim. Só uma vez sofri um tipo de preconceito, uma vez só, e foi</p>  |

|             |  |
|-------------|--|
|             | <p>por conta de uma professora. Mas como foi só uma vez, eu geralmente não conto ela. Até porque não acho que seja importante. Rapidamente eu vou te contar a história: Era professora de química na escola Simon Bolívar, mas naquele tempo estava começando, eu realmente não gosto daquela matéria. Eu ficava dormindo na aula, não é? Teve um dia que ela falou essa frase aqui: “por que tu não vai dormir no seu país?” Depois que ela falou isso, reclamei, falei com os professores. A diretora da escola falou com ela. Não voltou a acontecer a mesma coisa. Até que atualmente a gente é muito amigo. Ela gosta muito de mim, eu gosto muito dela como professora, como profissional. Mas foi a única vez que eu sofri algum tipo de preconceito neste país, além disso também nem foi tão forte, não é? Além dessa vez, não sofri momento nenhum, preconceito nenhum.”</p> |
| L. B. C. N. | <p>“Não, não acho que sofri qualquer tipo de discriminación”</p>   |
| E. G. C. G. | <p>“Sin, quando fue matricular minhas hijas en la escuela, ai si, senti que precisava hablar o português, porque no me entendiam o espanhol. Eu estando aqui no puedo cambiar lo idioma. Entoce isso fue un reforço para aprender. Na escuela, elas fizeram todo lo possible para ayudarme, la diretora, a secretaria, la maestra, para no sentir nenhum desprecio, nem nada disso.”</p>   |
| L. E. F. C. | <p>“No graças a Deus, no. Me sinto bem como eu falo. Porque no tenia nengun problema aqui. No tive negun problema com la lengua.” Também no sofri nenhum tipo de violência”</p>  |

Fonte: dados da pesquisa

Nesse contexto, sem dúvida a afirmação feita por Amaral *et. al.* (2015, p.42 ) de que “os processos de colonização e hibridização cultural, tornam-se inerentes a todos os povos, ou seja, [...] estarão sempre em condições ora de colonizados, ora de colonizadores”, e algo se configura no espaço fronteiro de Guajará-Mirim, pois o surgimento da mesma se dá pela árdua ação de desbravadores na contração da EFMM em plena selva amazônica para o escoamento da produção de borracha. Por outro lado, também nos atentamos às mudanças sociais que acarretaram da dinâmica dos contatos entre os povos e culturas diferentes, em suas justaposições e tensões, tudo isso construindo uma matéria cultural híbrida.

[...] se tratando de culturas não podemos pensar em processo de apaziguamento, nem no que uns poderiam ter agregado e outros poderiam

ter cedido, mas no entrecruzamento e no ordamento natural entre elas encontram no processo de convivência sob as mais diversas formas, aspectos e contribuições. [...] À medida que descolonizamos a nossa própria mente, entendemos as culturas como apenas diferentes. (Amaral, *et al.*, 2015, p. 49)

É bem verdade que muitos autores a exemplo de Canclini (2008) nos aponta que para ocorrer a hibridização cultural deve haver uma mescla de consumes e sua perda relativa ao seu território anterior, dando início a um processo de desterritorialização. Contudo, isso é muito mais complexo que se pode imaginar dentro do “domínio” produzido pelo inconsciente do sujeito, pois não devemos pensar nos moldes do colonialismo, em relações de dependência e/ ou subordinação, mais ou menos, premeditadas. É preciso ser levantado a questão dos entrecruzamentos, ou ainda os “entre-lugares”, que partem das novas combinações de diferentes culturas para o enriquecimento social.

Sob esta óptica, ao tomarmos o conceito de hibridismo pelo entrelaçamento nas condutas sociais e práticas do sujeito, apresentaremos no quadro a seguir duas novas informações que emergem do discurso dos entrevistados, para a análise desta pesquisa, sendo elas: “Você participa de festas religiosas ou esportivas no local onde você mora?” (questionário 2, questão 7); e “Comente brevemente como é essa experiência.” (questionário 2, questão 8).

**Tabela 14 - Participação na cultura local**

| ENTREVISTADO | RESPOSTA  |
|--------------|---|
| A. V. C.     | “Olha, eu vou pra igreja. A igreja bem aqui, do Divino. E aí, como tenho tantos amigos que quer me mudar. Entendi? Tem dias que já estou lá naquela igreja do triângulo. (São Pedro? – entrevistadora) Não, Assembleia, vou para lá também, eles me puxam. Quando eu estou em Porto Velho, as vezes estou doente lá, na Santa Marcelina, todo domingo tem missa. Então, as irmãzinhas convidam e eu aceito. Vou também. Assim é a vida, todas falam de Deus, então eu vou lá. [...] “Eu acho que está bom, para mim é bom. Por causa que, olha, eu cheguei sem nada, e estou com tudo. A minha família em primeiro lugar, segundo lugar a saúde, temos que ter saúde. Então com isso aí, graças a Deus estamos bem.”, |
| L. A. R.     | “Eu participo da minha comunidade São Sebastião, é católica. E participo quando tem os bingos, as festas religiosas do padroeiro  |

|                |   |
|----------------|---|
| B. P. R. E.    | “Não, não. Agora, lá na Bolívia, quando eu morava lá, com meus 15 anos, antes de vim para cá, eu participava. Mas aqui não, não participo, não nenhuma. Não participo só no trabalho, onde eu trabalho, né? Na escola onde eu trabalho eu participo, mas assim de alguma Igreja para frequentar assim, não.”  |
| M. H. O. A.    | “E agora não tem, não é? Agora não tem mais. A gente participava sim. Quando tinha da igreja católica, dessas coisas, né? Mas, até agora, vai tudo bem. E agora está tudo bem, então tá ótimo. Eu digo, tive sorte quando cheguei aqui nessa parte, quando cheguei aqui, foi tudo bom. Tudo de bom. Eles acolheram, né? Ai os meninos na escola, não tiveram problema para entrar na escola.  |
| K. Y. M. H. L. | “Gostar, até que gosto, mas às vezes não dá tempo. Por exemplo, aqui mesmo no Santa Luzia, na igreja, quando tem as festas, tem as coisas, eu tô fazendo uma coisa, ou outra, não dá tempo de ir, na comunidade Santa Luzia.’   |
| C. A. P. B.    | “Nos reunimos em eventos desportivos e religiosos, para conhecer la cultura local e depois mostrar la nostra, e assim pouco a pouco compartimos.”   |
| D. E. V. M.    | “Quando a gente fala de festas esportivas, a gente tá falando de torneios, tipo futebol, coisas assim....hum, de esporte não, de música sim. Religiosa, como te falei eu acredito em todas, todas as religiões, então se me convidam: “nossa estamos fazendo 30 anos da igreja, a gente está celebrando o aniversário do pastor” – eu vou. “Nossa, a gente tá fazendo aqui uma festa de candomblé, oh., nossa, aqui é o dia de nossa Senhora de Fátima”, eu vou. Todas. |
| L. B. C. N.    | “Eu participo sim, porque as pessoas que eu estou trabalhando é numa instituição religiosa. Minha experiência tem sido maravilhosa, eu não tenho nada mau, nada ruim que falar do povo brasileiro.”   |
| E. G. C. G.    | “Si, frecuentamos, mas é longe. El pastor manda la esposa vir aqui e, nós vamos. Meu marido, que estava aqui há mais tiempo, conecia ele, e entoces nos levou para iglesia, e despues fuimo. Bueno, “Guayarámerin” se parece mais pueblo, se parece como a lá.”   |
| L. E. F. C.    | “No participo. Quando lhegue fue muito dificil, mas graças a  |

|  |  |
|--|--|
|  | Dios cada dia fue melhorando muito, um pouco mais. |
|--|--|

Fonte: dados da pesquisa

Analisando os dados acima, observamos que dos 10 entrevistados, apenas 2 (dois) afirmam não participar de eventos e/ ou festas que ocorrem na cidade. Destes, 4 (quatro) são católicos, 3 (três) são evangélicos/ protestantes, e 3 (três) possuem múltiplos pertencimentos. Outro dado importante de análise é que, dos 5 (cinco) entrevistados de nacionalidade boliviana, 4 (quatro) se casaram com brasileiros, o que podemos inferir ter ajudado/auxiliado na continua assimilação da língua local. O que, por outro lado, difere da característica do fluxo migratório dos venezuelanos, que em grande número se fixaram na cidade vindo com cônjuges, ou ainda, o parceiro veio e se fixou no local e em seguida trouxe os demais membros da família. A este fato, apresentamos abaixo, principalmente, o relato dos imigrantes venezuelanos.

**Tabela 15 - Característica do fluxo migratório**

| ENTREVISTADO | RESPOSTA   |
|--------------|--|
| C. A. P. B.  | “Eu vim casado de venezuela, eu e mi esposa viemos juntos”   |
| D. E. V. M.  | “Planejamos tudo, eu e meus pais, acontece que no momento de chegar na Fronteira estava eu a chegar aqui (Brasil), com um carro, caminhão da propriedade da família. Questões políticas, na Fronteira do Brasil com Venezuela, não permitiu isso. Aconteceu, porque a polícia federal do Brasil não estava permitindo entrar caminhões com chassi venezuelano, não permitindo entrar no território brasileiro. Portanto, eu tive que ficar num status, de dormir na rua por conta de 1 mês. Posto que, a gente não tinha para pagar um ônibus, ou algum método, um meio para chegar aqui nesse destino. Esse foi o destino original da família.” |
| L. B. C. N.  | “Eu vim casada, sim, com meu esposo e meus dois filhos.”   |
| E. G. C. G.  | “Bueno mi esposo já estaba aqui, já tenia um año aqui. Entonces, vinemos para cá, porque já nós esperabá aqui.   |
| L. E. F. C.  | “Eu tinha una esposa, pero vim para o Brasil só, porque era  |

|  |           |
|--|-----------|
|  | preciso”. |
|--|-----------|

Fonte: dados da pesquisa

Apesar do fato dos imigrantes venezuelanos apresentarem maior dificuldade em relação a língua local, não deixaram de se inserir nos costumes locais, como podemos verificar ao longo das respostas dadas relacionadas a “integração no local” e a “integração com outras pessoas”. O fruto dessas interações permitiu e/ou evidenciam um processo de hibridização linguística e sociocultural, que marca um pertencimento de nacionalidade, como também conservam elementos das respectivas culturas, emergindo o “eu” sujeito. Isso só é possível a partir do reconhecimento do “tu” exterior a “mim” e, é nesse processo reflexivo e de reconhecimento que se realiza o exercício de alteridade.

Acerca desse assunto, buscamos apoio no que nos afirmar os entrevistados/colaboradores quando perguntados:” como você imaginava o local e as pessoas aqui do Brasil?” (questionário 1, questão 8).

**Tabela 16 - Imigração: imagem pré-concebida dos sujeitos brasileiros**

| ENTREVISTADO | RESPOSTA  |
|--------------|---|
| A. V. C.     | “De primeiro sabe, eu vou lhe dizer a verdade, com 15 anos, eu não conhecia uma bicicleta, quando eu morava lá, eu fui aprender a andar de bicicleta com 18 anos, quando entrei no quartel da Bolívia. Servir o exército, da Marinha, um ano, um ano e 2 meses. Foi quando eu aprendi a andar de bicicleta, quando estava no quartel. Eu roubava a bicicleta, roubava não, eu pegava escondido a bicicleta do meu sargento, né? Que estava de guarda no dia, aí, ele dormia e eu ia andar na bicicleta, quando percebia que ele acordava, deixava a bicicleta lá e assim foi, eu aprendi a andar de bicicleta. Quer dizer que, com 18 anos nós não tivemos esse privilégio que no filho tem o agora, ter moto, bicicleta, às vezes um carro.” |
| L. A. R.     | “Diferente de hoje. (risos). Então, antes eu não imaginava o local porque eu não conhecia, mas quando eu cheguei, que eu comecei a conhecer as pessoas, eu realmente imaginei que as pessoas são mais vividas, mais acolhedoras, abraçadoras. Elas tem mais compaixão de ajudar as outras pessoas. É claro que a gente passa dificuldade, né? Porque as vezes não conhece direito, não sabe se explicar a necessidade. As vezes não é nem as pessoas que são ruins, mas é porque a gente não sabe   |

|             |   |
|-------------|---|
|             | <p>se explicar ou não tem condições de entedimento de explicar sua necessidade, mas aqui, digamos assim, as pessoas que eu senti...não vou falar no Brasil inteiro, mas os daqui de Guajará-Mirim sempre me ajudaram, nessa cidade maravilhosa que eu não tenho do que reclamar, as pessoas acolhedoras, todo mundo que eu conheci foi muito bom pra mim, sempre me ajudaram. E tanto que, eu conheço pessoas que eu nunca esqueci, que eu sempre encontro, que eu tenho amizade. Eu nunca tive inimizade para dizer assim: “essa pessoa presta, essa pessoa não presta”, nem como patrão, nem como amigo, nem como companheiro de escola. [...] Guajará pra mim só me deu coisa boa [...] criei meus filhos, a gente tem dificuldades, mas tem facilidade de conseguir as coisas que a gente quer, porque é uma cidade, pra mim, tranquila, pacata, perto de tudo. Você tem mais tempo para sua família, você tem mais tempo para você. “Numa cidade grande tem tudo” como o povo fala, mas tem a falta de comunicação, que numa cidade grande você não tem tempo para você, não tem tempo para sua família. É um “correrio só” [...] eu tenho tudo que eu quero, principalmente, a felicidade e a tranquilidade.</p>  |
| B. P. R. E. | <p>“Ai gente, imaginava muito bonita. Vim para cá, lembro a primeira vez, eu era pequena. A Primeira vez que eu vim, foi com a minha mãe. Ela iria viajar e, como ela não me deixava, porque era pequena, tinha 8 anos, a caçula das mulheres, então ela (a mãe) não deixava com ninguém. Eu tinha que vir com ela, acompanhando para o Brasil. Ela iria para o lado da BR, para o Acre, não lembro. Eu tinha 8 anos de idade, foi a primeira vez que eu vim para cá, lembro que eu gostei, achei tudo lindo. E foi porque a gente chegou de noite, isso foi que marcou muito quando viajei. Era aquela estrada de terra, de chão, que a gente demorou para chegar no destino. A gente demorou uns 3 dias, porque tinha aquele tempo de chuva no começo do ano. As chuvas eram muito “feias”, os ônibus atolavam, ficava carro, caminhão na estrada todos atolados. Isso marcou muito também. Depois, foi quando eu vim, tinha 14 anos. Vim para cá rapidinho que minha irmã trabalhava do lado brasileiro, no Brasil, em “Guarará”. Ela (irmã) trabalhava na “Som Pop”, 86, e , eu tinha 14 anos, acho que por aí, e ela tinha que comprar meu tecido, comprar um sapato. Então (sentimento de felicidade), foi que iria voltar para o Brasil, vou para o lado. A gente, que fica lá do outro lado, e não tem condições para vim pagar a passagem, e assim, acho que ao contrário também, ficamos imaginando muita coisa, que vamos ver, visitar, andar de um lado para outro, como no estrangeiro. Então eu imaginava que era muito lindo aqui. Eu vim, falei: “meu Deus! eu fui para lá e era muitas lojas”, e é porque eu fui só no centro, muita coisa para vender, muita coisa para comprar, só falta o dinheiro. (risos). E aí eu vim rapidinho, com</p> |



|                |   |
|----------------|---|
|                | <p>minha irmã, fui onde ela trabalhava e voltei. Só vim fazer isso. E depois, quando ela chamou para a gente vir para cá, isso em 88, e vim no começo do ano, em janeiro. Imaginava assim: quero morar lá! Quero viver, quero ficar lá pra sempre! e me casar, eu já pensava assim. Me casar! Conhecer outras pessoas, trabalhar, estudar, já pensava assim. Não, não quero voltar, eu vou ficar para sempre aqui no lado brasileiro. E foi como aconteceu.</p> |
| M. H. O. A.    | <p>“Não pra mim terá todo normal. Tudo, só...gente, né? Aí eu. No mais vem, não vi nada de diferente, só a língua. Mesmo assim até aprender...”</p>   |
| K. Y. M. H. L. | <p>“Eu não lembro bem, porque era pequena, mas acho que bem amável. Porque quando eu vim pra cá, bem pequena, tinha uns 5 anos. Pra mim era estranho ainda.</p>   |
| C. A. P. B.    | <p>“Nós habíamos realizado por la internet da cidad e, primeiro tuvimos una confución entre nomes, pero llegamos a cá. Imaginavamos las personas criando unas expectativas, pero no nos davamos cuenta da qualidade das personas que tenian a cá, personas abertas, espontâneas, con qualidade de ayudar e colaborar con los migrantes.”</p>  |
| D. E. V. M.    | <p>“Exatamente como elas são. A ideia que eu tinha do Brasil foi exatamente a ideia que eu tinha em mente quando cheguei aqui. A cultura, por todo. Como a viagem foi planejada, eu fiz questão de investigar, pesquisar tudo o que é cultura, tudo que é lindo, tudo. Não levei surpresa nenhuma, porque eu já tinha conhecimento de como era brasileiro.</p>  |
| L. B. C. N.    | <p>“Eu achava que... a gente só conhecia do Brasil o carnaval, eu achava que todos eram pretos, e assim como as mulheres que via na televisão, que eram todas assim... pretas, com cabelos cacheados e bailando samba, dançando samba, assim...”</p>  |
| E. G. C. G.    | <p>“Bueno, piense que eram de color negro todos vocês. Los imaginaba negro. Que era essa cultura negra, assim...e la música imaginava que era calypso, porque a la se ve assim...que Brasil tiene mucho calypso, muchas cosas assim...(risos), assim lo imaginaba el Brasil. Pero el Portuguê no, ache que era un idioma normal, pero no imagine que era tão difícil.”</p>  |
| L. E. F. C.    | <p>“La verdad, no esperaba que fueran tan buena persona, no</p>   |

|  |  |
|--|--|
|  | epere... isso me surpreendeu mucho el Brasil. Lo quan buena son las personas aqui del Brasil, te ayudan, te prestan apoio, entende? Isso me surpreendeu mucho” |
|--|--|

Fonte: dados da pesquisa

Fabrício (2006, p. 46) nos diz: “existir seria existir sempre em movimento, em meio de oscilações entre continuidades e rupturas.” Tal perspectiva se faz a partir da necessidade da LA refletir e compreender quais movimentos de saberes e novas articulações surgem desse mundo em movimento. Essa ideia de prática investigadora é muito complexa, dado que não se pretende criar construtos em busca de uma verdade, pelo contrário, o que se pretende é criar inteligibilidade em um trajeto contínuo e interrogador das construções sociais.

Desta forma, o mundo em movimento, da mesma forma analogia ao mundo daqueles que imigra se faz e refaz a todo momento a partir de suas convivências e fatores externos a si. Assim, podemos observar que para os entrevistados o real era aquilo que se passava/ mostra-se no seu consciente.

Na mesma esteira de pensamento, contudo mobilizando outros elementos humanos, Candau (2019, p. 60 - 61) afirma que “a consciência de si [...] não seria possível sem a lembrança ou a expectativa, o lamento ou a impaciência, pelos quais o tempo nos coloca, de alguma forma, a distância de nós mesmos”. E assim, por dizer, esse ato de instigar no processo de rememorar que “o indivíduo capta e compreende continuamente o mundo, manifesta suas intenções a esse respeito, estrutura-o e coloca-o em ordem [...] conferindo-lhe sentido”.

No que tange essa dimensão, Eni Orlandi (2017, p. 102- 103), diz; “o discurso se define como estrutura e acontecimento, portanto aberto a deslizamentos de sentidos, a equívocos e a novos processos de significação.” Podemos considerar assim, para os entrevistados os sentidos produzidos ao se ter contato direto com o Outro, a partir de suas perspectivas e vivências, puderam ser configurados em novos processos de significação, contribuindo para um olhar de alteridade, ou ainda de um confronto de si.

Nesse viés contextual, cabe investigarmos e analisarmos outro ponto que nos parece elementar para delinear como está sendo constituídos os discursos, as linguagens e identidades dos imigrantes bolivianos e venezuelanos nesta região fronteiriça de Guajará-Mirim. O primeiro reforço, como já foi dito anteriormente, é

reconhecer a existência do outro externo a si próprio e, o segundo mobilizar passado e presente em uma construção (in)consciente de sua subjetividade como sujeito. Nesse esforço, o exercício de alteridade deve se fazer presente, na qual se perceber “uma via de duas mãos de seres sociais e sociáveis, é uma troca de empatia. (COTINGUIBA, 2014, p.66)”. À vista disso, perguntamos aos entrevistados: “Como imigrante a mais tempo no Brasil, o que acha que poderia ser feito para ajudar aqueles que chegam? (questionário 1, questão 22)”.

**Tabela 17 - Processo de alteridade: como ajudar o próximo**

| ENTREVISTADO | RESPOSTA  |
|--------------|---|
| A. V. C.     | <p>“Aí tu me pegou, por causa que eu mesmo não sei e, nas autoridade eu não sou muito ligado às autoridades. Até porque eu sou analfabeto, então, eu não sei o que fazer com que vem para cá, e nem sei te dizer, também, o que as autoridades podem fazer.”</p>  |
| L. A. R.     | <p>“Por que é assim, em cada estado, na realidade não é no Brasil inteiro, mas tem estado que já tem casa de apoio, tem uma equipe de acolhimento. Aqui na nossa cidade não tem uma casa de apoio ao migrante, não tem uma equipe disponibilizada para atender ao imigrante. Tem aqui a pastoral do migrante, né, tem o consulado que é para apoiar o migrante, mas só o boliviano, né, mas o migrante não é só o boliviano. Então assim, o que necessitamos, na nossa cidade, não vou falar no país inteiro porque é grande né, mas na nossa cidade Guajará-Mirim, Rondônia o que precisa é uma casa de apoio e equipes da assistência social treinado, capacitado para receber o migrante, porque agorinha você vai, digamos, não tem uma casa de apoio, um lugar que haja fora para receber o migrante da nossa igreja católica, da paróquia, da pastoral, não conheço outro. Então nós precisamos, eu sempre falo e vejo que, há uma necessidade gritante de uma casa de apoio e uma equipe de assistência social da prefeitura, da SEMTAS, não tenho certeza se esse o nome, mas que tenha pessoas treinadas</p> |
| B. P. R. E.  | <p>“É, instruir eles, passar o conhecimento como foi, o que que eles têm que procurar, onde eles têm que ir. Eu acho que tenho que passar isso para essas pessoas. Como eu estava te contando, tem uma colega, não tinha documentos. Eu não sabia. Ela sabia que tinha que ir lá na federal, aí instruí ela também, como foi, como foi que eu tirei meus documentos, quando eu vim para cá, e assim, eu me sinto nessa obrigação para facilitar. Como elas também tem que fazer, para adquirir os</p>   |

|                |  |
|----------------|--|
|                | documentos dela, orientar. Eu acho que é essa minha função, de passar, é não ser egoísta.”   |
| M. H. O. A.    | ““E para aqueles, chega né...dá suporte para eles, pra eles se sentirem acolhidos, também, ajudar, né? No que a gente pode.”   |
| K. Y. M. H. L. | “Acho que tinha que ter mais comunicação. Porque quando a pessoa chega, para poder entra no Brasil. Eles ajudar, porque, na verdade, tem uns que te explica, e outros não. Eles só falam: “e tão coisa, você vai ali e ali, mas não te ajudam dizendo onde é. Precisa de um pouco mais de informação.”   |
| C. A. P. B.    | “Seguir com aula de português, ensinar-los nosso idioma e indexa-lo a una fonte de trabajo que se tiene em nosso estado.”  |
| D. E. V. M.    | ‘Eu quero ser sincero, porque eu fui, também, beneficiado. Tive benefícios, isto é, das ajudas, auxílios, que dá o governo para com os imigrantes. É, acho que o que está sendo feito é suficiente. Até porque, quase ninguém tem conhecimento da operação acolhida na fronteira, que dá ou dava, né, porque foi mudada, num dia só, toda a documentação necessária, até cartão do SUS para o migrante. Tendo sim, capacidade de fazer e ter capacidade de uma vida tranquila no país. Tem também certas exceções, no caso da polícia federal, poderia ser melhorado o atendimento ao migrante, muito, mas acho que só isso seria.”  |
| L. B. C. N.    | “ Eu acho que as instituciones que prestan serviço ao migrante deveria pessoas que falan espanhol. Posso falar em um exemplo: quando eu cheguei aqui, eu queria comprar una linha telefônica, cualqueira (qualquer uma). Enton eu ligaba, para essa operadora, de linha telefônica, e eu não conseguia falar, porque eu não entendia, elas no me entendiam também, a operadora não entendia. Entón, deveria de ter, una pessoa que fala espanhol, asi seria muito melhor, e agora eu estou lembrando, por exemplo, graças à Deus, a gente no há precisado de ir a un hospital, una UPA, né? Mas eu... como a gente pode expressar para esse doctor, esse médico que esta tratando que a gente tem dor? Que a gente tem una perturbação. É um pouco difícil.” |
| E. G. C. G.    | “Una casa donde pueden lhegar, porque mucha que lhegan, vivi en la plaza, dormen en las plazas, no tienen un lugar donde lhegar. Si no tiene para lhegar, dormem en la plaza. Puede ser una casa para lhegar, asi.... para passar una noche.”  |

|             |  |
|-------------|--|
| L. E. F. C. | <p>“Por exemplo, aqui em Rondônia, aqui em Guayará, onde eu moro, falta uno refúgio. Un refúgio para o migrante. Que é muito importante. Por exemplo, yo lhegue aqui em Guayara, as pessoas ayudaran, mas era bom que haveria un refúgio, para venezuelano, para estrangero. Que tenham donde lhegar, donde tomar un banho, donde ficar una noche, duas noches, entendeu? Donde puedan comer, donde puedan tener unas orientación. Iso fuera muito importante.</p> |
|-------------|--|

Fonte: dados da pesquisa

Notadamente, podemos observar que para alguns dos imigrantes o fator problemático vai além da fronteira do completo desconhecimento da língua local, ou do contato do outro com o desconhecido da língua. Sob está olhar, podemos percorrer rapidamente duas vertentes teóricas de estudo: o da teoria da comunicação e do discurso. No primeiro, encontra-se o domínio elementar mais específico de funcionamento da linguagem teorizado por Jakobson, dentre eles, encontra-se o elemento nomeado “ruído”, no qual emissor e receptor apesar de possuírem domínios comunicativos e códigos linguísticos iguais e/ou aproximados, ainda sim, sofreriam pelo fator de interferência no entendimento em face de uma construção dialógica que faça sentido. Tais “ruídos” podem ser formular múltiplos, do qual se poderia elencar desde um simples descuido de atenção até uma dor física, seja ela intensa ou não. Já no segundo, passariamos pelo domínio das inferências ideológicas que agem sobre o sujeito no discurso e, por vezes, tomam forma de preconceito nas relações sociais.

Segundo Orlandi (2017, p. 94) o preconceito se faz de forma inconsciente no sujeito, não tendo direto acesso de como ele se constitui, pois tudo depende das condições de existência e de produção, que os filiam e os impelem ao campo do dizível. Assim, “o preconceito [...] se realiza individualmente, mas não se constitui no individuo em si. Ele se constitui nas relações sociais.”

Empunharmos juízo de valor nesse contexto de fluxo imigratório não cabe a nós, pois a aproximação dele pressupõe e requerer a leitura de ações e gestos na/da ação no momento que se vive. Contudo, é a partir das (re)construções do passado e presente no tangível do/no que é memorizável e memorável que emerge no sujeito a ordenação do mundo, suas filiações no campo do dizível e recusas, e assim passível das condições de efeitos de sentido.

Apesar de o quadro de resposta se referir a um sentimento de possível de empatia para com o outro, ou ainda de um exercício de alteridade, podemos observar que a equivalência discursiva que perpassa e/ou atravessa na ordem do interdiscurso se materializa em um discurso voltado, sobretudo, para as falhas e/ou faltas no que tange as instituições.

Por outro lado, nos retorna a reflexão das duas problemáticas anteriormente ditas, da existência do “ruído” no processo dialógico e do processo de constituição do preconceito. Se de um lado pode-se inferir que a dificuldade linguística pode ser um fator preponderante e/ou circunstância principal de causa para os ruídos, de outro também se poderia inferir a circunstância delituosa da ação preconceituosa pode ser algo que já se tenha raízes constituídos em um sujeito. Ambos se encontram na linha limítrofe de possibilidades que podem gerar sentidos outros nos imigrantes, de sentimentos de pertencimento ou de exclusão, de deriva ou de acolhimento, e tantas outras sensações e comportamentos na sociedade.

A pergunta matriz e a resposta dos entrevistados, inegavelmente, perpassam pelas relações sociais, e isso é um fato essencialista, contudo os sentidos que se formularam na constituição das identidades de cada sujeito foram concebidos de forma individual, o que nos faz depreender, mais uma vez, que pensamentos e ou afirmações de homogeneidades são errôneas.

Quanto ao fato de “ruidosa” e/ ou preconceito, nos parece obscuro qualquer afirmativa e/ou juízo de valor estando apenas no campo de um dos lados no processo de escuta. Nesse interim, também nos emerge a reflexão para outro campo teórico, que delinea um dos caminhos metodológicos dessa dissertação, da criação de inteligibilidade e de metaconhecimento de nossas ações, não no tocante apenas aos caminhos traçados para problematizar questões que perpassam as práxis humanas a partir da linguagem, mas também da própria ação como sujeito da/na sociedade.

Tal perspectiva surge a partir, principalmente, de dois fragmentos de formulação discursivas no processo de (re) memoração dos entrevistados/colaboradores: “D. E. V. M.” (venezuelano) e “L. A. R.” (boliviana). De um lado temos a constituição do discurso do sujeito “D.E.V.M” que se encontra na possibilidade de um confronto e/ ou conflito de suas apreensões e experiências de origem, ou ainda no que tange ao sentimento de nação e/ou nacionalidade. Segue o fragmento a seguir:

**Entrevistado D.E.V.M:** Na Venezuela, o pessoal ficou acostumado a uma situação de conformismo. O Governo te dá um grão de feijão e, com isso, tu fica feliz. Como que eu vou me conformar com 1 grão de feijão para comer o mês todo. Mas o pessoal aceita isso, e eles saem do país, eles vêm que aqui não tem isso, e eles falam: “ai, tadinho de eu (mim) que não consigo meu grão. Não tem ninguém para me dar aquele grão”, mas também não quero trabalhar para conseguir. Eu prefiro que as pessoas deem aquele grão de graça para mim. Por isso que, nessa área do país, ou da América Latina, são conhecidos, os venezuelanos, só por ficarem pedindo nos semáforos. Entendeu? Uma situação triste, é por isso que não me queria juntar com nenhum, com nenhum deles.”

A negativa que emerge do discurso do entrevistado é enfática a uma posição análoga ao prisioneiro da caverna de Platão, que tão logo se vê solto das amarras da ilusão de homogeneidade da linguagem e, encontrava-se no simulacro de construtos da retórica de nação. Nesta condição, o que nos aponta Ferreira & Orrico (2002) sobre a função identificaria de nacionalidade é factível, entretanto, ainda assim, não se pode minimizar sua solidez na história do imaginário nacional.

Não há dúvida de que a nação preenche uma função identificatória coletiva que em outras épocas se localizava nos deuses da cidade ou na extensão espacial e temporal da pessoa do Rei. [...] O papel exercido pela nação se dá por uma “referência triplicemente imaginária a uma “história comum” [...] porque esta história é só passado [...] porque enfim o que dela é sabido e serve de suporte a esta conscientização [...] é mítico em sua maior parte. (FERREIRA & ORRICO, 2002, p.16)

Por outro lado, dois outros aspectos a refletirmos surgem nesta análise, a identidade que se constitui nas/pelas relações de força e poder e, a outra do empenho de alteridade para perceber o outro. Ambos são perpassados pelo quadro da memória, assim ela “é, de fato, uma força de identidade. [...] em ação, mas ela pode, ao contrário, ameaçar, perturbar e mesmo arruinar o sentimento de identidade, tal como [...] sobre as lembranças de traumas e tragédias. (CANDAU, 2019, p.18)”.

Vale ressaltar que, as perspectivas levantadas a partir do discurso do entrevistado são apenas vislumbres de sentidos que se formulam e, não uma busca por uma verdade única. Nesse sentido, a partir das vivências de cada pessoa os sentidos podem ser formular outros, ou ainda podemos compreenderá que, os caminhos apontados pela LA de construtos epistemológicos de saberes “inter” e “trans” se constituem para além de paradigmas consagrados no mundo atual, sendo preciso ousar e/ou atravessar limites e estar em constante transformação, e assim criar inteligibilidade aos problemas sociais.

[...] as novas orientações em LA [...] não é, em absoluto, o abandono da fecunda teorização ou do rico ferramental analítico e descritivo produzido por essas áreas; ao contrário, nos convidam à utilização desses construtos em contínua experimentação nos jogos de verdades, desconfiando da formação de sistemas explicativos coesos, desestabilizando conceitos naturalizados [...] (Moita Lopes, 2006, p. 58)

Ao analisarmos o discurso que emerge da entrevistada/colaboradora “L. A. R”, podemos refletir a partir do outro ponto de vista, aquele que ao se vê envolvido no meio social no sistema dominante, por vezes, se torna a mão opressora que outrora se encontrava na subalternidade e que impossibilita o processo de alteridade e empatia. Vejamos a seguir o trecho.

**Entrevistado L.E.V.M:** É assim, não sei porque, as vezes quando a gente chega precisando de outro migrante, eles são ruins, não querem prestar, assim, levar informação, ajudar a gente, eles são egoístas, entendeu? As vezes são egoístas, porque eu as vezes precisada das coisas, precisava de entender e não me davam resultado. Eu me lembro assim, uma vez, vou contar para você, aconteceu com a cunhada da minha irmã, nós mora na casa dessa cunhada, porque as cunhadas da minha irmã sempre moraram para cá, [...] e nós morava lá na casa, não tinha condições de alugar um quartinho, eu e uma cunhada da minha irmã, uma das mais caçula. Nos identifiquemos, a gente de dá melhor e, nós, eu trabalhava, digamos, eu trabalhava na lanchonete daquele pessoal, do seu Tico-tico, seu Axchil, ela trabalhava na casa dele. Então, quando a lanchonete fechava, eu ia para casa dos patrões, para vir junto com ela para Santa Luzia, nós morava lá. Daqui do Cristo Rei iamos para o Santa Luzia. Ai naquele dia nós atrasemos, que ela estava limpando a casa, lavando, e eu ajudei ela e fomos embora. Ela levava um cupuaçu na mão, ai, chegamos lá a pé, imagina. Daqui até o Santa Luzia, que nos tinha o circular que funcionava até sete e meia, como era de pé chegamos lá era umas oito horas, num maior correrio, correndo. Quando chegamos lá, a irmã dela já estava trancada a porta, e disse que na casa dela não entrava vagabunda, que na casa dela tinha respeito. Isso oito horas da noite, vindo do trabalho, sem tomar banho, nós formos lá para praça do Santa Luzia, sentar até umas horas da madrugada comendo cupuaçu. Três horas da madrugada fomos bater na porta de uma conhecida nossa, que abriu, perguntou o que tinha acontecido, nós falemos, né. Ela ficou horrorizada, mas abriu a porta. Cedeu a cama para nós dormir, então por ai eu falo para você, que as vezes, nós migrantes mesmo, quando chegamos no outro não sabermos acolher, as vezes a gente é egoísta, porque vê a necessidade da outra pessoa e não dá valor, não acolhe. E ai que a gente precisa desse acolhimento, porque nós não tinha condição de alugar um quarto, para morar, e todas essas dificuldades iam fazendo eu amadurar mais. Eu chorava de uma maneira que você não imagina, de tanta falta. Eu nunca tinha saído do lado da minha mãe para passar longe, tempo, tem todas essas coisas, assim porque minha mãe era pobre, pobre, era humilde mesmo, era daquele tipo de pessoa que quando ia trabalhar, dividia a comida dela com a gente, do que davam para ela no trabalho, de jornada. O dia da jornada dela dava café, almoço e janta. A janta ela dividia com a gente, porque tinha dia que nós comia farinha com banana, abacate com farinha. Para poder jantar, não era aquela janta que hoje em dia nossos filhos escolhem: “não quero isso, não quero aquilo”. A gente comia aquilo porque era aquilo que tinha.. Mas eu confiava.... (voz embargada).



O discurso da entrevista/colaboradora nos faz compreender, mais uma vez, que assim como os discursos, as identidades se tornam múltiplas, pois todas as transformações partem de um espaço de convivência que passam a significar e assim, afeta “a ideologia da divisão e do fechamento, da segregação do “outro” [...] Reconhecer a diferença, em um espaço comum, mas não homogêneo, observando deslocamentos possíveis [...] re-significar. ( Orlandi, 2017 p.98)

Por outro lado, também cabe refletirmos, no instante (re)memorado os fatos e acontecimentos se atravessam, há retomada de memória da infância com a situação entrelaçada com o sofrimento do gesto preconceituoso que havia sofrido na fase da adolescência, mas ainda assim, não parece permear o sentimento de um retorno ao local de origem, mas há sim um silêncio que permeia os sentidos, o que nós faz questionar como o gesto de não acolhimento, se reproduziu em sua subjetividade, e a fez ainda hoje não cogitar respostas e atitudes negativas em relação a sociedade.

Poderíamos, nessa condição, afirmar se tratar de fortíssimo sentimento de resistência, do imigrante que já se vê subalterno ao sistema dominante, contudo ainda persiste, ou talvez o protagonismo feminino, aquela que mesmo sendo tratada como frágil, se mostra, ainda mais, resistente e resiliente. Em ambas situações, Orlandi (2017) corrobora nessa compreensão de sentido, explicando a partir da teoria da resistência com base na compreensão das condições de produção e, como se desencadeia crime e castigo, violência e resistência, assim,

“[...]onde há censura há resistência [...] projetamos um fora que nos é interior [...] podemos entender, assim, que o preconceito implica em contradição, mais que isso, em um equívoco que se aloja na base da constituição da relação do sujeito consigo mesmo e com o outro. ( Orlandi, 2017, p.100)

Nesse ponto, entre encontros e desencontros de si e com o outro, a vários movimentos de sentidos que deslizam em diferentes direções, em rupturas que vinculam e individualizam cada sujeito e emerge no discurso a materialização de suas ideológicas. Nesse sentido, o espaço comum, que não é o espaço homogêneo, é construído e tem seu funcionamento pelas bases de vivências e experiências do sujeito. Cabe a nós interrogar, como se constituiu essas bases de vivências já que desde muito cedo a maioria dos imigrantes que vivem nessa área fronteira de Guajará-Mirim se deslocaram para longe de seus familiares e terra natal.

A partir disso, traremos mais dois questionamentos que foram perguntados para os entrevistados/ colaboradores, sendo eles: “que recursos você utiliza para

amenizar a saudade da sua terra natal? (questionário 1, questão 26) e “com que frequência você se comunica com os seus familiares que ficam em seu país de origem? (questionário 1, questão 27).

Sobre a primeira pergunta, com exceção do entrevistado “D. E. V. M.” que relata ouvir música para amenizar a falta, todos recorrem, majoritariamente, ao recurso de fotos para amenizar a saudade de sua terra natal. De outra forma, também evoca na memória um passado factual, que tanto assegura os laços parentais, quanto as vias de transmissão de manifestações históricas.

É provável que a invenção da fotografia tenha favorecido a construção e manutenção da memória de certos dados factuais – acontecimentos históricos [...] mas também fatos familiares, oferecendo, simultaneamente, a possibilidade de manipulação dessa memória [...] estamos, assim, em presença de “passados formalizados” [...] de uma memória “educada”, ou mesmo institucional, e, portanto, compartilhada. (Candau, 2019, p.118)”

De outra forma, apoiando-se também nessa memória, que nos parece consciente na tomada de meios que significam um passado, e passível de simular uma apresentação de si, pois ao narrar, o sujeito, muitas vezes, tende a colocar uma ordem coerente no que julga ser significativo para expor ao outro. Assim, na memória humana há sempre ocultações, sombrias e ensolaradas, das quais deixam o sujeito em constante conflito, pois “existe, de fato, um passado “onde há boas razões para não se mover”, e cada pessoa dispõe de múltiplos recursos memoriais quando tenta criar “um passado útil. (Candau, 2019, p.72)

Quanto a segunda pergunta, atualmente outros mecanismos contribuem para a manutenção de uma memória que é tanto individual, quanto coletiva, os meios de comunicação tecnológicos, sobretudo, com a utilização do celular. Quanto a esse fato, não trataremos mais a fundo, uma vez que, não se trata propriamente da natureza desse estudo uma tomada teórica voltada para os usos das tecnologias como meio de rememoração e/ou retomada de acontecimentos históricos. Contudo, basta nesse momento, saber que, todos os entrevistados mantêm com frequência uma ligação diária, sobretudo, com entes consanguíneos da sua terra de origem, estando a ligação materna na resposta de 7 (sete) dos entrevistados/ colaboradores.

Por fim, outra reflexão surge, dessas mobilidades de revivências e reflexividade, o aspecto de pertencimento a um local, ou a um grupo social. Bauman (2005, p.17) nos diz que é comum existir dois tipos de comunidades de pertencimento das quais nos identificamos: “existem comunidades de vida e de destino, sujeitos membros [...] vivem juntos numa ligação absoluta, e outras que são

fundidas unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios.” Desta forma, perguntamos aos entrevistados/colaboradores: “Conseguiu desenvolver o sentimento de pertencimento em relação ao Brasil? (questionário 1, questão 19), e obtivemos as seguintes respostas:

**Tabela 18 - Imigração e o sentimento de pertencimento**

| ENTREVISTADO   | RESPOSTA   |
|----------------|--|
| A. V. C.       | <p>“Há, claro que sim, porque é aquilo que te falei sempre. Eu não tive dificuldade, não tenho dificuldade. Fui passear em La Paz e no Peru Nem conheci por causa que lá o frio, é muito frio. Quando eu saí do carro, parecia que ia quebrando meu braço de frio. Aí eu voltei pro mesmo carro, digo: “eu não vou morrer de frio.” E voltei, vim me embora, dormir aqui na Fronteira, já da Bolívia com a Peru. No outro dia vim embora, cheguei em Santa Cruz e falei para ela matar uma galinha e, cozinhar feijão, arroz, comprar macaxeira, fazer farofa. Porque estava com 20 dias por lá. Ela disse: “tua tá onde?” “Eu estou em Santa Cruz”. “Mas tu não vai chegar amanhã”. Digo: vou chegar meio-dia, vou almoçar aí. Vou embora de avião.” Fui embora de avião, posei ai em Guayará, cruzei, e quando cheguei aqui, estava meus amigos me esperando para almoçar.</p> |
| L. A. R.       | <p>“Eu consegui”</p>   |
| B. P. R. E.    | <p>“Sentimento? claro, gente, quando eu vim para cá, já consegui (me sentir) brasileira. Eu sou, como falam: “you soy brasileira” (eu sou Brasileira). Eu me considerei, que eu pertencia daqui assim como meu segundo país. Eu falo assim, Bolívia, claro, meu primeiro país, mas eu também considero Brasil. Quando está jogando o Brasil e a Bolívia, aí fica dividido o coração (risos). Quando ganha o Brasil, eu não fico triste, fico feliz também, porque pertença aqui a esse país.”</p>  |
| M. H. O. A.    | <p>“Sim, totalmente.”</p>  |
| K. Y. M. H. L. | <p>“Sim, totalmente.”</p>  |
| C. A. P. B.    | <p>“nunca senti que estivesse invadindo el lugar, e tão pouco me senti invadido.</p>   |
| D. E. V. M.    | <p>“Com certeza, eu sinto o Brasil como a minha casa.”</p>   |

|             |   |
|-------------|---|
| L. B. C. N. | “Sim, totalmente.”  |
| E. G. C. G. | “Sin, estoy segura como se estivesse em casa”   |
| L. E. F. C. | “Sin, aqui as personas,son...como se fala? Muito atentas.As personas te hacen sentir en casa, e as personas lutam para tu se sinta bien. Aqui gracias a Dios, sempre me falan que voy a conseguir muito, porque eu trabalho bom. Siempre me motivan, ne? E isso é muito bom!” |

Fonte: dados da pesquisa

Podemos observar e analisar que, a obtenção das respostas, ainda que positivas para o entendimento de pertencimento ao novo local de moradia, se dá como sentimento conflituoso para a maioria dos entrevistados, pois não há uma formulação e/ou compreensão da identidade de pertencimento clara, ou ao menos óbvia que fundamente tal proposição. Não é que ela não exista, no entanto, a condição para que se pense com profusão sobre o tema requer uma tomada de consciência mais profunda do sujeito e ainda sim ela, em dados momentos, seriam negociáveis e revogáveis, dependente dos caminhos e decisões de cada sujeito.

Corroborando esta asserção, Bauman (2005, p.17) afirma a consciência de pertencimento a esta ou aquela identidade, “só surge [...] porque existe mais de uma ideia para evocar e manter unida a “comunidade” fundida por ideias, [...] existem tantas [...] que é preciso fazer escolhas [...] tentar conciliar demandas contraditórias e frequentemente incompatíveis.

Amaral (2015, p. 34) no mesmo sentido afirma que “a identidade [...] pode ser entendida como algo que se move, se transforma. Algo [...] significado ou ressignificado, dependendo do espaço e do tempo em que se encontra o sujeito.”

Da mesma forma, Abdala Júnior (2002, p. 34) observa que não podemos tomar algo como simples, para fatos de inclusão ou exclusão, pois as identidades são múltiplas, e assim, “individualmente, a mesma pessoa pode ser, ao mesmo tempo, mulher, negra, trabalhadora, latina, etc. e ainda prestar solidariedade a outras categorias. Será seu contexto situacional que definirá a dominância entre esses caracteres.”

### 4.2.3 Contexto migratório: entrelaçamentos e dissonâncias

Neste tópico, apresentamos, principalmente, o contexto socioeconômico que influenciou e/ ou ocasionou o processo de imigração de indivíduos de nacionalidade Venezuelana ou bolivianas para as cidades de Guajará-Mirim/RO, na fronteira Brasil/Bolívia e assim apontar seus aspectos dissonantes e entrelaçamentos.

A partir do anexo I, ficha de cadastramento, quanto à questão objetiva: “Tem interesse em ficar em Guajará-Mirim?” Todos os (as) entrevistados (as) responderam que “sim” e, quando confrontados a responder sobre as motivações da vinda e moradia em Rondônia, (questionário 2, questão 9), responderam:

**Tabela 19 - Entrada/ vinda para o estado de Rondônia**

| ENTREVISTADO | RESPOSTA  |
|--------------|---|
| A. V. C.     | “Eu vim parar aqui por causa que, como eu já falei uma vez e, vou falar de novo, eu vim através de um amigo meu que pescava, e ele me trouxe para receber o dinheiro aqui, e aí ele me convidou para pescar, porque eu era assim: minha comunicação era boa com as pessoas, eu não ficava com raiva de ninguém e, ele dizia: “você tem um caráter bom.” Aí eu fiquei pescando até hoje. Estou em Guajará.”  |
| L. A. R.     | “Eu vim a procura de um trabalho melhor, procurar ganhar mais um dinheiro, procurar um jeito de voltar para minha mãe.”   |
| B. P. R. E.  | “Gente, muito tempo! (risos). Mais para conhecer o município. E a perspectiva era conhecer, ficar pouco tempo, mas acabei ficando. De diferente, em que eu lá saia mais ou aqui, não assim, minha vida social acho que permaneceu quase a mesma, só as amizades que são diferentes uma da outra por causa da língua. Eu não tinha essa noção de política. Agora, já amadurecida, com mais conhecimento....E a cidade, quando eu cheguei aqui, era melhor, bem estruturada, tinha mais coisas, era mais cuidada. Agora, com o passar do tempo, em vez de ela ir para frente, foi indo para trás. Como a gente fala. Não é? Foi diminuindo, foi se acabando, foi esquecida pelos políticos, já que eles vêm aqui pedir votos, e outros, os senadores. Esses que eu falo, né? Eles não ajudam. E os prefeitos também, os vereadores, eles só querem se beneficiar. Eu vejo esse ponto. Porque a cidade está esquecida, não é? Eles estão só se beneficiando só para eles próprios ou querem só o ganhar o deles, e não cuidar da cidade como falam antes de se |

|                |  |
|----------------|--|
|                | elegerem. não é? Que vão cuidar, que vão fazer isso e aquilo, mas é só da boca para fora. A gente vê outra realidade. “  |
| M. H. O. A.    | “Eu vim passear e fiquei”  |
| K. Y. M. H. L. | “Eu vim com meus pais, porque meus avós moravam aqui, que dizer minha vó, ela era casada com um brasileiro, ai ela ficou morando aqui, e a gente veio com meus pais morar aqui com ela. Só minha mãe, meu pai é falecido.”   |
| C. A. P. B.    | “Era uma terra de oportunidades.”  |
| D. E. V. M.    | “(Aquele entrada que conheceu aquelas pessoas e veio para cá) foi isso mesmo. Atualmente, estou morando em Guajará-Mirim por conta da UNIR, mas eu já tinha pensado em morar em outro canto por conta de estudo também, só que por questões econômicas não consegui, mas minha intenção era estudar Manaus ou Porto Velho. Por questão econômica não consegui, mas é a intenção. Estudar psicologia. |
| L. B. C. N.    | “Vinhemos porque habia un conhecido que disse que habia oportunidades de emprego, que era bom aqui”  |
| E. G. C. G.    | “Bueno, vim porque mi esposo já estaba aqui  |
| L. E. F. C.    | “O motivo fue, en verdad o Brasil, pero en Guayaramerin lھےgıeı por la gracia de Dios, não sabia que vinha para cá, eu vim experimentando, até que lھےgıeı em Guayarά, e aqui experimente cosa boa, e aqui fique.”   |

Fonte: dados da pesquisa

Podemos observar que, a primeiro momento os discursos sobre a busca por melhorias de vida e/ou oportunidades em outra localidade se faz como motivo principal de imigração e se entrelaçam. Contudo, diferente do aspecto que influencia o fluxo de imigração de nacionalidade boliviana, os imigrantes venezuelanos, sobretudo, no que concerne o aspecto econômico que envolve o atual cenário do país, o conflito da/para saída se faz de forma, majoritariamente, forçada.

Notadamente, ao longo desta dissertação, podemos perceber e compreender que as relações imigratórias constitutivas na cidade de Guajará-Mirim entre Brasil e Bolıvia, e assim por se dizer, os fluxos dessa natureza de contato já se realizava

dado seu contexto histórico e socioeconômico na fronteira. Assim, a partir das conversas informais e ao longo das entrevistas, fica óbvio que os imigrantes bolivianos, apesar de sair do seu país de origem, se mantêm na área fronteiriça e eventualmente, optam por visitar familiares e/ou amigos no seu país nativo. Quando a esse fato, podemos comprovar a partir de fragmentos que os imigrantes bolivianos relatam.

**Tabela 20 - Movimento fronteiriço**

| ENTREVISTADO   | RESPOSTA  |
|----------------|---|
| A. V. C.       | ““Por causa que me ficou fácil, né? Que era a Fronteira e ficava perto da minha família, que é boliviana, não é? E aí eu estou.”  |
| L. A. R.       | “Eu vou lá para fazer vendas, para passear, visitar conhecidos.”  |
| B. P. R. E.    | “Então, aqui é meu porto seguro. Fica perto da minha família, tanto da minha irmã como da minha mãe, que a minha mãe mora lá do outro lado, então eu só tenho que cruzar. Eu falo assim, se tivesse essa ponte ficaria mais fácil. Cruzaria a ponte de carro, ou de moto, ou de bicicleta, de pé, ficaria no meio do caminho. |
| M. H. O. A.    | “depois eu fiquei pensando, é, não tem mais ninguém. Eu tô trabalhando pra quê? Eu quero saber, eu vou pra Bolívia, vou andar, vou passear.   |
| K. Y. M. H. L. | “Porque era mais perto da fronteira de onde morávamos, era só cruzar.”  |

Fonte: dados da pesquisa

Por outro lado, não é uma realidade factível para os imigrantes venezuelanos o retorno a sua terra natal, não no cenário econômico que atualmente cerca a população venezuelana, as incertezas em relação a segurança e de vida, o baixo poder de aquisição de trabalho e alimentação. Tal realidade é de extrema tristeza, dado que em relatos informais com os entrevistados/colaboradores, confirmam que ao chegar na fronteira do Brasil, já se encontram em estado de desnutrição.

A crise política, econômica, social e humanitária que assola a Venezuela está provocando uma das maiores migrações em massa da história da

América Latina. Nesse contexto, o Brasil, assim como outros países da região, tem sido um local de destino e trânsito para venezuelanos que abandonam sua terra natal em busca de condições de vida mais seguras e dignas. (Baeninger e Silva, 2018 p. 72)

Nesse ponto, podemos destacar, primeiramente, o aspecto conflituoso e de enfrentamento para a saída do país, a partir do relato do entrevistado/colaborador “L. E. F. C.” que afirma:

“É uma decisão bem forte, por causa, por exemplo, a la en Venezuela lutava todos los días só para comer, para comer poco, não é? Mas era muito difícil, mirar a mi madre passando fome, minha família, a minha filha, a minha mujer, entendeu? Entón, ali fue mi decision de salir fue que, eu saindo de a la, vai ser melhor para eles, uma ayuda a mais. Eu sinceramente, mi vida es la en Venezuela, mi Corazon, pensamento, tudo ficou lá.

Cumpramos destacarmos que a asserção de nomear a imigração forçada, se deve ao fato de que, muitos dos imigrantes que residem atualmente no Brasil, apesar de enfrentar vários desafios para chegada até a fronteira, desde viagens extremamente cansativas, quanto pela espera de documento que permitisse a entrada e permanência em terras brasileiras. Quando este fato, vejamos o que nos relata a entrevistada “E. G. C. G.”.

Para sair da Venezuela, ônibus, caminhe até certa parte, tomamos outro carro. Vim com mi duas hijas, e uno sobrinho. Fue un caminho difícil [...] passamos 8 (ocho) meses en fronteira a espera de documento para poder vir. Quando sali de casa pense: “no queria venir”, porque via muchas imagenes, de muchas cosas que acontecian por ai. Entonce, la decisión era ficar a la e passar hambre, no estudiarán ou passar por isso...

Frente a esse cenário, cabe registrarmos, ao menos, dois fatores principais para o afastamento e/ou declínio da ajuda que antes o país recebia do Brasil, econômica e humanitária, a troca presidencial e a saída da Venezuela do tratado do Mercosul. Ambos motivados pelos desencontros e/ou desalinhamentos de questões políticas e demandas econômicas. É bem verdade que, colocando nesses termos, a aparência se torna simplista, dado que não abarca a complexidade que cerca as relações de poder que emerge na nova era globalizada, contudo, seria preciso de tantas outras ferramentas que pudessem explicar e/ou quer seja delinear a situação de amarras institucionais e políticas que se formulam para a manutenção de poder e riquezas. Desta forma, por enquanto, cabe salientar que no campo de direitos fundamentais, o sujeito prossegue subalternizados as/nas demandas da sociedade capitalista.

Sob essa óptica, nos atentamos para o que aponta Canclini (2015, p.74)



sobre o econômico e o simbólico, no qual “a classe dominante pode impor-se no plano econômico, e reproduzir essa dominação, se ao mesmo tempo consegue hegemonizar o campo cultural”. Diante disso, vejamos o que emerge no discurso do entrevistado/ colaborador D. E. V. M. sobre tal contexto.

Eu quero fazer ênfase, para ver aquele ponto de vista na cultura que foi implantada em base conformismo, me deram este copo de água aqui, e eles pensam assim: “nossa, que bom que a gente tem um copo de água.” Aí tu pergunta para eles, mas é pouca água, aliás, tem aqui uma garrafa cheia com água: “mas eu fico bem com esse pouquinho de água, nem preciso do outro”. [...] E quando sai do país, eles saem do país pensando assim, eles não mudam essa mentalidade, muitas poucas pessoas mudam a mentalidade, até porque se acostumaram mais de 20 anos a pensar do mesmo jeito, até porque é o tempo do governo socialista, da ditadura. Então, é por isso que a gente vê pessoas pedindo na rua com crianças, pedindo na rua! Não se importa pelo filho, fica pedindo. Tem gente que vende, não pede, eu valorizo isso também, tem gente que realmente trabalha, tipo eles não ficam pedindo na rua ou não semáforos, mas eles vão e trabalha, procura vender alguma coisa, um docinho. Que não seja na base da lástima também, né? Porque tem gente que se aproveita: “nossa comprar um docinho pra mim, porque meu filho tá passando fome”, sei lá! [...] Eu valorizo essas pessoas que trabalham mesmo, que tenta mudar, não é? Mas a maioria não é assim.[...] é como se a gente morasse em 2 países diferentes em 2 lugares diferentes, porque o que eu tenho vivido na minha vida é totalmente diferente do que eles viveram, do que eles experimentaram, quando eles, antes do governo, e quando a gente fala de governo, de política a gente não só está falando de mudar organização política do país, tipo do controle do país, não, tipo mudou o presidente, tem uma pessoa diferente que manda, muda tudo, muda tudo, absolutamente tudo! Venezuelano vê o mundo assim (gesto de minúsculo) pequeno, sem oportunidades, sem capacidade de ver a mais, de pensar mais, de se esforçar mais.

De maneira geral, poderíamos inferir ao menos dois efeitos de sentido a partir do que emerge do/no discurso do entrevistado/colaborador citado acima. O primeiro do sujeito clivado entre o que se formula no consciente e nos inconscientes dos atravessamentos e das condições de produção, “como uma cadeia de significantes latente que se repete e interfere no discurso efetivo, como se houvesse sempre, sob as palavras, outras palavras.” (Mussalin, p.119). O segundo empreenderíamos no entendimento de identidade teorizado por Bauman (2005, p. 16-17) que tendem a causar dilemas inquietantes e leva a tantas outras controvérsias no sujeito. Assim “as pessoas em busca de identidade se veem invariavelmente da tarefa de [...] alcançar o impossível [...] tarefa que não pode se alcançar no “tempo real”, mas que serão [...] realizadas [...] na infinitude...”

Não muito difícil, podemos notar outro aspecto que merece ser destacado de dissonância entre o fluxo imigratório boliviano e venezuelano, a situação econômica

familiar. No caso da imigração boliviano a escolha se dá sobretudo por novas e/ou melhores condições de trabalho e oportunidades financeira, por outro lado é possível encontrar entre os imigrantes venezuelanos casos em que a família e/ ou genitores possuíam poder econômico mais elevado, como também possuem curso no ensino superior. Além disso, ao imigrarem forçadamente se viram em situação de vulnerabilidade total e, ao chegar em terras brasileiras, apesar das oportunidades e acolhimento, se viram mobilizados a exercer outras atividades profissionais diferentes da sua área de formação. A esse fato, registramos a partir do fragmento dos entrevistados/ colaboradores “L. B. C. N.” e “C. A. P. B.”. Vejamos a seguir os relatos dos entrevistados/colaboradores quando perguntado “qual a sua atividade profissional (tipo de trabalho)?” (questionário 2, questão 4)

**Tabela 21 - Formação superior dos imigrantes venezuelanos**

| ENTREVISTADO  | RESPOSTA  |
|---------------|---|
| “C. A. P. B.” | “Eu tenho graduación en administración.         |
| “L. B. C. N.” | “Eu sou técnico universitário em contabilidade” |

Fonte: dados da pesquisa

Continuando nessa mesma óptica, vejamos o que foi relatado quando perguntados se “já exerceu outras atividades profissionais diferentes da sua área de formação? Quais?” ( questionário 2, questão 5)

**Tabela 22 - Atual profissional em face à imigração forçada**

| ENTREVISTADO  | RESPOSTA   |
|---------------|--|
| “C. A. P. B.” | “Eu trabajo em una loja de peças de moto, sou quien confere ou revisa pedidos que se realizan nessa loja.”   |
| “L. B. C. N.” | “Se a gente puede falar que diarista é uma profissão, eu também fazia diarias aqui. La na venezuela meu último emprego foi no tribunal supremo de justiça no estado donde morava, e a la era assistente de um tribunal, escrevia, transcrevia. |

Fonte: dados da pesquisa

Notadamente, não poderíamos inferir uma quantificação exata de imigrantes venezuelanos que tinham e/ou possuíam em sua cidade de origem um status de vida econômica estável ou até mesmo pertenciam a uma classe social mais privilegiada, contudo ao tomarmos como parâmetro os entrevistados desta pesquisa, dos 5 (cinco) colaboradores, 3 (três) possuíam bens materiais (casa, carro, emprego, etc) e estabilidade econômica razoável, entretanto com a situação do seu país no decorrer das últimas duas décadas se viram forçados a saírem da Venezuela em situação de vulnerabilidade. Sobre esse fato, podemos registrar, sobretudo, ao relatarem/ descreverem sobre o local onde viviam e reside atualmente (questionário 2, questão 2).

**Tabela 23 - Status econômico estável à situação de vulnerabilidade**

| ENTREVISTADO  | RESPOSTA  |
|---------------|---|
| "C. A. P. B." | "Mi casa em Venezuela, era uma casa ampla, com muchos condomínios cerrados, con varias viviendas, son casas de dois pisos e, tienen varias habitaciones. Donde vivo actualmente, es uno apartamento cómodo, de duas habitaciones e tenemos o necesario para vivir."   |
| "L. B. C. N." | "Minha casa na Venezuela tem três quartos, três banheiros, cocina americana, quintal, é de dois pisos, lavadeiro, tem três salas de estar, para compartilhar, para colocar TV e assim...(gesto de sucessividade). Essa casa a gente deixou lá, três ar condicionados. E agora, eu moro uno apartamento, de dois quartos, dois banheiros, no tenho ar, uma cocina e, pronto,só isso.   |
| D. E. V. M.   | "A cidade onde eu morava é uma cidade desenvolvida, já. Equivalente aqui no estado (Rondônia), seria a cidade de Ji-Paraná. Cidade desenvolvida, industrial, não era uma cidade pequena. Tinha, e eu gosto de lembrar isso aqui, tinha 2 cinemas na cidade. É, eu gosto muito do assunto shopping, né? tinha 2 shoppings diferentes na cidade. É em comparação com com Guajará-Mirim que não tem shopping, não tem cinema. Isso tem diferença, é uma cidade pequena e, onde eu morava não era assim.<br>E o que eu posso fazer de comparação, que chega na minha mente agora. Eu morava na casa da minha avó. Uma casa grande! Tinha um pátio muito grande também. Extremamente grande, grandíssimo, acho que de 40 por 40 m de comprimento, muito grande mesmo. E a casa tinha 1...2...3..quartos. Quarto da minha avó, quarto da minha mãe, meu quarto que era onde |

morava anteriormente a mulher da limpeza. Tinha uma mulher que limpava, cozinhava e ela morava com a gente, tá? E, é em relação a isso, eu sempre estudei em escola particular, nunca estudei em escola pública, só aqui no Brasil, no Simon Bolívar. E tinha um espaço grande, que é a cidade para fazer várias coisas, tanto em um shopping, com ir a um parque. Bonito, né? Num cinema. É o que eu posso falar que aqui não tem. Esse espaço onde eu moro é bem mais pequeno, mas eu acho muito confortável.”

Fonte: dados da pesquisa

Podemos perceber pelos relatos acima expostos que os 3 (três) entrevistados/ colaboradores possuíam uma vida que poderia ser considerada estável e até mesmo privilegiada em detrimentos de outros. Por outro lado, podemos observar e inferir, a partir das conversas informais e dos questionários, que os outros 2 (dois) sujeitos entrevistados/colaboradores, obtiveram uma melhoria de vida e situação econômica razoável, em vista do que possuíam na Venezuela. Sobre essa condição traremos à luz os relatos dos colaboradores “E. G. C. G” e “L. E. F. C.”

**Tabela 24 - Situação econômica atual: melhoria de vida**

| ENTREVISTADO | RESPOSTA  |
|--------------|---|
| E. G. C. G.  | A lá era centro, una casa que tenia área “aterradilha”, muchas cosas. Y bueno, se tenia dinero, teria que ir temprano para hacier una compra imensa, para poder comprar dos artículos, três artículos de uno modelo a lá. Habian placas e horários de cuantos artículos se levava por personas.[...] Elles mismos trazian três artículos, no era yo que escolhia, elles mismos los “tomavan” (sentido de pegar), tenia una sacola ( una bolsa) ya todo listo. Entonces les entregava lo dinero e ya. Se habia (referência para alimento) e no estava em escassez podia pegar, pero ya havia muchas cosas que más necesitava estava em escassez, la leche, macarrón, todas esas cosas.[...] Tenia que sobrevivi con iso. |
| L. E. F. C.  | “A lá, minha vida era trabaja todos los días para comer poco, esa era mi vida lá último ano. Lá a falta de comida eres continua. A la una diária de trabajo no dá para fazer uno almoço. A lá, por exemplo, comer un arroz solo eres uno almoço muitas veces, comer un macarrón solo eres muchas veces uno almoço tambien. Entón, se frequenta mucho la fome a lá. Yo siempre trabaje por mi conta e, por exemplo, yo cortaba lo cabelo, como hacia todas las mañanas, de las seis  |

|  |  |
|--|--|
|  | da mañana até las una de la tarde e hacia uno almoço, solo eso alcanzado para fazer uno almoço e comprar pan para noche, e assim tenia que no otro dia volver para trabajar, mas la todo mundo que no eres barbero e que ganha uno salário mínimo no dá para hacer uno almoço. Entón, si para mi fue mucho difícil, hay muchas personas que pasan peor que eu. |
|--|--|

Fonte: dados da pesquisa

Dado esse contexto, é conveniente observarmos e refletirmos que, apesar das terras brasileiras não ser modelo perfeito de sociedade e de desenvolvimento pleno, muitos encontram nela oportunidades de vivência e experiência menos insalubre de vida. Vale ressaltar também que, não buscamos com isso traçar comparações e nem muito menos elencar entre patamar de superioridade ou inferioridade entre países, mas apenas demonstrar os aspectos e/ou fatores que sobrepujaram para o intenso e forçado fluxo de imigração venezuelana.

Outro fator de característica dissonante entre a imigração boliviana e venezuelana que é importante acentuar diz respeito ao modo de locomoção da cidade de origem até a chegada na cidade de Guajará-Mirim. Desta forma, podemos afirmar que dos 10 entrevistados/ colaboradores, 5 (cinco) colaboradores de origem boliviana chegaram através de porto fluvial e, os outros 5 (cinco) colaboradores utilizaram, predominantemente, ônibus. Quanto a isso, a notoriedade que difere e/ou dificulta é em relação a distância em quilômetros e horas percorridas pelos imigrantes venezuelanos, enquanto os imigrantes bolivianos atravessam em menos de 5 minutos para até chegar à fronteira brasileira. Evidentemente, a opção de locomoção dos imigrantes venezuelanos via ônibus não é a única, há também a opção por via aérea, contudo, tudo depende do local em que eles buscam/ visam se estabelecer e/ou residir, ou ainda da disponibilidade financeira da família<sup>29</sup>.

Outro ponto importante de esclarecermos é sobre a imigração boliviana, uma vez que dada sua proximidade fronteiriça nem sempre há um pedido imediato de regularização documental em terras brasileiras, ou entrada por meios legais. Contudo, a região é marcada pela intensa relação comercial com a Bolívia o que facilita, de certo modo, a intensificação e continuidade dessa rotina ilegal de entrada

---

<sup>29</sup> Dados mais precisos sobre percentual de entradas/ou saídas do território brasileiro e via de locomoção rever o subtítulo 2.2 desta dissertação.

e, muitas vezes, permanência.

Nesse ponto, cabe outra reflexão e questão a ser levantada, se algum dos imigrantes, principalmente, de origem boliviana teve algum problema de natureza social ou política para entrada no Brasil (questionário 1, questão 6). Em aspecto similar, os colaboradores desta pesquisa responderam que não tiveram qualquer problema para sua permanência em terras brasileiras. Todavia, quando foram perguntados sobre fatos que não foram abrangidos nos questionários, mas que gostariam de registrar, todos relataram sobre a dificuldade de atendimento nas instituições e desta forma, configurando violabilidade de direitos fundamentais, quer seja pelo acesso a informações, quer seja pelo atendimento em igualdade de condições longe de qualquer ato preconceituoso ou de desmerecimento da dignidade humana. A esse fato vejamos os trechos de relato dos entrevistados/colaboradores desta pesquisa abaixo.

**Tabela 25 - Violabilidade de direitos fundamentais versus atendimento das/ nas instituições**

| ENTREVISTADO | RESPOSTA   |
|--------------|--|
| A. V. C.     | <p>“Tive, quando fui tirar documento, porque quando eu fui tirar documento, eu gastei um dinheiro bom. Na época, 2000 comecei a tirar passaporte. Fui lá tirar meu passaporte. Eu cheguei aqui, fui pra federal, lá paguei taxa aqui, ali, e paga tradução de documento. Eu gastei muito! Na hora de já tá tudo pronto, eu ainda perguntei para a Secretaria do consulado, digo: “não falta nada?” Ela disse: “tá faltando oh,” não me lembro como chama, “é coren.”. Ai, me disse: “não, volta amanhã que vão atender.” Tá, quando eu cheguei lá, o agente da federal me perguntou: “você já tem a senha? Digo: “não.” “Então não vai ser atendido.” Voltei para o consulado, tinham cancelado, e eu já tinha gastado aquele “mundo de dinheiro”. Porque para nós 2mil, 3mil é muito. Porque somos pobres. [...] Tanto é que não [...] ela (esposa) teria que viajar e tiremos, de um dia para outro, os nomes das minhas filhas só com o nome dela. E eu paguei ainda uns 300 (trezentos) a 600 (seiscentos) reais. Naquela época, que se paga a taxa da federal, paga taxa não sei de quê, eu gastei.[...] Hoje [...] ficou fácil, consulado está aí [...] mas antigamente, eu fui pela associação dos bolivianos e era mais difícil. O cara lá me cobrou, parece mentira, ele cobrou, não me lembro quando me cobrou, mas era caro, e aí eu digo: “vou tirar pela minha conta.” E tirei.</p> |
| L. A. R.     | <p>“No atendimento de antigamente, a gente era bem atendido, eu me lembro! Até pelo delegado. O delegado até participava na</p>  |

|             |   |
|-------------|---|
|             | <p>associação dos bolivianos, com os bolivianos. No tempo era o delegado Severino Moreira da Silva. Ele frequentava a associação dos bolivianos, ele orientava os bolivianos. Não tinha esse negócio de autoridade, superioridade de autoridade, não, ele atendia muito bem! Naquele tempo que eu fui documentada, muito bom o atendimento. Depois [...] mudou de delegado, era o dr Gerônimo Santana, muito bom também, o consul [...] Agora, nessa gestão que nós estamos, nessa época que nós estamos, nesse ano principalmente, e do meio do ano prá cá, tem piorado muito. A gente não conhece o delegado [...] saiu dois atendentes da migração muito bom, saiu o chefe da migração que era muito bom, e agora a gente não tem mais esse atendimento. Eles atendem, mas assim, com aquela voz de autoritarismo, entendeu? As vezes até abusam de autoridade. Aquela questão, assim, vai de julgar primeiro para depois de atender. Vai de julgar, para depois tentar escutar o que tu tem para falar. E uma coisa que eu peço: escute primeiro a história da pessoa, não julgue sem conhecer a realidade”, porque já tem pessoas que tem aquele medo de falar e quando chega tem aquele tom de voz, que tem lá, já não fala nada! As vezes até expulsa essa pessoa, mas não deram nem oportunidade de “abrir a boca” (falar). Porque vou te dizer, que tem muito gente que tem medo até de chegar na policia federal, tem. Tem gente que vem aqui e me diz: “ por favor, me acompanhe, porque eu não tenho condições de chegar lá e explicar, porque não deixam eu falar”. Entendeu? O atendimento esta dessa maneira e tem mais ainda.</p> |
| B. P. R. E. | <p>“Assim quando eu fui lá assim, no começo para dar minha permanência, entrar com minha permanência, fui atendida lá, né? Eu fui com minha irmã, eu lembro, meu cunhado e minha irmã aí pediram lá pra tirar isso, né? Tirar e pagar taxas, essas coisas. E assim, né? Eu era muito leiga, não sabia, era mais ela (irmã) que já também tinha dado entrada, que já sabia dessas coisas. Então, por isso que ficou mais fácil para mim, porque eu já tinha ela, minha irmã, que já tinha dado entrada, já sabia como era o procedimento. E para aquelas outras pessoas que não sabem? não é? que não tem ninguém que oriente. Por isso que eu falei lá na outra pergunta que você me falou, que é bom aquelas pessoas que já sabem como é pra fazer, orientar as outras, os outros irmãos bolivianos para que não seja difícil. Porque lá na federal mesmo, dificultam muito. Se a pessoa não for lá instruída, eles ficam perdidos, porque eles não orientam como deve ser. Os funcionários de lá.” Só que temos muitos bolivianos aqui, não é? Sem documentação e por falta de orientação, tanto do consulado, que eles não ajudam os irmãos bolivianos, como a federal também que complica esse procedimento. E, deveria ter um órgão que orientasse, que facilitasse. Eles mesmo, que são pagos para isso, e eles dificultam.</p>   |

|                |   |
|----------------|---|
| M. H. O. A.    | <p>“Sim, primeiro passei pela federal nessas coisas, né? Aí demorou um pouquinho, mas chegou. Agora tô pra trocar a terceira, né? Aí tem que fazer outro projeto para trocar e, que está um pouco mais difícil agora, aqui, ó, tô fazendo hemodiálise, né? Aí não tem como, porque, com os gastos todos pra poder trocar.”</p>  |
| K. Y. M. H. L. | <p>“Eu tive uma dificuldade. Queria entrar com a certidão de casada, mas a moça de lá (polícia federal), esqueci o nome dela. Ela não te explica direito. Ela não me explicou assim: Você vai dar a entrada com essa certidão de casamento, Ok, mas você precisa ser casada na Bolívia também.” E então, eu perguntei de várias pessoas, para poder dar entrada, e elas falaram: “porque não dá entrada com as certidões dos seus filhos?”. Porque pra eu dar entrada de casada, tinha que pedir vários papeis e outros documentos. E sairia mais caro, e eu dei entrada com os documentos dos meus filhos e não paguei nada. Só que ela não te explica direito, o que precisa fazer, mas deu certo, dei entrada com a permanência. Ainda bem que eu consegui, porque tem gente que tá tentando e não consegue. Porque tem gente que não te explica direito onde tem que procurar para tirar os documentos e tem uns que te explica direitinho. Por isso, teve um moço que me atendeu, que foi bem rápido, ele até falou que: vários vieram antes de você e não consegui, o seu já está à caminho. Por isso até admirei. <b>(Quantas vezes você precisou ir na polícia federal?-entrevistadora)</b> Hiii! Várias! (risos) várias vezes. Ai, quando eu levava um documento, ela falava que estava certo e depois: “esse aqui não esta certo, precisa de outro documento”. Ai, quando eu fui com o moço, ele falou: “tá tudo aqui seus documentos e só dá entrada.” Foi rapidão! <b>(Nessas idas e vindas, qual era o teu sentimento em relação a isso? –entrevistadora)</b> Desistir! (risos) Já estava tudo meio caminho andando, mas no mesmo tanto, eu tinha que procurar, porque tinha que tirar carteira de trabalho, para poder trabalhar com carteira assinada. Era isso que estava procurando à mais, para poder ter carteira de trabalho.</p> |
| C. A. P. B.    | <p>Tivemos poucas dificultades, pero nuestras documentaciones foran feitas em la entrada de la frontera.</p>  |
| D. E. V. M.    | <p>“Foi um percurso difícil, estressante e cheio de obstáculos. Não pela minha culpa, mas por conta da má vontade da polícia federal de Guajará-Mirim. Por que eu falo Guajará-Mirim? Não sei se foi a aqui no áudio que estava te falando, ou em outro áudio, não sei, mas eu sei que te falei quantas vezes eu já fui na polícia federal fazer o mesmo procedimento. Acontece que</p>   |



esse procedimento, eu até pensei fazer em Porto Velho, eu me comuniquei com o pessoal de lá, de Cáritas, não, de “Europan” de Porto Velho, pra saber como que era. Quando me comuniquei com eles, fiquei sabendo que lá é totalmente diferente. Lá, o atendimento é rápido, não tem obstáculo, e não tem tanta burocracia quanto aqui. [...] Tem a mulher onde eu trabalho [...] Ela precisava atualizar um negócio do banco, mas a sua residência está vencida. Ela foi lá, na polícia federal, e mesmo ela tendo anos com comprovação que passa por aqui, morar aqui, morar lá, sei lá! (mudança de casa) Tudo certo! A polícia federal não quis fazer para ela a renovação. E o cara, um dos policiais [...] que foi o mesmo cara que falou para mim que precisava eu, mesmo sendo maior de idade, da presença da minha mãe para ela certificar o meu atendimento, tipo a minha documentação. Ele falou para ela: “eu não quero fazer um negócio pra ti, eu não faço.” E acabou fazendo no final, deu certo porque acabou fazendo pra ela, só, é unicamente, porque a filha dele, minha amiga, estuda aqui, e passa o tempo dela, que ela se vê afetado por isso, não sei como, mas ele falou assim: “eu só estou fazendo agora, só porque tu tem tua filha.” Então o atendimento é xenofóbico! A polícia federal de Guajará-Mirim é xenofóbica com todo migrante, seja da Venezuela, seja da Colômbia, seja da Bolívia, mas principalmente com bolivianos e venezuelanos. Com venezuelanos e bolivianos é a xenofobia. Entendeu? E é isso que acontece, e a minha situação se viu afetada por isso mesmo, foi obstaculizada de propósito pela entidade. Só pelo fato de não querer. Eu acho que um fato relacionado com o gosto de ver sofrer os demais. Porque, tu sabe! Eles tão consciente que estão fazendo uma coisa errada e que isso só vai gerar coisas ruins pra pessoa, né, pro migrante, certo!? Seja da Venezuela, seja da Bolívia, mas se eles fazem de propósito, por que gostam! Não tem outra explicação, porque não tem. A entrega da documentação é sempre feita de propósito para dificultar o processo e pra dilatar o mesmo. Como? Eles te pedir uma coisa, aí tu leva, eles falam: “não tem como aceitar isso, porque não tem o cara encarregado”. Tá bom! Tu volta depois: “não tem como! não tem como! não tem como!” Isso sempre, sempre da ida lá. Eu fui, primeiro fui quinta, ela falou: “não tem o policial encarregado, volte amanhã.” Voltei no dia seguinte, sexta: “não tem o policial, volte segunda.” Não consigo (não consegui) voltar a segunda, porque eu já tô ciente de como que eles são, e sei que estão só no enrolamento comigo. Fui terça, e ela colocou o argumento que, justamente na segunda-feira, que eu não fui, era que estava policial e você perdeu. Nossa, mas tipo: “meu jovem, justamente na segunda-feira, que estava disponível, o senhor não veio, eu falei pro senhor vir, o senhor não veio.” O dia, sexta-feira, que eu vim (fui ao local), ela tendo falado para mim que poderíamos resolver tudo (...), quando ela me falou na quinta-feira para resolver tudo, sexta-feira eu

|             |   |
|-------------|---|
|             | <p>cheguei, ela falou assim para mim: “me diga, meu jovem, que o senhor tem resolvido?” Eu respondi para ela: “mas não é a senhora que tem resolver?” Eu tenho todos meus documentos aqui. Geralmente, eles enrolam de propósito para dilatar o tempo. Cada documento tem um prazo de vencimento. Quanto mais dilatado, mas o prazo de vencimento fica perto. E quanto tu vai levar, eles vão falar: “nossa” (isso quando eles acabam aceitam, porque ele sabe, não são idiotas), nossa, o prazo de vencimento era ontem, não posso aceitar porque já venceu. Tem que fazer de novo.”</p>   |
| L. B. C. N. | <p>“Eu entre pela frontera con Pacaraima, ai a gente tinha un poco de medo, porque falam tanta cosa, que a gente não sabe, mas como a gente já vem com medo do nosso país, porque nosso país rouban nosso telefone, rouban diñero, um monte de cosas.</p>   |
| E. G. C. G. | <p>“Para renovar, ache um poquito difícil, porque no conocia las personas, ay personas que no nos quiere ayudar, nos orientar. Entonces, fue mucho difícil, quen nos ayudor fue você, entón no se fue tão difícil ahora. Penso que esta em processo e, bueno logo estará renovado. Mas antes no tenia conocimiento, fue em la federal mais de duas veces e retornarvamos. Era difícil, de bike, com las niñas, pero, gracias a Dios colocamos nas manos de Dios e, bueno usted nos ayudo.</p>   |
| L. E. F. C. | <p>“Por exemplo aqui em Brasil, consulta médica, aqui en Guayará é un poco difícil, no tiene como hacer nem una cosa, nem uno examen [...] e la documentación é um poco difícil tambien, renovar documento, é bem difícil, mas se logra, so que tiene que correr atras para fazer. A primera vez ficamos em Boa vista para renovar, eu con mi familia, fique uno dos meses ali, atras disso. Aqui em Guayará tambien, fique atras unos três meses atras de documento. Gracias a Dios, ya lo renovamos. Senti muitas personas, no todas, que estan acostumbradas a atender lo migrante como sí fosse una persona normal, no, no, una persona normal que viene do sufrimiento, de uma lucha, de fugir de uno país, de pasar tanta fome, tanto problema, e a persona necessita de uno abraço, una buena palabra, una palabra dulce. Entón, muitas personas que atendem o migrante assim (gestos de pouco caso, sem importância) tipo qualquer persona, tipo: “passe, sente, o que precisa?” Eu acho que muitas veces o migrante no si sente seguro, mas não vai a falar para toda persona, mas sí para personas que (gesto de presença e/ou acolhimento). Yo penso que, muitas veces es una falta de orientación a esse funcionario que no sabe como vai ser esse “abraço”, una palabra dulce, una palabra amable que ele (migrante) se sienta com mais fuerza, reciba fuerza! Porque la verdad para salir de uno país e, no ver una persona que te abraçe e que te fale: vem, camión conmigo por aqui, que eu vou</p> |

|  |  |
|--|--|
|  | <p>te ensinar a caminhar, dio voy a te ensinar como fazer las cosas.” É un poco difícil, no? Yo, personalmente, procure muito, mas so Dios fue abrindo las puertas. Mas é bom iso que falamos sobre refugio, ali é que tiene que estar aquela persona del “abraço”, uma persona que te oriente, uma persona que te fale: “o que esta precisando? Você quer trabajar? Você quer fazer uno curso?” Entón, ali orienta-lo para que a persona se sinta mais segura e posa seguir su vida em otro país.</p> |
|--|--|

Fonte: dados da pesquisa

Notoriamente, percebemos pelos relatos dos entrevistados/colaboradores que os atendimentos realizados pelas instituições deixam muito a desejar e, até mais que isso, muitas vezes configura-se um impasse para que os imigrantes tenham/consigam uma condição de regularidade e uma melhoria de vida e emprego. Ainda que não tenha se delineado o objetivo desta pesquisa apontar dados primários sobre a dificuldade dos imigrantes que tiveram dificuldade e, muitas vezes, ainda continua na invisibilidade, em relação a contemplação em empregos fixos, é imprescindível acentuar que, mais de 90% dos imigrantes entrevistados pelo projeto PCPR II, relataram, a partir do ato da escuta, que além de terem dificuldade de regularização e/ ou qualquer busca de informações nas instituições, outra realidade que é factível para sua sobrevivência é o de aceitar valores em dinheiro abaixo do comum em troca da força de trabalho para o sustento familiar.

Em relação as instituições que poderiam realizar esse primeiro processo de escuta e retirada dos imigrantes da invisibilidade é a SEMTAS, quer seja colocando-os e/ou registrados no CAD único, para que assim obtivesse direito de auxílio e ajuda governamental, ou em outra perspectiva, fosse possibilitado a dignidade plena de direitos humanos, contudo, o processo também se formula burocrático, pois mais uma vez a dificuldade com a língua do outro se transforma em múltiplas fronteiras. Interessa sabermos que, mais uma vez, o impasse documental de regularização na polícia federal, essa relatada extensivamente pelos colaboradores desta pesquisa, aqui também se faz empecilho para efetivar o cadastro para de direito de receber outros benefícios e/ ou ajudas na referida instituição.

Ademais a isso, atualmente outro fator na SEMTAS corrobora para a continuidade na invisibilidade, a esta traremos à luz dois fatores principais relatadas pelos entrevistados no projeto PCPR II, a falta e/ou novos modos operantes de recebimento e explicação/informação dos procedimentos e documentos necessários

para apresentação e realização do cadastro, de outro modo poderíamos inferir a precisão de mais empatia por parte dos atendentes (em geral), e o outro fator diz respeito a apresentação de documento de residência autenticado (quando estiver em nome de terceiros). A essa condição, aparentemente, corriqueira não se tornaria problemática, se por acaso, não tivéssemos registros que indicam cerca de 49% dos imigrantes em casas de terceiros, alugadas ou outro afim, como apresentamos no subtítulo 4.2.1 (gráfico situação de residência).

Nesse contexto, vale ressaltarmos mais duas causas interligadas e extra institucional que o imigrante não consegue realizar o cadastro. A primeira é quando há a permissão da pessoa que cedeu, ou alugou a casa ao imigrante para autenticar em cartório o reconhecimento da permissão de residência no local, mas, quando apresentado e colocado no sistema do CAD único, há conflito de cadastro, uma vez que, provavelmente já se tenha registro do CPF e/ou nome do cedente, não sendo possível efetivar o cadastro do imigrante. Na outra situação o cedente, simplesmente, não permite o reconhecimento e, assim o imigrante também não tem a possibilidade de efetivar o cadastro, por ser um item obrigatório a ser apresentado caso a residência esteja em nome de terceiros.

Ainda que, tal situação de dificuldade seja perceptível, as terras brasileiras ainda se mostram frutíferas para almejar um futuro mais vicejante. Essa asserção, torna-se concreta quando perguntados sobre a intenção de permanência ou retorno para seus países de origem. (questionário 1, questão 28) e obtivemos a positividade de continuidade no Brasil dos 10 entrevistados/colaboradores desta pesquisa. Desta forma, apesar das múltiplas fronteiras que o espaço fronteiriço de Guajará-Mirim contém, se mostra um espaço de acolhimento e de multiplicidades linguísticas e identitárias que fazem dela uma cidade rica em diversidade e um espaço para crescimento social.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados da pesquisa apontam que os imigrantes venezuelanos e bolivianos, em sua maioria, buscam por áreas fronteiriças e, ainda que na cidade de Guajará-Mirim não se tenha registros oficiais de entradas e/ ou permanência maciça, muitos imigrantes se “movem” dentro desse espaço de forma ilegal. De certa forma, o status de mobilidade (ainda que temporária), ou residência acarreta no contato direto com a população ribeirinha, que já possui uma população caracterizada pela

mescla de migrantes nordestinos, seguidos de outros imigrantes - indianos, gregos, chineses, barbadianos, espanhóis, cubanos, libaneses, norte-americanos, alemães e portugueses advindos do tempo da construção da EFMM

A partir de registros informais, observamos que a maioria dos imigrantes venezuelanos dão entrada pela fronteira da capital Roraima, outros ainda, em pequena quantidade dão entrada pela fronteira da Brasil/ Bolívia. Desse segundo fenômeno de mobilidade, pouco se tem registros, dado que a maioria dos imigrantes se encontram em estado de constituição linguística fortemente arraigado à manutenção de sua cultura de origem, pois se formam pequenas “famílias nômades”.

Quanto à idade, a maioria dos imigrantes encontra-se dentro dos padrões de procura laboral, com interesse de continuidade de estudos e formação superior. Preliminarmente, ainda não foi possível observar, a partir das conversas informais, a problemática relacionada à exploração sexual de mulheres imigrantes no período de sua entrada e residência no Brasil. Especialmente na cidade *lócus* desta pesquisa, as mulheres se estabeleceram com seus cônjuges e, em outros casos, o parceiro se estabeleceu e logo em seguida conseguiram “trazer” a parceira.

Em relação as ajudas e/ou auxílio institucionais na cidade de Guajará Mirim, notadamente, há vários fatores que reclamam emergência. O primeiro deles é que, apesar da cidade ser constituída pelos intensos fluxos migratórios, não houve grandes preocupações em fomentar e estruturar lugares e/ou casas de acolhimento aos imigrantes que aqui chegam, ou se deslocam pela fronteira. Desta forma, a atenção básica e de direito fundamental do imigrante é totalmente negligência nesse sentido.

Outro fator preocupante é que, as estruturas de atendimento do município, no que concerne aos imigrantes, predominantemente, não estão aptas a receber com total dignidade os que já se encontram em vulnerabilidade, tanto pelo aspecto receptivo, quando pelo aspecto informacional. Uma medida que julgamos ser factível e paliativa com retorno a curto prazo, seria a promoção de formações e/ou cursos de aprimoramento, ou ainda, como registram muitos dos imigrantes que aqui residem, o atendimento por uma pessoa que compreenda a língua espanhola, facilitando a comunicação e a interação.

Ainda em relação ao atendimento nas instituições e do município, é preciso maior incidência de políticas voltadas para a demanda dos imigrantes, dado que há

uma obscura fronteira burocrática que impele muitos de se legalizar, como também da possibilidade de receber benefícios para assegurar a sobrevivência.

Notadamente, muitas coisas, passam pelo juízo de valor de alguns que detêm o poder de decidir a vida daqueles que desconhecem. A este fato, ressaltamos, sobretudo, porque muitos dos imigrantes que residem nessa cidade, possuem até certo ponto, dificuldade de renovar e ou dar entrada a documentações obrigatórias para permanência no Brasil. Isso de fato é uma constatação que podemos sentir na pele no tempo que estivemos à frente e representando o projeto PCPR II em Guajará-Mirim. A espera infinita por informações, ou pelo responsável legal que possa dar início às demandas de papeladas do processo de legalização do imigrante; os constantes retornos pelas informações fragmentadas; fora quando nada disso se valia, era empunhando como recusa para a não tratativa do assunto, a falta da pessoa competente para gerenciar determinado maquinário tecnológico, ou de carimbo de aceitação inicial.

Imaginamos por vários momentos, o quando é depreciativo e humilhante, talvez até preconceituosa, toda essa situação, no qual muitos imigrantes precisam se colocar, para quem sabe ter uma vida mais digna, algo análogo, por muitas vezes, ao quadro da imagem de Portinari “os retirantes”. Todas as vezes que lembramos uma frase dita por um atendente da PF: “ele voltará quantas vezes for preciso, não é problema meu”., uma pergunta ressoa em nosso íntimo, e ainda nos parece distante de ser resolvida: O que é preciso para que um sujeito, sobretudo, aqueles trabalham em instituições voltadas para o atendimento dos imigrantes e migrantes, possa tratar com mais empatia e/ou alteridade esses que se encontram em vulnerabilidade?

Não muito distante, vimos até um esforço da igreja Católica para alcançar os mais necessitados, contudo ainda sim, deixamos uma crítica que julgamos ser construtiva, pois a emergência dos imigrantes não tem prazo de início e de final, é preciso que a ajuda seja contínua, não para uns em detrimento de outros, mas sim, que preocupados com o bem estar social de todos, procurem junto das autoridades formas de ampliar e assegurar o mínimo de dignidade a pessoa humana. A essa referência citamos, por termos tido a possibilidade de participar da semana dos migrantes em setembro de 2022, evento, que por sinal, além de bem difundido contou com a participação de autoridades municipais e de justiça. Na oportunidade, o evento ocorreu no Ministério Público, contando com participação da sociedade

envolvida e, expondo as mazelas e vivências das quais rotineiramente os imigrantes sofrem. A partir disso, foi redigida uma carta, com a promessa e as primeiras demandas mais urgentes a serem resolvidas, contudo, ela nem chegou a ser divulgada, restando mais uma vez para os imigrantes a espera, por algo ou alguém que possa dar visibilidade para ser resolvida, ainda que minimamente, do básico para a dignidade humana.

Por fim, sem intenção de esgotar e debater todas as questões levantadas nesta pesquisa, focalizamos, principalmente, os objetivos propostos, entretanto, também temos certeza que esta dissertação será de grande valia para a sociedade e para uma outra visão do aspecto migratório, além de passível para outras reflexões e trabalhos posteriores que concernem no mesmo viés temático.

## REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Fronteiras múltiplas, identidades plurais: um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural**. São Paulo: Senac, 2002.

AMARAL, Nair Ferreira Gurgel; *et al.*. **Linguagens, identidades e pluralidade cultural**. Curitiba: Editora CRV, 2015.

BAENINGER, Rosana; CANALES, Alejandro (coord.). **Migrações fronteiriças**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquió”. Nepo/ Unicamp, 2008.

BAENINGER, Rosana; *et al.* (coord). **Migrações Sul – Sul**. 2. ed. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquió”. Nepo/ Unicamp, 2018.

BAENINGER, Rosana; JAROSHINSKI SILVA, João Carlos. (coord.). **Migrações venezuelanas**. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquió”. Nepo/ Unicamp, 2018.

BAENINGGER, Rosana; VEDOVATO, Luís Renato; NANDY, Shailen (coord.). **Migrações internacionais e a pandemia de Covid-19**. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquió”. Nepo/ Unicamp, 2020.

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. Entrevistas a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro :Jorge Zahar,2005.

BRASIL. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ Ato2015-2018/2018/Lei/L13684.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2015-2018/2018/Lei/L13684.htm). Acesso em: 29 junho 2022.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/>. Acesso em: 29 junho 2022

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS <https://cartagena30.acnur.org/pt-br/antecedentes-e-desafios/> Acesso em:29 junho 2022

BRASIL. **LEI Nº 9.474, DE 22 DE JULHO DE 1997**. Implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9474.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9474.htm) Acesso em 29 junho 2022

BRASIL. **DECRETO Nº 4.210, DE 24 DE ABRIL DE 2022**. Protocolo de Ushuaia sobre o Compromisso Democrático no Mercosul, Bolívia e Chile. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2002/D4210.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/D4210.htm) Acesso em: 29 junho 2022

BRASIL. Casa Civil. **Polícia Federal atualiza números da migração de venezuelanos em RR**. Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt->



[br/assuntos/noticias/2018/outubro/policia-federal-atualiza-numeros-da-migracao-de-venezuelanos-em-rr](https://br/assuntos/noticias/2018/outubro/policia-federal-atualiza-numeros-da-migracao-de-venezuelanos-em-rr). Acesso em 01 de junho 2022.

BRASIL. **Ministério da Defesa**. Operação Acolhida. Disponível em: <https://www.gov.br/defesa/ptbr/assuntos/exercicios-e-operacoes/acoes-humanitarias/operacao-acolhida#:~:text=A%20Opera%C3%A7%C3%A3o%20Acolhida%20iniciouse%20em%20fevereiro%20de%202018%2C,uma%20situa%C3%A7%C3%A3o%20de%20calamidade%20ao%20estado%20de%20Roraima>. Acesso em: 01 de junho 2022

BOSI, Ecléia. **Memória e identidade**: lembranças de velhos. São Paulo:Tao,1979.

CALVET, L. J. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. 1º ed.5º reimpressão.São Paulo: Contexto,2019.

CENTRO BRASILEIRO DE ESTUDOS DA AMERICA LATINA. **Tradução humanitária e mediação cultural para migrantes e refugiados**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2021.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Convenção da Apostila da Haia**. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/convencao-da-apostila-de-haia/> Acesso em: 01 junho

COTINGUIBA, Marília Lima Pimentel; COTINGUIBA, Geraldo Castro. **Imigração haitiana para o Brasil**: os desafios no caminho da educação escolar. Chapecó: revista pedagógica, 2014.

DURVAL, Fernandes; BAENINGER, Rosana (coord.). **Impactos da pandemia de Covid-19 nas migrações internacionais no Brasil**: resultados de pesquisa. Campinas, São Paulo: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó”. Nepo/Unicamp, 2020.

EDGAR, Andrew; SEDGWICK, Peter. **Teoria cultural de A a Z**: conceitos chave para entender o mundo contemporâneo. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

FABRICIO, Branca Falabella. **Linguística aplicada e visão de linguagem**: por uma INdisciplinarietà radical. In. Revista Brasileira de Linguística Aplicada. Belo Horizonte, v.17, n. 4, p. 599-617, 2017.

FERREIRA, Lucia M.A.; ORRICO, Evelyn G.D.. **Linguagem, identidade, e memória social**: novas fronteiras, novas articulações. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FONSECA, Dante Ribeiro da; TEIXEIRA, Marco Antonio Domingues. **História regional (Rondônia)**. 4º ed.Porto Velho: Nova Rondoniana, 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas,2002.

\_\_\_\_\_. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo:

Altas, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vertice, 1990.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Trad. Daniel Miranda e Willian Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio: Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. A identidade na pós-modernidade. 2ª edição. RJ: DP&A, 1998.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 9 eds. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LANDER, Edgardo (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005. Disponível em: [https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4371/1/RICARDO\\_NASCIMENTO\\_ABREU.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4371/1/RICARDO_NASCIMENTO_ABREU.pdf). Acesso em: 24 março 2022.

MIGNOLO, Walter. **Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política**. Caderno de Letras da UFF. Dossiê Literatura, língua e identidade, n. 34, p. 287-324, 2008.

\_\_\_\_\_. **Histórias locais/ projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento limiar**. São Paulo: Editora UFMG, 2003.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Pesquisa interpretativista em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução**. Revista eletrônica *DELTA: Documentação E Estudos Em Linguística Teórica E Aplicada*, 10(2), 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45412/29985>. Acesso em: 22 março 2022.

\_\_\_\_\_. (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4ª ed. 1ª reimpressão- São Paulo: Contexto, 2012.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina [Orgs.]. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2012. v. 2, cap. 4, p. 113-165

PERDIGÃO, Francinete; BASSEGIO, Luiz. **Migrantes amazônicos- Rondônia: a trajetória da ilusão**. Edições Loyola, São Paulo: 1992.

PINTO, Auxiliadora dos Santos. **O conservantismo na fala de migrantes nordestinos pioneiros em Guajará-Mirim, RO**. Dissertação de Mestrado, Fundação Universidade Federal de Rondônia, 2005.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz,

2016.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

\_\_\_\_\_. **Eu, Tu, Ele**: discurso do real da história. Campinas, São Paulo: Pontes editores, 2017)

## ANEXO I

### FICHA DE CADASTRAMENTO - PROJETO: PCPR II ARTICULAÇÃO GUAJARÁ MIRIM / RONDÔNIA

**1. Nome completo (Ponto Focal):**

**2. Nacionalidade:**

**3. Data de nascimento:**    /    /

**4. Idade:**    Anos

**5. Gênero:** ( ) Masculino ( ) Feminino **Outro:**

**6. Estado civil:**

**7. Status Migratório:** ( ) Refugiado ( ) Residente ( ) Solicitante de Refúgio ( )  
Visto Temporário

( ) Permanente    ( ) Indocumentado    ( ) Comunidade de Acolhida

**8. Documento de Identificação do Ponto Focal:**

( ) Cédula de Identidade ( ) RG ( ) RNM ( ) Passaporte ( ) Protocolo de  
Refúgio/residência

**9. Número do Documento do P.F.:**

**10. Data de Validade do Doc.:**

**11. Possui CPF?** ( ) Sim ( ) Não

**12. Número do CPF:**

**13. Nome completo da Mãe do P.F.:**

**14. É Indígenas?** ( ) sim ( ) não. Qual etnia: \_\_\_\_\_

**15. É LGBTIQ+?** ( ) Sim ( ) Não

**16. Número de Pessoas por Família:**

**17. Tem filhos?** Sim( ) Não ( )

**18. Todos seus filhos estão com você?** ( ) sim ( ) não

| Nome | Data Nac. | Idade | Gênero | Parentesco | Documento |
|------|-----------|-------|--------|------------|-----------|
|      |           |       |        |            |           |
|      |           |       |        |            |           |
|      |           |       |        |            |           |
|      |           |       |        |            |           |

**19. Escolaridade:** ( ) Sem escolaridade ( ) Fundamental incompleto  
 ( ) Fundamental ( ) Médio incompleto ( ) Médio completo ( ) Técnico  
 ( ) Ensino superior

**20. Profissão:**      **21. No momento você está trabalhando?** ( ) Sim ( ) não.

**22. Como ganha renda?**

( ) emprego formal ( ) emprego informal ( ) Venda Ambulantes ( ) Qualquer labor ( ) Mendigagem ( ) Outro: \_\_\_\_\_

**23. Quantas Mulheres Grávidas estão em sua casa?**

**24. Você ou alguém do seu grupo familiar tem alguma deficiência?**

**Quem?**

**Qual é a deficiência?**

( ) Física ( ) Sensorial (em qualquer direção) ( ) Intelectual ( ) Psíquico (Comportamento)

( ) Visceral (deficiência em algum órgãos)

**25. Você ou alguém do grupo familiar tem alguma enfermidade?** ( ) Sim ( ) Não,

**Quem?**

**Qual enfermidade?**

**26. Todos adultos já foram vacinados contra a Covid-19?** ( ) sim ( ) Não

**27. Em que estágio do cronograma de vacinação você se encontra?**

( ) Primeira Dose ( ) Primeira e segunda dose ( ) Primeira, segunda e dose de



( ) Regularização ( ) Outro: \_\_\_\_\_

**37. Quando chegou no Brasil?**

**38. Por onde chegou?**

**39. Quando Chegou em Guajará-Mirim?**

**40. Tem interesse de ficar em Guajará? ( ) Sim ( ) Não**    **41. Para onde quer ir?** \_\_\_\_\_

**42. Outras observações:**

**43. Instituição ofereceu o seguinte apoio (encaminhamento)**

## ANEXO II

### QUESTIONÁRIO 1

#### I PARTE: PERFIL DO ENTREVISTADO

Identificação:

Nome:

.....

Apelido:

.....

Sexo: ( ) M ( ) F

Idade:

.....

Naturalidade – Cidade: ..... Estado:

.....

Descendência

.....

Endereço:

.....

.....

Religião:

.....

Escolaridade:

.....

Profissão:

.....

#### II MOTIVAÇÃO PARA SAÍDA DO PAÍS DE ORIGEM:

1. Qual foi o motivo da saída do seu país?

- ( ) Busca por melhores oportunidades de trabalho
- ( ) Fatores climáticos
- ( ) Perseguição Política
- ( ) Instabilidade Financeira
- ( ) Ambiente social desfavorável

2. Por que você escolheu o Brasil como sua nova morada? Ordene de 1 a 5, onde o 1 é menos importante e 5 o mais.

- ( ) ambiente social amigável
- ( ) situação econômica boa
- ( ) estabilidade política
- ( ) destino muito seguro
- ( ) oportunidades de emprego e estudos

3. Há quanto tempo você está no Brasil?

- ( ) Menos de 1 ano
- ( ) 1 a 2 anos
- ( ) 2 a 3 anos



- ( ) 3 a 4 anos
- ( ) 4 a 5 anos
- ( ) Mais de 5 anos

4. Que transporte utilizou para chegar até o Brasil?

- ( ) ônibus
- ( ) avião
- ( ) barco
- ( ) van
- ( ) carro
- ( ) outro. Especifique \_\_\_\_\_

5. Você teve ajuda financeira para conseguir chegar ao Brasil? Se teve, de quem?

.....  
.....  
..

**III INTEGRAÇÃO NO NOVO LOCAL:**

6. Teve algum problema de natureza social ou política para entrar no Brasil?

- ( ) Não
  - ( ) Sim
- Qual (quais)?

.....  
.....  
..

7. Qual foi a principal dificuldade encontrada na sua chegada ao Brasil?

- ( ) a língua
- ( ) a cultura
- ( ) a burocracia
- ( ) as pessoas

8. Como você imaginava o local e as pessoas aqui do Brasil?

.....  
.....  
..

9. Você sabia algo sobre as leis de imigração do Brasil quando chegou?

- ( ) Sim
- ( ) Não

10. Você veio casada (o) para o Brasil ou casou aqui?

.....  
.....  
..

11. Qual a nacionalidade de sua esposa? Interferiu na sua escolha essa nacionalidade?

.....  
.....

12. Por que escolheu a estado de Rondônia para se “fixar” ?

.....  
 .....  
 ..

13. No(s) lugar(es) que você frequenta, privilegia-se a interação com pessoas de nacionalidade brasileira para tentar aprender/ aperfeiçoar a Língua Portuguesa?

.....  
 ..

14. Procurou aprender a língua portuguesa com outros migrantes ou imigrantes com quem teve ou tem contato?

- Sim  
 Não

15. Frequentou ou frequenta algum curso de língua portuguesa?

- Sim  
 Não

16. Com relação ao seu modo de falar, que língua você utiliza para comunicar aqui no Brasil?

- Espanhol  
 Castelhana  
 Português  
 Portunhol

17. Você acredita conseguir se comunicar bem em língua portuguesa?

- Sim  
 Não  
 Depende da situação

18. Na sua opinião, a língua portuguesa pode ser considerada uma língua?  
 Se sim qual?

.....  
 ..

19. Conseguiu desenvolver o sentimento de pertencimento em relação ao Brasil?

- Sim, totalmente  
 Parcialmente  
 Ainda não

20. Você já precisou mudar a sua maneira de falar para se sentir aceita em determinada situação?

- Sim  
 Não

21. Houve algum episódio em que você percebeu que estava sendo excluído de algo

simplesmente por ser estrangeiro? ( ) sim ( ) não  
Se sim qual?

.....  
.....  
..

22. Como imigrante a mais tempo no Brasil, o que acha que deveria ser feito para ajudar aqueles que chegam?

.....  
.....  
..

23. Você se sente representado pelas campanhas das mídias sociais e digitais que abordam temas relacionados à situação de imigrantes/ refugiados no Brasil?

- ( ) Sim  
( ) Não  
( ) Às vezes

24. Você em algum momento na chegada em terras brasileiras foi alvo de preconceito por sua origem? Ou sofreu qualquer outro tipo de violência?

.....  
.....  
..

#### **IV INTEGRAÇÃO NO NOVO LOCAL:**

25. Você costuma se encontrar com pessoas que vieram do seu país para manter vivos a sua cultura e idioma? ( ) sim ( ) não

26. Que recursos você utiliza para amenizar a saudade da sua terra natal?

- ( ) fotos  
( ) interação em redes sociais  
( ) eventos sobre o seu país ou cultura

27. Com que frequência você se comunica com os seus familiares que ficaram em seu país de origem?

- ( ) diariamente  
( ) semanalmente  
( ) quinzenalmente  
( ) mensalmente

28. Você pretende voltar a morar em seu país de origem?

- ( ) Sim  
( ) Não

**ANEXO III**

**QUESTIONÁRIO 2**

**I PARTE: INTEGRAÇÃO COM OUTRAS PESSOAS**

1. Há quanto tempo o senhor / a senhora reside nesta localidade? Como e por que veio morar neste lugar?

.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....

2. Descreva o local onde você residia no país de origem e onde reside atualmente.

.....  
.....  
.....  
.....  
.....

3. Sente dificuldades em relação à língua local?

.....  
.....  
.....  
.....

4. Qual a sua atividade profissional (tipo de trabalho)?

.....  
.....  
.....  
.....

5. Você já exerceu outras atividades profissionais diferentes da sua área de formação? Quais?

.....  
.....  
.....

6. O que você acha do povo brasileiro? Comente.

.....  
.....  
.....

7. Você participa de festas religiosas ou esportivas no local onde mora?

.....  
.....  
.....

8. Comente brevemente como é essa experiência?

.....  
.....

.....  
.....  
.....

9. O que motivou a sua vinda para a cidade de Guajará-Mirim?

.....  
.....  
.....  
.....

10. Diga fatos não perguntados a você por meio deste questionário, mas que gostaria de registrar:

.....  
.....  
.....  
.....